



cobiçada

livro #10
na série Memórias de um Vampiro

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Direitos reservados© 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPITULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

*"Oh! Que noite abençoada! Tenho medo,
de um sonho,
lisonjeiro em demasia para ser realidade."*

*William Shakespeare, **Romeu e Julieta***

CAPÍTULO UM

Caitlin Paine acelerou pela West Side Highway, determinada a chegar aos Cloisters antes que fechassem. Sua mente girava enquanto ela refletia sobre todos os problemas que estavam cercado Scarlet – problemas que nenhuma adolescente deveria ter. Scarlet estava se transformando, Caitlin tinha certeza disso. Ela não era mais um mero ser humano e, a cada dia que passava, ela estava piorando.

Caitlin sentiu que sua filha estava se tornando o que ela mesma, Caitlin, uma vez havia sido: um vampiro.

É claro que Caitlin não tinha nenhuma memória sobre ser um vampiro; mas, pelo que ela havia lido no diário encontrado em seu sótão – seu diário de vampiro – ela sentia que tudo fora real. Se o jornal fosse verdade, e ela sentiu que sim, então, uma vez ela havia sido um, muito tempo atrás; e, de alguma forma, ela havia acabado ali, no presente, com uma vida normal, uma família normal e sem memórias sobre sua vida anterior.

A única coisa diferente era que sua família estava longe de ser normal. Sua vida estava longe de ser normal. Sua filha, de alguma forma, estava se tornando o que ela mesma era anteriormente.

Caitlin desejou, pela milionésima vez, que ela nunca tinha encontrado o diário. Sentia que a descoberta fora como abrir a caixa de Pandora, foi o que havia suscitado aquele desfile de pesadelos. Ela desejou desesperadamente que pudesse simplesmente fazer tudo voltar ao normal.

Ela precisava de respostas. Precisava saber, ter certeza, que tudo era verdadeiro. Já que ela não podia forçar as coisas a voltarem ao normal, então ela precisava, pelo menos, saber mais sobre o que estava acontecendo com Scarlet. E descobrir se havia alguma maneira de impedir isso.

Enquanto dirigia, Caitlin pensou novamente sobre os livros raros que tinha encontrado em sua biblioteca. Acima de tudo, ela pensava sobre aquele volume raro e sua página rasgada. Pensou em sua antiga cerimônia, aquela em latim, com a sua cura para o vampirismo. Ela se perguntou de novo se aquilo seria real. Ou era apenas um antigo folclore? Um conto da carochinha?

Qualquer estudioso conceituado, é claro, diria que sim. E uma parte dela também queria ignorá-lo. Mas outra parte estava agarrada a ele, agarrada a esta última esperança para salvar Scarlet. Pela milionésima vez, ela se perguntava como poderia encontrar a outra metade daquela página. Ela vinha de um dos livros mais raros existentes e, mesmo que ela pudesse, de alguma forma, conseguir rastrear outra cópia, quais eram as chances de a outra metade da página estar lá? Afinal de contas, a página tinha sido arrancada, provavelmente para escondê-la. Mas de quem? De que? O mistério só aprofundava em sua mente.

Ela tentou se concentrar em seu próprio diário, sua própria caligrafia de séculos atrás, em sua descrição do clã de vampiros sob os Cloisters. Ela havia escrito sobre uma câmara secreta que conduzia ao clã, lá em baixo, em um andar subterrâneo. Ela precisava saber se era real. Se havia algum sinal, qualquer sinal, para então autenticar tudo aquilo em sua mente, isso lhe permitiria seguir confiante. Mas, se não houvesse nenhum sinal ali, então ela não acreditaria mais em seu diário.

Caitlin saiu da estrada e percorreu o Fort Tryon Park, que a levou para a entrada principal do Cloisters. Ela dirigiu por uma rampa

estreita e sinuosa e, finalmente, estacionou diante daquela estrutura maciça.

Quando ela saiu do carro, ela parou e olhou para cima; por alguma estranha razão, o lugar lhe parecia surpreendentemente familiar, como se houvesse sido um local importante em sua vida. Ela não conseguia entender o porquê, pois, até onde ela sabia, ela só tinha visitado ali uma ou duas vezes. A menos, é claro, que tudo em seu diário de vampiro fosse verdade. O que ela estava sentindo era real? Ou era tudo apenas uma ilusão?

Ela atravessou o portal da frente em forma de arco, chegou a estrutura medieval de pedra, depois atravessou uma longa rampa e um corredor longo e estreito. E então ela finalmente chegou na entrada principal, onde pagou uma taxa e se dirigiu por um corredor. Ela passou por um pequeno pátio à sua direita com fileiras de arcos de pedra, dentro dos quais se via um jardim medieval. As folhas caídas brilhavam. Era uma tarde de semana e o local estava quase vazio, ela se sentia como se aquele lugar fosse todo seu.

Isto é, até que ela escutou a música. No início, era apenas uma voz e, em seguida, várias vozes. Cantando. Um canto antigo de um pequeno coro. Ela não conseguia entender se era ao vivo ou uma gravação, enquanto permanecia ali, paralisada, ouvindo as vozes celestiais ecoando por todo o pequeno castelo. Ela se sentiu transportada, como se tivesse chegado em outro lugar e tempo.

Ela sabia que tinha uma missão a cumprir, mas ela tinha que ver de onde aquela música estava vindo. Ela entrou em outro corredor e seguiu o som. Passou por uma pequena porta medieval, arqueada e então se viu em uma capela, com tetos altos e vitrais. Ali estava, para sua surpresa, um coro de seis cantores, homens e mulheres mais velhos, vestidos interiormente com vestes brancas. Eles estavam diante de uma sala vazia, olhando para as partituras enquanto cantavam.

Cantos gregorianos. Caitlin viu a placa, um enorme cartaz anunciava o show da tarde. Ela percebeu que tinha entrado no meio de uma performance ao vivo. No entanto, ela era a única pessoa na sala.

Aparentemente, ninguém mais sabia sobre aquilo.

Caitlin fechou os olhos enquanto ouvia a música. Era tão bonita, tão assombrosa, ela percebeu que era difícil deixar aquela sala. Ela abriu os olhos e olhou ao redor das muralhas medievais e móveis, isso fez com que se sentisse ainda mais fora de contato com a realidade. Onde ela estava?

A canção finalmente acabou, ela se virou e saiu correndo da sala, tentando recuperar seu senso de realidade.

Ela correu de volta pelo corredor e chegou a uma escadaria de pedra. Ela então desceu, alcançando os andares mais baixos dos Cloisters e, logo em seguida, seu coração começou a bater mais rápido. Aquele lugar lhe parecia tão estranhamente familiar, como se ela já tivesse passado um tempo considerável lá. Não conseguia entender.

Correu pelo andar mais baixo, lembrando da descrição em uma das páginas de seu diário. Lembrou-se da menção da porta, era um portal secreto, que a levaria para as escadarias que chegavam a um andar subterrâneo, ao clã de Caleb.

Ela ficou mais animada quando viu, à sua esquerda, uma área isolada por uma corda. Por trás da corda havia uma escadaria medieval perfeitamente preservada. Ela ia em direção ao teto. Não levava a nenhuma lugar. Era apenas um artefato em exposição. O mesmo descrito em seu diário. Mas a escada também tinha uma pequena porta de madeira escondida na sua parte inferior e, por trás dela, Caitlin não sabia dizer se os degraus a levariam para o andar debaixo. Ela estava dentro de uma área isolada, e ela não podia chegar mais perto.

Ela precisava saber. Se ela a levasse para baixo, então tudo o que ela havia escrito seria verdade e não apenas uma fantasia. Ela olhou para os lados e viu um guarda de segurança do outro lado da sala, cochilando.

Ela sabia que, cruzar a corda em um museu poderia deixá-la em apuros, talvez até mesmo seria presa. Mas ela precisava saber. Ela tinha que ser rápida.

Caitlin, de repente, passou por cima da corda de veludo, em direção à escada.

Imediatamente, um alarme disparou bem alto, cortando o ar.

“EI, SENHORA!”, o guarda gritou.

Ele começou a correr em sua direção. O alarme era agudo e seu coração batia forte no peito. Mas já era tarde demais. Ela não podia voltar atrás. Ela *precisava* saber. Aquilo tudo ia contra sua natureza, dar um passo alé da corda, violar uma exposição do museu, fazer qualquer coisa contra as regras – especialmente em relação a artefatos e história em geral. Mas ela não tinha escolha. A vida de Scarlet estava em jogo.

Caitlin alcançou a escada e colocou a mão sobre a maçaneta de madeira medieval. Ela a virou. O portão se abriu e, com isso, viu para onde a escada levava.

Para lugar Nenhum. Ela terminava no chão. Era uma escada falsa. Apenas para exibição.

Seu coração apertou, estava devastada. Não havia nenhuma câmara subterrânea. Nenhum alçapão.

Nada. Como a exibição indicava, era apenas uma escada. Apenas isso. Um artefato. Uma relíquia de idade. Era tudo uma mentira. Tudo.

Caitlin, de repente, senti braços pesados a agarrarem por trás e a arrastaram para fora, por cima da corda de veludo, para o outro lado.

“O que você pensa que está fazendo!?” outro guarda gritou, se aproximando para ajudar a afastá-la.

“Eu sinto muito”, disse ela, tentando pensar rápido. “Eu... hum... eu perdi meu brinco. Ele caiu, e deslizou pelo no chão. Achei que estivesse por ali. Eu só estava procurando por ele.”

“Este é um museu, senhora!”, o homem gritou, com o rosto vermelho. “Você não pode simplesmente cruzar limites como este. E você não pode tocar nas coisas!”

“Eu sinto muito”, disse ela, sua garganta estava seca. Ela rezou para que não a prendessem. Eles certamente poderiam, ela sabia.

Os dois guardas olharam um para o outro, como se debatessem.

Finalmente, um deles disse:

“Saia daqui!”

Ele a empurrou e, Caitlin, aliviada, saiu correndo pelo corredor. Ela viu uma porta aberta que dava para a parte de fora, para um terraço inferior e ela correu para atravessá-la.

Ela se encontrou do lado fora, no terraço mais baixo, no ar frio de outubro, seu coração ainda batia rápido. Ela estava tão feliz por estar ali fora. No entanto, ao mesmo tempo, estava perturbada. Não havia nada ali. Seu diário era uma invenção? Nada era real? Será que ela havia imaginando tudo? Mas, então, como explicar a reação de Aiden?

Caitlin cruzou o terraço de paralelepípedos, passando por outro jardim medieval, cheio de pequenas árvores frutíferas. Ela continuou

andando até chegar a um parapeito de mármore. Ela encostou ali e ficou observando a paisagem; a distância, ela podia ver o rio Hudson, cintilando sob o sol do fim de tarde.

De repente, ela se virou, esperando, por algum motivo, ver Caleb ali de pé, ao lado dela. Por alguma razão, ela sentiu que havia estado ali antes, naquele mesmo terraço, com Caleb. Isso não fazia nenhum sentido. Será que ela estava perdendo a cabeça?

Agora, ela não tinha tanta certeza.

CAPÍTULO DOIS

Scarlet entrou em seu quarto, chorando histericamente e bateu a porta atrás dela. Ela correu todo o caminho de volta para casa, desde o rio, e não tinha parado de chorar desde então. Ela não entendia o que estava acontecendo com ela. Aquele momento continuava em sua mente quando, ela via a pulsação no pescoço de Blake, quando ela sentiu aquela coisa, aquela vontade de querer mordê-lo. De querer se alimentar.

O que estava acontecendo com ela? Ela era algum tipo de aberração? Por que ela se sentia assim? E, por que, então – bem naquele momento? Bem no primeiro beijo deles?

Agora que ela estava longe daquela cena, era ainda mais difícil se lembrar perfeitamente como seu corpo estava naquele momento – e a cada segundo que passava, estava ficando cada vez mais difícil. Seu corpo parecia normal agora. Havia sido apenas um momento

fugaz? Fora apenas uma coisa estranha, um momento que ela já havia superado e que nunca mais voltaria?

Ela queria desesperadamente acreditar nisso. Mas outra parte dela, uma parte mais íntima, sentia que não era o caso. O sentimento fora muito forte, algo que ela jamais esqueceria. Se ela tivesse sucumbido ao momento, se tivesse ficado lá mais um segundo, ela tinha certeza de que Blake estaria morto agora.

Scarlet não podia evitar de pensar sobre aquele outro dia. Sobre chegar em casa doente. Correr para fora da casa. Esquecer tudo o que tinha acontecido, onde havia estado. Sobre acordar no hospital. A mãe dela estava tão preocupada, tão assustada...

Agora, tudo isso veio à tona em sua mente. Sua mãe queria que ela visse mais médicos, fizesse mais testes. E, em seguida, visse um padre. Será que a mãe dela suspeitava de algo? Era isso que ela estava insinuando? Será que ela achava que ela estava se tornando um vampiro?

O coração de Scarlet estava acelerado quando ela se sentou em seu quarto, encolhida em sua cadeira favorita. Ruth descansou a cabeça em seu colo e Scarlet inclinou-se para acariciá-la. Mas havia lágrimas em seus olhos quando ela o fez. Sentia-se em estado de choque, em transe. Ela estava apavorada com a idéia de que estava doente, que ela tinha algum tipo de doença ou talvez, algo pior. No fundo, ela pensou que aquilo era ridículo, claro, a direção de seus pensamentos. Mas ela se atreveu a se perguntar.

Sua vontade de morder o pescoço dele. A sensação que ela teve em seus dois dentes incisivos. Sua ânsia para se alimentar. Seria possível? Ela era uma vampira? Será que os vampiros realmente existem?

Ela estendeu a mão, abriu seu laptop e acessou o google. Ela precisava saber. Ela entrou na página da Wikipedia para "vampiro" e começou a ler:

“A noção de vampirismo existe há milênios; culturas, como os mesopotâmios, hebreus, gregos e romanos antigos tinham contos de demônios e espíritos que são considerados precursores dos vampiros modernos. No entanto, apesar da ocorrência de criaturas vampirescas nestas civilizações antigas, o folclore para a entidade que hoje conhecemos como o vampiro origina-se quase que exclusivamente do sudeste da Europa, do início do século, quando foram registradas e publicadas tradições orais de muitos grupos étnicos da região. Na maioria dos casos, os vampiros são fantasmas de seres malignos, vítimas de suicídio, ou bruxas, mas elas também podem ser criadas por um espírito maligno que possua um cadáver ou ao ser mordido por um vampiro.”

Scarlet rapidamente fechou seu laptop e o afastou. Era demais para ela tolerar. Ela balançou a cabeça, tentando tirar aquilo fisicamente de sua mente. Algo estava definitivamente errado com ela. Mas será que era isso? Estava aterrorizada.

Para piorar tudo, ainda tinham seus sentimentos por Blake e sua ideia sobre o que tinha acontecido entre eles. Ela não podia acreditar que havia fugido dele daquele jeito, especialmente naquele momento. Eles estava em um momento maravilhoso, um sonho. E agora isso. Justo quando seu relacionamento estava começando a rolar. Era tão injusto.

Ela não podia sequer imaginar o que ele estaria pensando naquele momento. Ele devia estar pensando que ela era algum tipo de aberração, ou algum tipo de psicopata, por ela ter interrompido tudo do nada e no meio de um beijo, e ainda ter fugido correndo para a floresta. Ele devia pensar que ela estava totalmente fora de si. Tinha certeza de que ele nunca iria querer vê-la novamente. Ele provavelmente voltaria para Vivian.

Ela queria desesperadamente se explicar. Mas como ela poderia? O que ela poderia dizer? Que ela tinha tido uma súbita vontade de

morder seu pescoço? Alimentar-se dele? Beber o seu sangue? Que ela teve que fugir para protegê-lo?

Claro, isso seria realmente iria apaziguar as preocupações dele, ela pensou.

Ela queria fazer as coisas direito. Ela queria vê-lo novamente. Mas ela não tinha idéia de como explicar. Não só isso, ela também estava com medo de ficar perto dele; ela não confiava em si mesma agora. E se o desejo tomasse conta dela mais uma vez? E se, da próxima vez, ela realmente o machucasse?

Ela começou a chorar ao imaginar isso. Ela estava condenado a nunca mais ficar próxima a outros meninos?

Não. Ela precisava tentar. Ela tinha que, pelo menos, *tentar* fazer as coisas direito. Ela precisava tentar se explicar, de alguma forma. Para que, pelo menos, ele não tivesse razão para odiá-la. Mesmo que ele nunca mais quisesse vê-la novamente, ela não podia simplesmente deixar as coisas como estavam. E, no fundo, uma parte dela ainda se atrevia a pensar, esperançosamente, de que, talvez, aquilo havia sido apenas uma coisa de uma só vez, um episódio anormal e que talvez eles ainda pudessem ficar juntos.

Afinal, se eles pudessem superar aquilo, eles poderiam superar qualquer coisa.

Scarlet estava começando a se sentir um pouco melhor. Ela enxugou as lágrimas, pegou um lenço de papel, assoou o nariz e pegou seu celular. Ela encontrou o número dele e começou a escrever uma mensagem. Então ela parou. O que ela deveria dizer?

Eu sinto muito pelo que aconteceu hoje.

Ela deletou isso. Era muito genérico.

Eu não sei o que deu em mim hoje.

Ela deletou também. Não parecia muito bom. Ela precisava de um equilíbrio perfeito, a mistura perfeita de se desculpar e, ao mesmo tempo, ter a esperança de que as coisas não tivessem mudado para sempre. Ela precisava enfatizar que, até aquele ponto, ela estava adorando o momento.

Ela fechou os olhos e suspirou, pensando muito. *Vamos lá, vamos lá*, ela se encorajou.

Ela começou a escrever.

Eu tive um momento incrível com você hoje. Eu sinto muito que terminou daquele jeito. Havia uma razão para euter que sair daquele jeito, mas eu não posso explicar isso para você. Eu sei que é difícil de entender, mas eu espero que você possa. Eu só quero que você saiba que eu adorei hoje, e eu sinto muito. E eu espero que nós possamos nos ver outra vez.

Scarlet olhou para o seu rascunho por um longo tempo e, finalmente, com um movimento de sua a mão, clicou em enviar. Ela observou o envio.

Seu texto não era perfeito. Ela já havia pensado em como ela poderia tê-lo reescrito um milhão de vezes. E uma parte dela já se arrependia de ter enviado. Talvez parecess muito desespero. Talvez parecesse muito enigmático.

Que seja. Já foi. Pelo menos agora ele sabia que ela ainda gostava dele e que ela queria vê-lo novamente.

Ela sabia que Blake carregava seu celular o tempo inteiro. Ela sabia que ele iria pegá-lo imediatamente. E que ele sempre respondia mensagens dentro de segundos.

Scarlet tremia enquanto ela esperava. Ela colocou seu celular em seu colo e fechou os olhos, respirando lentamente, à espera de uma vibração. Desejando que vibrasse.

Vamos lá, ela pensou. Responda a mensagem.

Ela ficou ali sentada, esperando, por o que parecia ter sido uma eternidade. Ela ficou atualizando seu celular. Depois de alguns minutos, ela até chegou a desligá-lo e a ligá-lo em seguida caso ele tivesse travado. Ela, então, observou o tique-taque do relógio. Dois minutos se passaram. Em seguida, cinco. Depois, dez.

Ela bateu o telefone em cima da mesa e podia sentir as lágrimas brotando dentro novamente. Ele claramente não ia responder seu SMS. Como ela poderia culpá-lo? Ela provavelmente não responderia se fosse com ela.

Então era isso. Tudo acabado.

De repente, seu celular vibrou.

Ela estendeu a mão e o tirou da mesa.

Mas seu coração apertou ao ver que não era Blake. Era Maria.

Eu não posso acreditar que você cabulou aula daquele jeito. Então... como foi seu encontro com Blake?

Scarlet suspirou. Ela não tinha idéia de como responder.

Não esquenta. Eu não vou cabular mais. Está tudo acabado entre nós.

Sério Isso? Nossa. PQ? Vivian?

Não. Não é ela. É que... Scarlet parou, pensando no que dizer. ...não deu certo.

Me conta.

Scarlet suspirou. Ela realmente queria mudar de assunto.

Não há nada a dizer. Tudo bem com você?

OMG, eu não consigo parar de ficar obcecada com o novo garoto. Sage. Ouvi novos detalhes hoje.

Scarlet estava exausta e realmente não queria continuar a conversa por mensagens de texto. Ela não queria ouvir mais fofocas e insinuações sobre o novo garoto – nem sobre ninguém. Ela só queria desaparecer do mundo. Mas Maria era sua melhor amiga, então ela tinha que ceder um pouco:

Tipo o que?

Ele tem uma irmã e um primo. Mas eles não frequentam nossa escola. Ele está no último ano. E foi transferido de uma escola particular. Ouvi dizer que é rico. Tipo milionário.

Scarlet não se importava. Ela só queria acabar com isso. Felizmente, antes que ela pudesse escrever, ela recebeu uma outra mensagem – desta vez de Jasmin.

OMG, o que está acontecendo no seu mural do Facebook?

Scarlet leu surpresa.

O que você quer dizer?

Antes que ela pudesse responder, ela pegou seu laptop, abriu e entrou em sua rede social. Seu coração despencou. Vivian tinha postado nela:

Boa tentativa de roubar Blake. Não funcionou. Depois que ele terminou com você, ele voltou para nós. Eu sabia que ele iria descartá-la. Apenas fiquei surpresa por ter acontecido tão cedo.

Scarlet respirou ofegante, completamente surpresa. Ela viu vários amigos dela comentando no post, viu que tinha se espalhado pelos

murais de muitas pessoas. Ela também viu que Vivian tinha postado no Twitter e que tinha sido retuitado por todos os amigos de Vivian.

Scarlet ficou horrorizada. Ela nunca se sentira mais envergonhada. Ela apagou o comentário de sua parede, bloqueou Vivian, depois foi para suas configurações e as alterou de modo que apenas seus amigos pudessem postar em seu mural. Mas era como uma gota em um balde, obviamente, o dano já havia sido feito. Agora, toda a escola pensava que ela estava roubando os namorados das outras pessoas.

E que ela tinha levado um fora.

Seu rosto ficou vermelho. Ela estava tão furiosa que queria chegar e estrangular Vivian. Ela não sabia o que fazer.

Scarlet fechou seu laptop com força e saiu correndo de seu quarto. Ela tropeçou pelos degraus, sem saber para onde ir ou o que fazer. Tudo que ela sabia era que ela precisava de ar.

“Vamos, Ruth”, disse ela.

Ela pegou a coleira e Ruth saltou animadamente, seguindo-a para fora da porta e descendo os degraus da varanda.

Scarlet desceu os degraus, olhando para seus pés e, não foi até que ela estivesse na calçada, que ela olhou para cima e viu, ali, de pé.

Ela parou, surpresa.

E ele ficou ali, olhando para ela, como se ele estivesse esperando.

Era o garoto novo.

Sage.

CAPITULO TRÊS

Scarlet ficou ali parada, no meio da passagem, encarando-o. Ela mal podia acreditar. Ali, em pé na calçada, a poucos metros de distância, olhando para ela com seus intensos olhos cinzentos, era o novo garoto. Sage.

O que ele estava fazendo ali, na frente de sua casa? Há quanto tempo ele estava ali parado? Ele estava observando sua casa? Será que ele estava prestes a entrar em sua casa? Ou ele só estava de passagem?

Mas indo para onde? Ela morava em uma rua tranquila dos subúrbios, dificilmente alguém andava por lá. Porém, é verdade que ela estava a apenas duas quadras da cidade e, possivelmente, ele poderia estar indo para algum lugar. Mas isso era improvável.

A ideia de ele estar ali, de pé, olhando sua casa, ou prestes a entrar, a assustou demais. Por outro lado, ela não podia negar que estava animada por vê-lo. Animada não era a palavra certa. Era mais como... fascinada. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Sua pele lisa, sua mandíbula forte, as belas maçãs de seu rosto e nariz, seus olhos cinzentos, cílios longos, ela nunca tinha conhecido alguém remotamente parecido com ele. Tão nobre, tão orgulhoso. Ele parecia tão deslocado ali, como se ele tivesse saído de um palácio do século XVI.

Ela também não podia deixar de notar que ela havia senetido borboletas no estômago quando ela olhou para ele. E foi uma sensação que ela não queria ter. Afinal de contas, Maria, sua melhor amiga, havia deixado claro que ela estava obcecada com ele. Quão errado seria se Scarlet o pegasse para ela? Maria nunca iria perdoá-la. E ela nunca se perdoaria. Além disso, tinha Blake. Ou não?

Ela pensou de novo no post de Vivian, sobre Blake dispensando-a. Será que Blake realmente havia lhe dito isso? Ou era coisa de Vivian? De qualquer maneira, ela se estava bem certa de que Blake havia desaparecido de sua vida de uma vez por todas.

“Hum ... oi”, disse ela, sem saber o que dizer. Afinal, eles nunca haviam se apresentado.

“Eu não queria assustá-la”, disse ele de volta.

Ela adorou sua voz. Era gentil e suave, mas poderosa ao mesmo tempo. Ele era de fala mansa, mas havia algo de autoridade em seu tom. Ela poderia ouvir aquela voz para sempre.

“Eu sou Sage”, disse ele, estendendo a mão.

“Eu sei”, disse ela, enquanto ela estendeu a mão e pegou.

O toque de sua pele era eletrizante. Ela sentiu um arrepio subir pelo seu braço, quando apertou sua fria mão com a mão quente dele.

“É uma cidade pequena”, ela acrescentou, tentando se explicar, mas depois se sentiu envergonhada.

Aquilo havia sido estúpido de sua parte; ela não deveria ter dito que sabia o seu nome. Isto a fez parecer desesperada. Mas, espere, ela pensou. Por que ela estava mesmo pensando desta maneira? Afinal, ele era o garoto de Maria. Não era?

“Sua mão está tão fria”, disse ele, quando ele olhou para a palma da mão dela.

Scarlet a retirou, percebendo.

“Desculpe”, disse ela, encolhendo os ombros.

“Você não me disse o seu nome”, disse ele.

“Ah, desculpa, eu achei que você sabia”, disse ela e, em seguida, acrescentou: “Não que eu seja famosa nem popular. É só que... bem, cidade pequena, você sabe?”

Ela já estava se embanando, piorando as coisas a cada frase. Ela sempre fazia isso quando estava nervosa na frente de meninos.

“De qualquer forma, meu nome é Scarlet. Scarlet Paine”.

Ele sorriu.

“Scarlet”, ele repetiu.

Ela adorou o som de seu nome em sua voz.

“É a cor de muitas coisas. Vinho, sangue, rosas. É claro que eu prefiro o último”, ele acrescentou com um sorriso.

Scarlet sorriu de volta. Quem falava daquele jeito? ela se perguntou. Era como se ele fosse de outro tempo, um outro lugar. Ela estava morrendo de vontade de saber mais sobre ele.

“O que você está fazendo por aqui?”, ela perguntou, então percebeu que soava muito mal educada. “Não quero ser rude nem nada. Mas eu quero dizer tipo, o que você está fazendo na frente da minha casa?”

Ele momentaneamente parecia afobado.

“Pois é”, disse ele. “Que momento mais peculiar, não é? Eu estava na cidade, e pensei que eu poderia explorar um pouco por ai. Eu sou novo aqui e pensei em ver para onde esses caminhos me levarim. Eu não tinha idéia que levavam a você.”

Scarlet se senti melhor. Pelo menos ele não estava vigiando sua casa nem nada do tipo.

“Bem, não há muito para se ver. Esta cidade tem apenas alguns quarteirões para cada sentido. Mais algumas quadras para lá e é só isso.”

Ele sorriu.

“É. Eu mesmo estava começando a perceber isso.”

De repente, Ruth correu até ele e deu um pulo e lambeu-lhe a mão.

“Não pule,” Scarlet a repreendeu.

“Está tudo bem”, disse ele.

Ele se ajoelhou e acariciou Ruth suavemente, afagando seu pêlo com a palma de sua mão, coçando atrás das orelhas. Ruth se inclinou e o lambeu no rosto. Ela começou a choramingar e Scarlet poderia dizer que ela realmente gostava dele. Ela ficou chocada. Ruth era sempre tão protetora com ela, ela nunca tinha visto ela se aproximar de um estranho como este.

“Mas que belo animalzinho. Não é mesmo, Ruth?”, ele disse.

Ruth inclinou-se e o lambeu novamente e ele a beijou no nariz. Scarlet ficou atordoadada.

“Como você sabia que o nome dela era Ruth?”

“Hum... eu li. Na plaquinha da coleira.”

“Mas ela está desbotada”, disse ela. “Quero dizer, eu mal consigo lê-la.”

Ele deu de ombros, sorriu.

“Sempre me disseram que eu tinha uma boa visão”, disse ele.

Mas Scarlet não estava convencida. A plaquinha estava extremamente gasta, e ela não entendia como ele poderia tê-la lido. Ele a deixou com medo. Como ele sabia o nome dela?

No entanto, ao mesmo tempo, sentia-se confortável ao ficar perto dele. E, dado o estado em que ela estava, ela estava gostando de ter companhia. Não queria que ele fosse embora. Mas, ao mesmo tempo, ela pensou em Maria, e em como ela ficaria chateada se ela aparece por lá e a visse em pé ali com ele. Ela Ficaria com tanto ciúmes. Ela provavelmente iria odiá-la para o resto da vida.

“Você é bem misterioso por aqui”, disse Scarlet. “O garoto novo. Ninguém realmente sabe muito sobre você. Mas um monte de pessoas estão morrendo de vontade de saber mais.”

“Estão é?”, ele deu de ombros.

Scarlet esperou, mas ele não lhe disse mais nada.

“Então... como... qual é a sua história?”, perguntou ela.

“Acho que todo mundo tem uma, não é?”, ele perguntou.

Ele se virou e olhou para a linha do horizonte, como se debatesse se deveria dizer algo.

“Eu acho que a minha é chata”, disse ele. “Minha família... recentemente se mudou para cá. Então aqui estou eu, terminando o meu último ano.”

“Ouvi dizer que você tem tipo... uma irmã?”

Um sorriso se formou no canto de sua boca.

“As notícias voam por aqui, não é?”, perguntou ele com um sorriso.

Scarlet corou.

“Desculpe”, disse ela.

“Sim, eu tenho”, ele respondeu, mas não contou nada mais.

“Desculpe, não quero me intrometer”, disse ela.

Ele olhou para ela e, quando os olhos dela se encontraram com os dele – por um momento, sentiu seu mundo começar a derreter. Pela primeira vez naquele dia, todas as suas preocupações estavam afastadas de sua mente. Ela sentiu-se transportada.

Ela queria parar de olhar, colocar seus sentimentos em cheque, queria convocar pensamentos sobre Maria e se forçar a tirá-lo de sua mente. Mas ela não podia. Ela estava congelada.

“Fico lisonjeado com isso”, disse ele. Ele continuou encarando-a, então, depois de um momento, ele acrescentou: “Você gostaria de dar um passeio comigo?”

Seu coração começou a bater forte. Ela *queria* ir com ele. Ela queria mais do que qualquer coisa no mundo. Mas uma parte dela estava com medo. Ela ainda estava se recuperando do que havia acontecido com Blake. Ela ainda não confiava em si mesma, em seus próprios sentimentos, em seu corpo, suas reações. E ela estava com medo de trair sua melhor amiga, mesmo que, na realidade, Maria não tivesse nenhum direito sobre Sage. Acima de tudo, ela não confiava em si mesma. O que quer que tivesse acontecido entre ela e Blake, esse impulso de se alimentar, ainda poderia estar lá. Por mais que ela quisesse saber mais, sentia a necessidade de protegê-lo.

“Eu sinto muito”, disse ela. “Eu não posso.”

Ela viu a decepção em seus olhos quando ele acenou de volta.

“Entendo.”

Scarlet, de repente ouviu o barulho de portas dentro de sua casa, juntamente com o som abafado de vozes crescentes. Eram seus pais, discutindo. Ela podia ouvi-los mesmo dali. Outra porta bateu, ela se virou e olhou para sua casa, preocupada.

“Eu sinto muito, mas eu tenho que voltar para dentro agora –”, disse ela, ao se virar para se despedir.

Mas, quando ela se virou, ela ficou completamente confusa. Não havia sinal de Sage. Em nenhum lugar.

Ela olhou para os dois lados e virou a esquina, mas não havia nada. Era incompreensível. Era como se ele simplesmente tivesse desaparecido.

Ela se perguntou como ele poderia ter fugido tão rapidamente. Era impossível.

Ela se perguntou para onde ele tinha ido, e se ainda havia tempo para alcançá-lo. Porque agora, ela sentiu um impulso irresistível de estar com ele, conversar com ele. Ela percebeu, num piscar de olhos, que ela tinha acabado de fazer o mais estúpido erro de sua vida dizendo não. Agora que ele se fora, cada parte de seu corpo o chamava. Ela havia sido tão tola. Odiava si mesma.

Será que tinha perdido mesmo sua chance?

CAPÍTULO QUATRO

Ainda abalada por seu encontro com Sage, Scarlet entrou em sua casa, absorta em seu próprio mundo.

Ela foi puxada bruscamente para a realidade quando se viu bem no meio da discussão de seus pais.

Ela não conseguia acreditar. Em toda a sua vida, ela não se lembrava de vê-los discutindo e, agora, era só isso que eles faziam; ela sentiu uma pontada de culpa, queria saber se aquilo tinha a ver com ela. Não podia deixar de ter a sensação de que algo ruim tinha começado na vida de todos, algo que não ia embora e que aumentar dia após dia. E ela não conseguia deixar de sentir como se fosse tudo culpa dela.

“Você está levando isso longe demais”, Caleb gritou para Caitlin por atrás da porta fechada. “Sério. O que deu em você?”

“O que deu em você?” Caitlin atirou de volta. “Você sempre esteve do meu lado, sempre me apoiou. Agora, você está se recusando.”

“Recusando?”, ele rebateu.

Scarlet não agüentava mais. Como se o seu dia não tivesse sido suficientemente ruim – ter que aquilo a deixava no limite. Ela só queria que eles parassem de discutir. Ela só queria sua vida voltasse ao normal. Ela deu alguns passos e abriu a porta da sala de jantar, esperando que sua presença os fizesse parar. Ambos pararam bem no meio de seus argumento, assim que se viraram e olharam para ela, como se fossem animais silvestres paralisados por faróis.

“Onde você estava?” Seu pai virou-se para ela.

Scarlet foi pega de surpresa: seu pai nunca havia gritado com ela antes e nunca tinha usado aquele tom de voz. Seu rosto ainda estava vívido pela discussão e ela mal o reconhecia.

“O que você quer dizer?”, disse ela, na defensiva. “Eu estava ali fora, com Ruth.”

“Por uma hora?”

“Do que você está falando?”, disse ela, se perguntando. “Eu estive fora por apenas alguns minutos.”

“Não, não estive. Subi e verifiquei o seu quarto, então eu vi você sair de casa e isso foi há uma hora.

Onde você foi? “, ele insistiu, caminhando ao redor da mesa em direção a ela. “Não minta para mim.”

Scarlet achou que ele tinha perdido completamente a cabeça. Não era só sua mãe que estava enlouquecendo, seu pai também. Ela sentiu se mundo desabar.

“Eu não sei do que você está falando”, ela retrucou, sua própria voz em ascensão. Mas ela estava começando a se perguntar se, de alguma forma, ela tinha perdido a noção do tempo. Se alguma coisa estava acontecendo com ela. Se ela tivesse ido de novo a algum lugar e não se lembrava. O pensamento fez seu coração acelerar, ela começou a se desesperar silenciosamente. “Eu não estou mentindo. E eu não gosto de ser acusada dessa maneira.”

“Você tem alguma idéia de como ficamos preocupados com você? Eu estava prestes a chamar a polícia de novo.”

“Sinto muito!”, Ela gritou de volta. “Eu não fiz nada!”

Ela estava tremendo por dentro, reflexo da sua ira e não conseguia aguentar por mais nem um minuto. Ela se virou e saiu da sala, explodindo em lágrimas logo em seguida. Ela subiu correndo os degraus. Ela estava saturada com seus pais. Era simplesmente demais. Agora, nem mesmo seu pai a entendia. E ele sempre fora compreensivo, sempre, sempre esteve ao seu lado, o tempo todo.

“Scarlet, volte aqui!”, ele gritou.

“NÃO!”, Ela gritou de volta, em meio às lágrimas.

Ela podia ouvir os passos de seu pai, seguindo-a pelas escadas, mas ela foi mais rápida. Correu pelo corredor, até seu quarto e fechou a porta com baque. Um momento depois, o punho de seu pai bateu na porta.

“Scarlet. Abra a porta. Desculpa. Eu quero conversar. Por Favor. Eu sinto muito.”

Mas Scarlet apagou as luzes e pulou na cama, se enrolando. Ela ficou ali parada, chorando e chorando.

“Vá embora!”, ela gritou.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ela ouviu seus passos desaparecerem.

Era cedo demais para dormir e Scarlet se sentia entorpecida demais para fazer qualquer outra coisa. Depois de um longo tempo, ela estendeu a mão e pegou o telefone. Os alertas não paravam – sua página do Facebook estava explodindo com novos posts e mensagens. Isto só a fez se sentir pior e ela o desligou.

Depois de um longo tempo, ela continuou deitada ali, de lado, olhando através da janela para as árvores, que brilhavam diversas cores, cintilando sob a luz do final do dia. Ela ficou observando várias folhas que caíam das árvores diante de seus olhos, girando em direção ao chão.

Ela se sentiu sobrecarregada de tristeza. Blake não queria estar com ela; Vivian tinha feito toda a escola se virar contra ela; suas próprias amigas não a entendiam; seus pais não confiavam nela; ela não sabia o que estava acontecendo com seu corpo. E, acima de tudo, ela havia perdido sua chance de conversar com Sage. Tudo estava errado. E ela não podia parar de pensar sobre aquele momento entre ela e Blake, na beira do rio. Ela não conseguia parar de pensar sobre o que estava lhe acontecendo.

Quem era ela, realmente?

Ela estendeu a mão e agarrou seu diário e sua caneta favorita, inclinou-se e começou a escrever.

Eu não entendo minha vida. É surreal. Eu só conheci o garoto mais incrível de todos os tempos. Sage. Eu não quero admitir isso, pois Maria gosta dele, mas eu não consigo parar de pensar sobre ele. Sinto que, de algum jeito, eu o conheço.

Nós mal nos falamos, mas eu senti uma conexão com ele. Ainda mais forte do que com Blake.

Mas ele foi embora tão rápido, e eu estupidamente recusei seu convite. Gostaria de não tê-lo feito. Há tantas perguntas que estou morrendo de vontade de fazer a ele. Tipo quem ele é. O que ele está fazendo aqui. E por que ele estava na frente da minha casa. Ele disse que estava apenas de passagem, mas, de alguma forma, eu não acredito nisso.

Eu acho que ele estava me procurando.

Eu não sei mais quem são meus pais. Todos os dias, tudo está mudando cada vez mais. Eu também não sei quem eu sou. É como se todo o mundo que eu conhecesse, o mundo que era tão familiar e seguro para mim, tivesse desaparecido, substituído por um mundo. E eu sinto que amanhã, tudo vai apenas mudar de novo.

Eu tenho medo do amanhã. Será que todo mundo me odeia? Será que Blake vai me ignorar? Verei Sage?

Eu não posso nem imaginar o que o dia seguinte vai trazer.

* * *

Scarlet abriu os olhos, despertada por uma campainha. Ela olhou para fora e ficou chocada ao perceber que já era de manhã, o sol

inundava seu quarto. Ela percebeu que tinha caído no sono ainda de roupa, em cima dos lençóis. Ela pegou seu relógio e olhou para ele: 08:30. Seu coração acelerou em pânico. Ela estava atrasada para a escola.

A campainha tocou novamente, e Scarlet saltou em seus pés. Pelo horário, ela presumiu que seus pais já haviam saído para o trabalho, então ela teria que atender a porta. Quem poderia estar ali tão cedo de manhã?

Ela estava tentada a ignorá-lo, apenas se apressar e se preparar para a escola, mas a campainha soou de novo.

Ruth latia e latia e, finalmente, Scarlet a soltou e a seguiu pelas escadas, atravessou a sala de estar e foi em direção à porta. Ruth estava de frente para a porta, latindo como um louca.

“Ruth!”

Finalmente Ruth se acalmou quando Scarlet caminhou até a porta. Ela lentamente a abriu. Seu coração parou.

Ali, olhando para ela, estava Sage. Ele segurava um longo rosa do preto, em ambas as mãos.

“Eu sinto muito chegar assim de repente”, disse ele. “Mas eu sabia que você estaria em casa.”

“Como?”, Perguntou ela, totalmente confuso.

Ele só a encarou de volta.

“Posso entrar?”, Perguntou.

“Hum...” Scarlet começou.

Uma parte dela queria desesperadamente para convidá-lo, mas uma outra parte sentia medo. O que ele estava fazendo aqui? Por que ele

estava lhe trazendo uma rosa negra? Mas, novamente, ela não podia simplesmente mandá-lo embora.

“Claro”, disse ela. “Entre.”

Sage deu um largo sorriso enquanto atravessava a soleira. Logo em seguida, para sua surpresa, de repente, ele caiu no chão. Ele afundava e afundava, como se estivesse em areia movediça, depois levantou uma mão, gritando para ela.

“Scarlet!”, ele gritou. “Ajude-me!”

Scarlet se abaixou e pegou a mão dele, tentando puxá-lo para cima. Mas, de repente ela caiu no buraco, também, mergulhando de bruços. Ela gritou a plenos pulmões, enquanto caía a toda velocidade, em direção às entranhas da terra.

Scarlet acordou gritando. Ela olhou para o seu quarto, com o coração acelerado. Os primeiros raios do dia atravessavam sua janela. Olhou para seu relógio. 6:15.

Ela havia adormecido de roupa. Ela respirava com dificuldade quando percebeu que tudo tinha sido apenas um sonho. Seu coração batia rápido. Parecia tão real.

Ela se levantou, foi até o banheiro e jogou água fria no seu rosto várias vezes, tentando acordar. Quando ela olhou para o espelho, porém, seus medos se intensificaram: seu reflexo. Estava diferente. Ela estava lá, mas estava translúcido, como se fosse um fantasma. Como se estivesse desaparecendo. No início, ela pensou que a luz havia lhe pregado uma peça. Mas ela modificou a luz e conitnuou o mesmo.

Ela estava tão assustada, sentia vontade de chorar. Não sabia o que fazer. Ela precisava de algo para a acalmá-la. Alguém com quem falar. Alguém para dizer a ela que tudo ficaria bem. Que ela não

estava ficando louca. Que ela não estava mudando. Que ela era a mesma Scarlet de sempre.

Por alguma razão, Scarlet pensou na oferta da sua mãe, sobre o padre. Agora, ela sentia como se ela realmente precisasse dele. Talvez ele pudesse ajudá-la a se sentir melhor. Ela saiu para o corredor e, em seguida, viu sua mãe andando pelo corredor, arrumando-se para o trabalho.

“Mãe?”, ela chamou.

Caitlin parou e se virou, parecendo surpresa.

“Ah, querida, eu não sabia que você estava acordada tão cedo”, disse ela. “Você está bem?”

Scarlet balançou a cabeça, com medo que fosse chorar, e andou pelo corredor para dar um abraço em sua mãe. Sua mãe a abraçou de volta, com força e a embalou, era tão bom estar em seus braços.

“Eu senti sua falta, querida”, disse sua mãe. “E eu amo muito você.”

“Eu também amo você,” Scarlet disse por cima do ombro, e começou a chorar.

“O que há de errado?”, perguntou sua mãe dela, ao se afastar.

Scarlet enxugou uma lágrima pelo canto do olho.

“Você se lembra de sua oferta no outro dia? Sobre ver o padre?”

Ela assentiu com a cabeça para trás.

“Eu gostaria de ir. Podemos ir junto? Hoje depois da escola?”

Sua mãe deu um largo sorriso, parecia aliviada.

“É claro que sim, querida.”

Ela abraçou Scarlet novamente.

“Eu amo você. Nunca se esqueça disso.”

“Eu também amo você, mãe.”

CAPÍTULO CINCO

Scarlet chegou cedo à escola, pela primeira vez em muito tempo. As salas não tinham enchido ainda, parecia uma cidade fantasma, enquanto ela se dirigia até seu armário. Ela estava acostumada a chegar mais tarde, quando o local já estava cheio, mas neste dia, depois de seu pesadelo, ela se sentia impaciente demais para ficar em casa e esperar. Ela também verificou seu Facebook e Twitter e viu a quantidade absurda de atividade, consequências de Vivian e suas amigas postando sobre ela, ela estava tão ansiosa sobre como a escola iria reagir, ela sentia que chegando cedo, de alguma forma, ajudaria sua ansiedade.

Pelo menos, estar ali tão cedo lhe deixava mais calma, de certa forma, mais preparada. Embora, claro, ela soubesse de que não seria nada bom. Logo aqueles corredores se encheriam com uma quantidade esmagadora de alunos e eles iriam se aglomerar em grupinhos, superando-a em números, e então a olhariam e sussurrariam sobre ela. Incluindo, talvez, Blake. Ela se perguntou o que ele poderia ter dito a todos sobre o encontro dos dois. Ele haveria contado tudo o que aconteceu? Ele teria dito que ela era algum tipo de aberração?

O pensamento a deixou tão enjoada que ela havia pulado o café da manhã. Ela teria que encarar a situação e se perguntou quantas centenas de pessoas teriam seguido as mensagens – e o que todos estariam pensando sobre ela. Uma parte dela queria se enrolar e morrer, fugir, deixar a cidade e nunca mais voltar. Mas ela sabia que nada disso era opção, então ela percebeu que era melhor ser corajosa e encarar logo tudo aquilo.

Quando ela abriu seu armário e recolheu seus livros para o dia, ela percebeu quão atrasada ela estava em relação a todos as suas lições de casa. Isso, também, era inusitado para ela. Os últimos dois dias haviam sido tão loucos, tudo fora tão diferente do que costumava ser. Para piorar as coisas, ela estava apertando os olhos contra a luz da manhã que entrava pelas janelas e havia notado que estava com uma dor de cabeça terrível, que ela nunca tinha tido antes. Ela se viu protegendo seus olhos em um corredor particularmente brilhante e se perguntou de novo se havia algo errado com ela. Ela ainda estava doente ou algo assim?

Ela viu seus velhos óculos de sol ali, na prateleira de cima do armário dela, e sentiu vontade de pegá-los e usá-los dentro de casa, durante todo o dia. Mas ela sabia que só iria atrair mais ainda a atenção negativa.

Como uma onda, as salas começaram a encher com alunos, se espalhando por todas as direções. Ela olhou para o telefone e percebeu que sua primeira aula teria início em poucos minutos. Ela respirou fundo e fechou seu armário.

Ela tinha notado que seu telefone não tinha novas mensagens e seus pensamentos se voltaram novamente para Blake, para o dia anterior. Sua fuga. Ela se perguntou de novo o que ele devia ter dito aos outros. Se ele realmente havia falado todas aquelas coisas prejudiciais? Que ele havia terminado com ela? Ou será que foi Vivian? O que ele realmente acha dela? E por que ele não respondeu a nenhuma de suas mensagens?

Ela presumiu, é claro, que o silêncio era uma resposta. Que ele estava apavorado e não estava mais interessado. Mas ela queria, pelo menos, que ele respondesse, ela olhou para seu celular mais uma vez, só para checar se ele o fizera – mesmo que fosse para dizer que ele não estava mais a fim. Ela odiava não saber nada.

Como se tudo isso não fosse suficiente, ela não conseguia parar de pensar em Sage, tampouco. O encontro, na frente de sua casa, havia sido tão misterioso. Ela lamentou ter se afastado dele e desejou ter tido mais alguns momentos para falar com ele, para fazer-lhe mais perguntas. Seu sonho a assustou demais, porém ela não conseguia entender porque ele estava ainda mais grudado em sua mente, mais ainda do que Blake.

Sentia-se tão confusa. Com Blake, era como se ela conscientemente pensasse nele; com Sage, era como se ela não pudesse evitar, ela pensava nele com intenção ou não, e ela não entendia seus fortes sentimentos por ele. Estranhamente, embora ela conhecesse Blake há anos, ela se sentia, de alguma, mais próxima a Sage. O que a incomodava mais do que qualquer coisa, era que nada disso fazia sentido. Ela odiava não entender – ainda mais quando se tratava de amor.

“Oh meu Deus, Scarlet?”, veio uma voz.

Assim que ela fechou seu armário, ela viu Maria ali de pé, olhando para ela como se estivesse olhando para uma celebridade infame.

“Você nunca está aqui cedo! Mandei uma mensagem para você tipo um milhão de vezes na noite passada! O que aconteceu? Onde você estava? Você está bem?”

Scarlet sentiu uma pontada de remorsos; ela estava sobrecarregada demais para responder a todas as mensagens. Sentia também um novo sentimento de nervosismo ao estar perto de Maria, devido aos seus sentimentos por Sage. Afinal de contas, Maria tinha deixado claro que ela estava obcecada por Sage. Se ela descobrisse que

Scarlet tinha conversado com ele na noite anterior, especialmente na frente de sua própria casa – ela temia que Maria fosse surtar. Maria era tão possessiva e territorial quando o assunto era meninos. Ela sempre pensou que quem quer que ela colocasse seus olhos – era propriedade dela, quer a pessoa soubesse de sua existência ou não. E, se alguém, mesmo remotamente, ficasse em seu caminho, se tornava seu inimigo instante. Ela podia ser bem maldosa mesmo – e ela nunca iria perdoar e esquecer. Ela era esse tipo de pessoa: ou o seu amigo mais próximo, ou o seu inimigo mortal.

“Desculpe,” Scarlet respondeu. “Eu dormi cedo. Eu não estava me sentindo bem. E eu não sabia como lidar com a coisa toda do Facebook.”

“Nossa, como eu odeio ela”, disse Maria. “Vivian. É uma cobra. Quem ela pensa que é? Eu postei no mural dela, e na de suas amigas também. Eu as coloquei em seus devidos lugares por terem atacado você.”

Scarlet sentia-se tão grata a Maria – o que a fez se sentir ainda mais culpada por ter falado com Sage.

Ela gostaria de poder contar a ela, bastava explicar a ela o que acontecera com Sage – mas ela mesma não entendia o que tinha acontecido. E ela temia que, se ela contasse, Maria ficaria ofendida.

“Você é a melhor”, disse Scarlet, ao colocar um braço em torno dela, mostrando seu apreço.

As duas caminharam lado a lado, pelos corredores, que foram enchendo rapidamente, o ruído foi ficando cada vez mais alto, uma vez que elas começaram a longa marcha em direção ao outro lado da escola, para a sua primeira aula juntas.

“Eu quero dizer, que ousadia dela”, disse Maria. “Primeiro, ela roubar seu garoto. Então, posta tudo sobre ele. Ela só está ameaçando. E com ciúmes. Ela só sabe que você é melhor que ela.”

Scarlet se sentiu um pouco melhor, mas ainda sentia uma pontada de tristeza com a idéia de perder Blake. Especialmente sob tais circunstâncias. Tudo o que ela queria era uma chance de explicar a Blake, lhe dizer que o que acontecera lá no rio, aquilo não era ela de verdade. Mas ela realmente não sabia como explicar. O que ela poderia dizer? Ela achava que havia escrito o suficiente em sua mensagem. E ele sequer respondera.

“Ei, pessoal,” veio uma voz.

Caminhando ao lado delas estavam Jasmin e Becca. Scarlet sentiu quando elas começaram a lhe lançar olhares e começou a se sentir paranóica com toda a atenção.

“Oi,” Scarlet disse, enquanto toda andavam juntas, como um pequeno grupo, pelos corredores.

“Então, você vai tipo nos manter em suspense?”, Perguntou Jasmin. “O que aconteceu com Blake?”

Scarlet podia sentir os olhares sobre ela e sentia-se perturbada. Enquanto caminhavam, ela também via outros alunos lhe espiando. Ela queria pensar que estava apenas sendo paranóica – mas ela sabia que não. Havia, definitivamente, uma tonelada de pessoas encarando-a, lançando olhares furtivos, como se ela fosse algum tipo de aberração. Ela se perguntou de novo quantos estudantes teriam acessado a internet e lido todos os posts e o que eles acreditariam. Será que ela estava seria conhecida como a garota que foi dispensada por Blake? Que perdeu Blake para Vivian? Ela se enfureceu com este pensamento.

“É verdade?”, perguntou Becca. “Ele realmente lhe deu um fora?”

“Se ele o fez”, disse Jasmin “, conte-nos e nós iremos acabar com o mural do Facebook dele.”

“Obrigada, gente,” Scarlet disse. Ela pensou sobre a melhor forma de responder. Ela realmente não sabia como explicar.

“Então?” Maria cutucou. “Você não realmente não vai nos contar?”

Scarlet encolheu os ombros.

“Eu não sei o que dizer. Não há realmente nada a dizer. Nós fomos até o rio, e tipo...” ela fez uma pausa, refletindo sobre como continuar. “... Blake me beijou.”

“E então?” Jasmin pressionou. “Você está nos matando aqui!”

Scarlet encolheu os ombros.

“É isto. Nada aconteceu mesmo. Quero dizer, eu gosto dele. Eu ainda gosto dele. Mas... eu fui embora. Quer dizer, eu comecei a me sentir assim, muito doente, então eu tive que ir, do nada.”

“O que quer dizer com doente?”, perguntou Becca.

“Tipo meu estômago começou a me matar”, ela mentiu, não sabendo mais o que dizer. “E eu tive essa forte dor de cabeça.” Pelo menos era parcialmente verdade, ela pensou. “Eu acho que eu ainda estava doente desde aquele outro dia. Então eu corri para fora de lá. Péssima hora, eu acho.”

“Então, Blake tipo acompanhou você? Ou ele foi um idiota total?”, perguntou Jasmin.

Scarlet encolheu os ombros.

“Não é culpa dele. Eu realmente não lhe dei tempo para isso, eu acho. Eu simplesmente fui embora. Me senti mal com isso. Eu queria explicar isso a ele. Mas ele nunca respondeu minha mensagem.”

“Que idiota”, disse Maria.

“Que bobão”, acrescentou Jasmin. “Fala sério. Então você ficou doente – e daí, e ele não responde suas mensagens? Qual é o problema dele? Você estava passando mal. Grande coisa. Quero dizer, ele não vai nem lhe dar uma chance para você explicar?”

“Concordo totalmente”, Maria entrou na conversa. “E então o que, ele vai correndo de volta para Vivian, e te dá um fora por ela? Só porque você estava doente? Qual é o problema dele? Ele realmente não merece você. É melhor assim.”

Scarlet realmente apreciava todas aquelas frases de apoio, isso a fez com que se sentisse melhor. Ela nunca tinha pensado desta forma. Reparou que ela mesma estava sendo seu pior crítico. Quanto mais pensava sobre isso, mais ela percebia que suas amigas tinham razão. Blake poderia ter sido mais simpático; Talvez ele devesse ter ido atrás dela, perguntado como ela estava se sentindo; talvez ele não devesse ter sido tão rápido para procurar Vivian. Mas será que ele fez isso mesmo? Ou Vivian tinha inventado tudo?

“Obrigado, meninas”, agradeceu ela. “Eu realmente agradeço por tudo. Embora, honestamente, eu não sei o que aconteceu depois. Eu não sei se ele voltou para Vivian, ou se ela apenas inventou tudo.”

“Então eu acho que isso significa que você não vai com ele para o baile?”, perguntou Maria. “Então com quem você vai? Quero dizer, ou você não vai?”, ela perguntou, erguendo a voz, como se isso fosse a coisa mais horrível do mundo.

Scarlet encolheu os ombros. Essa festa estúpida não poderia vir em pior hora. Ela realmente não sabia o que dizer.

“Eu duvido que Blake vai me levar”, disse ela. “E sobre ir sozinha...”

Por um momento, Scarlet não pôde deixar de pensar de Sage. Ela percebeu o quanto ela realmente gostaria de ir com ele. Ela mal sabia a razão disto. O rosto dele havia ficado preso em sua mente. Ao mesmo tempo, ela pensou em Maria, o que ela poderia

pensar – e o pensamento de ir com Sage lhe soava como uma traição. Ela rapidamente tentou tirá-lo de sua cabeça.

“Se eu não for, não tem problema”, ela finalmente disse. “Tudo bem. Talvez no próximo ano.”

“Há uma enorme festa de esquentar hoje à noite na casa do Jake Wilson. Os pais dele estarão fora. Todo mundo vai. Você *tem* que ir. Talvez você encontre algum par por lá.”

Scarlet engoliu em seco. Sair de casa e ficar caçando meninos era a última coisa que ela queria fazer.

“Bom, de qualquer maneira, não se sinta mal”, disse Maria. “Eu também não tenho com quem ir.”

“E o Brian?” Jasmin perguntou a ela.

“Terminamos, lembra?”, Ela disse.

“Mas ele não está namorando ninguém.”

Maria deu de ombros.

“Ele não me chamou. E, de qualquer forma, eu não queria ir com ele. Sage é quem eu realmente gostaria de ir. O garoto novo.”

Scarlet engoliu em seco.

“Então por que você não o convida?” Perguntou Becca.

“É, você continua falando sobre ele, mas você não está fazendo nada”, disse Jasmin. “Pare de ser medrosa.”

“Eu não sou medrosa,” Maria retrucou.

“Medrosa!!”, Elas zombou dela.

O rosto de Maria parecia uma beterraba vermelha, Scarlet podia ver como ela estava brava.

“Eu não sou medrosa. Na verdade, eu tenho aula com ele no próximo horário. Vou convidá-lo, então.”

“Não, você não vai”, disse Becca.

“Você nunca faria isso”, disse Jasmin.

“Pois vejam só”, disse Maria.

“Mas não é meio estranho isso?”, disse Becca. “Você o convidar?”

Maria deu de ombros.

“Poderia ser melhor. Mas o que é que eu posso fazer? Ele é novo. Se eu não convidá-lo, outra pessoa o fará. E se ele não estiver a fim de mim, eu prefiro saber gora, né?”

“Eu ainda acho que você está blefando”, disse Jasmin.

Maria olhou para ela.

“Volte em uma hora e vamos ver quem é que está blefando.”

Scarlet ficou aliviada que a conversa não era mais sobre ela. Ela estava começando a se sentir esperançosa, talvez toda a atenção negativa passaria realmente rápido, e não seria tão ruim quanto ela havia pensado. Afinal, suas amigas mudaram para novos temas de fofocas muito rapidamente. Mas, quando ela pensou sobre sua próxima aula, com Sage e Maria, seu estômago afundou.

À medida em que viravam uma esquina, o estômago de Scarlet afundou ainda mais: lá, encostado contra a parede, estavam Vivian e sua turma. Elas se cutucaram, ao olhar em sua direção, então riram e sussurraram.

Vivian se virou e olhou diretamente para ela com um sorriso vitorioso. Scarlet podia ver maldade em seu belo rosto, pela vingança mesquinha de que havia recebido da intimidação online. Por um momento, Scarlet estava tão furiosa que tinha vontade de atacá-la. Ela sentiu uma tremenda onda de raiva atravessá-la dela, formigando, corria desde seus pés até suas mãos. Ela não entendia o que estava acontecendo: era com uma onda de calor. Sentia seu corpo mais forte, mais violento e menos capaz de se controlar. Ela queria sair dali rápido, antes que algo de ruim acontecesse.

“Ora, ora, ora”, disse Vivian em voz alta, enquanto elas passavam ao seu lado. A tensão no ar era tão pesada que poderia ser cortado com uma faca.

“Olha quem é. Se não são as sobras Blake.”

“Isso é uma declaração e tanto, especialmente vindo de uma rejeitada por Blake”, Jasmin retrucou para ela.

“E você, que tem tanto medo de dizer na cara que precisa postá-lo online?” Maria instigou.

O rosto de Vivian se fechou com uma carranca, assim como o de suas amigas. Scarlet estava mortificada. Ela só queria que tudo isso passasse logo. Ela estava realmente agradecida a suas amigas, mas ela não queria que aquilo evoluísse para uma guerra de insultos.

“E isso vindo de uma menina que sequer tem um par para o baile”, Vivian respondeu, agora centrada em Maria. “Perdedora”, disse ela.

“Eu prefiro não ter um par, do que ter a sobra de alguém”, Maria retrucou.

“Por favor, Maria,” Scarlet disse calmamente. “Vamos seguir em frente.”

Por um momento, parecia que os dois grupos de meninas se atacariam, e que isso iria evoluir para uma luta física. Por maior que fosse a raiva que Scarlet sentia correndo por seu corpo, ela realmente não queria o confronto. Ela gentilmente cutucou suas amigas e lentamente seu grupo continuou andando, se afastando daquele corredor. Scarlet não queria descer ao nível de Vivian.

Assim que os dois grupos foram ganhando mais distância entre si, de repente, Scarlet sentiu algo. Era uma sensação estranha, que ela nunca tinha sentido antes. Do nada, seus sentidos estavam em alerta máximo: ela sentiu, sem olhar, uma energia negra se aproximar por trás dela. Ela não sabia como, mas ela sentiu. E, em seguida, sua audição ficou muito aguçada: ela ouvia cada pequeno movimento no corredor. Ela ouviu o movimento dos passos de uma menina, que se aproximava por trás dela.

Reagindo à velocidade da luz, Scarlet, de repente sentiu seu corpo se virar, sentiu sua própria mão subir e se viu agarrando a mão de outra pessoa um segundo antes de ser atingida na parte de trás de sua cabeça. Scarlet olhou para cima e ficou surpreso ao se ver mobilizando o pulso de Vivian. Ela olhou e viu um grande maço de goma de mascar na palma de sua mão e viu sua expressão chocada. Então ela percebeu o que tinha acontecido: Vivian tinha ido atrás dela e estava prestes a enfiar o chiclete em seu cabelo. De alguma forma, Scarlet tinha percebido isso e tinha se virado a tempo de bloquear o ato no último segundo, a apenas alguns centímetros de distância.

Scarlet ficou ali, ela se viu torcendo o pulso de Vivian com uma força incrível; Vivian caiu de joelhos, gritando de dor. Todos os que estavam por lá pararam e uma enorme multidão se reuniu ao redor.

“Você está me machucando!” Vivian gritou. “Solte-me!”

“BRIGA! BRIGA!”, gritou a multidão de estudante que de repente se reunira ao redor.

Scarlet sentia uma fúria avassaladora correndo por ela, uma raiva que ela mal conseguia controlar. Alguma coisa em seu corpo a tinha protegido de se machucar e agora queria que ela se vingasse quebrando o pulso desta menina.

“Por que deveria?” Maria gritou. “Você estava prestes a enfiar um chiclete no cabelo dela.”

“Por favor!” Vivian choramingou. “Desculpe-me!”

Scarlet não entendia o que estava tomando conta dela e isso a assustava. De alguma forma, no último segundo, ela se obrigou a parar. Ela finalmente a soltou.

O pulso de Vivian caiu ao seu lado e, assim que ela se levantou, correu de volta para o seu grupo de amigas.

Scarlet se virou, com o coração acelerado e caminhou com suas amigas pelo corredor de novo. Lentamente, o local voltou ao normal, todos sussurravam enquanto se dispersavam. As amigas de Scarlet se agruparam em torno dela.

“Uau, como você fez isso?”, perguntou Maria, impressionada.

“Isso foi incrível!”, disse Jasmin. “Você realmente a colocou no seu devido lugar.”

“Eu não posso acreditar que ela estava prestes a colocar chiclete no seu cabelo”, disse Becca.

“Ela teve o que merecia”, disse Maria. “Mandou bem, menina. Acho que ela vai pensar duas vezes antes de provocar você de novo.”

Mas Scarlet não se sentia bem. Ela se sentia vazia, drenada. E mais desnorteada do que nunca sobre o que estava acontecendo com ela. Por um lado, é claro que ela estava muito impressionada por ter sido capaz de pará-la a tempo, revidar e se defender. Mas, ao mesmo tempo, ela não conseguia entender como ela tinha conseguido reagir daquela maneira.

Seus olhos estavam doendo mais ainda e sua dor de cabeça estava piorando e, por mais absurdo que parecia, ela não podia deixar de ter a sensação de que ela estava se transformando de alguma forma. E isto a aterrorizava mais do que qualquer coisa.

O alarme tocou e pouco antes de se dirigirem para a aula, Scarlet olhou ao redor e viu Blake parado por ali. Ele estava com alguns de seus amigos e um deles o cutucou, ele então se virou e olhou para ela. Por um momento, seus olhos se encontraram. Scarlet tentou decodificar sua expressão. Esperava mais do que qualquer coisa que ele iria até ela, para lhe dar uma chance. Mas, de repente, ele se virou e caminhou com seus amigos na direção oposta.

Scarlet sentiu seu coração partir. Então era isso. Ele não estava mais interessado nela. Não só isso, ele não estava mesmo a fim de falar com ela. Ele nem sequer a reconhecia. E isso doeu mais do que tudo. Ela pensou que eles tinham algo verdadeiro juntos, não conseguia entender como tudo tinha desmoronado tão rapidamente, como ele poderia ir embora tão facilmente. Por que ele não podia, pelo menos, ser mais compreensivo com ela – lhe dar pelo menos uma chance de explicar.

A primeira aula não tinham nem começado ainda e o dia e já Scarlet já havia lhe machucado demais, como se ela fosse um saco de pancadas. Ela já tinha experimentado um turbilhão de emoções e se perguntou como ela seria capaz de enfrentar o resto do dia.

“Vamos lá, você não precisa dele”, disse Maria, ao colocar o braço em volta de Scarlet e guia-la para a primeira aula do dia. Scarlet

engoliu em seco, sabendo que Sage estava atrás daquelas portas.

CAPÍTULO SEIS

A primeira aula de Scarlet tinha cerca de trinta alunos, todas lutando para tomar os seus lugares. As mesas estavam alinhadas em três fileiras cada uma com dez mesas, enquanto nos cantos da sala haviam longas mesas de madeira, com bancos sob elas. Ela examinou a sala e viu, aliviada, que Sage não estava lá; pelo menos, um drama a menos para lidar naquele dia.

“Onde ele está?” Maria perguntou, desanimada.

Era aula de Inglês, a aula favorita de Scarlet. Normalmente, ela ficaria feliz em estar ali, especialmente porque o Sr. Sparrow era seu professor favorito e porque naquele momento eles estavam estudando Shakespeare e sua peça favorita: *Romeu e Julieta*.

Mas, quando ela se sentou em sua carteira, na fileira ao lado de Maria, ela se sentia vazia. Apática.

Ela mal conseguia se concentrar em Shakespeare. A classe se aquietou e ela tirou seus livros de forma mecânica e olhou para uma página, em transe.

“Hoje vai ser um pouco diferente,” Mr. Sparrow anunciou.

Scarlet olhou para cima, feliz ao ouvir o som de sua voz. Tinha uns 30 e poucos anos, de boa aparência, com a barba por fazer, cabelo comprido e uma mandíbula forte, ele parecia fora de lugar naquela

escola secundária. Ele parecia um pouco mais glamouroso do que os outros, como um ator pouco após seu auge. Ele sempre estava tão feliz, sorridente e gentil com ela – e com todos os alunos.

Ele nunca teve havia lhe dado uma bronca, nem para nenhum outro estudante, e sempre dava notas altas nas provas. Ele também conseguia fazer até mesmo o texto mais complicado virar fácil de entender e realmente conseguia fazer com que todos se animassem com a leitura. Ele também era uma das pessoas mais inteligentes que ela já tinha conhecido – com um conhecimento enciclopédico sobre o mundo e sobre literatura clássica.

“Uma coisa é apenas ler as peças de Shakespeare”, anunciou ele, com um sorriso arteiro no rosto. “E outra coisa bem diferente é encená-las”, acrescentou. “Na verdade, argumenta-se que você não pode realmente compreender suas peças até que você as leia em voz alta para si mesmo – e tente encená-las.”

A classe riu em resposta, os alunos se olhavam e murmuravam um para o outro com um zumbido animado.

“É isso mesmo”, disse ele. “Vocês adivinharam. Após a discussão de hoje, nós vamos nos dividir em grupos, cada um de vocês deve escolher um parceiro e ler o texto em voz alta para o outro.”

Sussurros excitados se espalharam pela sala de aula, o nível de energia definitivamente havia subido alguns graus. Ele conseguiu tirar Scarlet de seu devaneio, conseguiu fazê-la esquecer, por alguns momentos, todos os problemas em sua vida. Fazer duplas e ler as falas: iria ser divertido.

De repente, a porta da sala se abriu e Scarlet se virou, com o resto da turma, para ver quem era. Ela não podia acreditar. Ali, pomposo, livros à mão, estava Sage, vestindo uma jaqueta de couro fino, botas pretas de couro e jeans com um grande cinto de colar prateado – que parecia platina pura com um grande pingente no meio. Parecia que era feito de rubis e safiras e brilhavam à luz.

Sr. Sparrow se virou e olhou para ele, surpreso.

“E você quem é?”

“Sage”, ele respondeu, entregando-lhe um bilhete. “Desculpe-me pelo atraso. Sou novo.”

“Bem, então seja muito bem-vindo”, o Sr. Sparrow respondeu. “Por favor, classe, dêem boas-vindas a Sage e lhe dêem espaço na parte de trás.”

Sr. Sparrow voltou-se para o quadro-negro.

“Romeu e Julieta. Para começar, vamos falar sobre o pano de fundo desta peça...”

A voz do Sr. Sparrow desvaneceu na cabeça de Scarlet. Seu coração batia tão forte enquanto Sage descia as fileiras de assentos. E, de repente, ela percebeu: o único lugar vazio na sala era exatamente atrás dela.

Ah, não, ela pensou. Não com Maria sentada ao seu lado.

Enquanto Sage caminhava pelo corredor, ela podia jurar que o viu olhar diretamente para ela. Ela desviou o olhar rapidamente, pensando em Maria, sem entender por que ele estava olhando para ela assim.

Ela sentiu mais ainda quando o viu caminhar para trás dela, ouviu sua cadeira raspar o e sentiu ele se sentando atrás dela. Ela podia sentir a energia que emanava dele; era tremenda. De repente, seu celular tocou em seu bolso. Ela furtivamente estendeu a mão, colocou-o fora alguns centímetros e olhou. É claro. Maria.

Meu Deus, eu estou morrendo.

Scarlet empurrou seu celular de volta para o bolso, não se virou nem olhou para Maria, não querendo deixar óbvio que elas estavam trocando mensagens de texto. Ela, então, colocou as mãos para trás em sua mesa, esperando que Maria pararia de enviar mensagens de texto. Ela realmente não queria conversar naquela hora. Ela queria se concentrar.

Mas seu telefone tocou novamente. Ela não podia ignorá-lo, especialmente com Maria sentada ao lado dela, então novamente, ela estendeu a mão.

Olá? O que devo fazer?

Mais uma vez, Scarlet empurrou o celular de volta no bolso. Ela não queria ser rude, mas ela não tinha idéia do que dizer e realmente não queria começar uma conversa de mensagens de texto naquele momento. A situação só estava piorando, e ela queria se concentrar no que o Sr. Sparrow estava dizendo, especialmente porque era sobre sua peça favorita.

Mas, novamente, não podia ignorar completamente Maria. Ela rapidamente se abaixou e digitou com um dedo. *Não sei.*

Ela clicou em, em seguida, empurrou o celular de volta para o fundo de seu bolso, esperando que Maria a deixasse em paz.

“Romeu e Julieta”, o Sr. Sparrow começou, “não é uma história original. Shakespeare, na verdade, se baseou em um conto antigo. Como todas as peças de Shakespeare, ele encontrou suas fontes na história. Ele reciclou velhas histórias e as adaptou em sua própria língua, em seu próprio tempo. Nós gostamos de pensar que ele é o maior escritor original de todos os tempos – mas, na verdade, seria mais correto chamá-lo o maior *adaptador* de todos os tempos. Se estivesse vivo e escrevendo hoje, ele não iria ganhar o prêmio de melhor Roteiro Original, ele ganharia de melhor roteiro *adaptado*. Porque nenhuma de suas histórias – nenhuma – são originais. Todos haviam sido escritas antes, algumas muitas vezes ao longo de

muitos séculos. Mas isso não significa necessariamente depreciar sua grande habilidade, sua habilidade como escritor. Afinal de contas, é tudo sobre como você formula uma frase, não é? A mesma trama contada de duas maneiras pode ser chata em uma instância e atraente em outra, não pode? A grande habilidade de Shakespeare era sua capacidade de pegar a história de outra pessoa e reescrevê-la em suas próprias palavras, em seu próprio tempo. E ao escrever com tanta beleza e poesia, ele a trouxe à vida pela primeira vez. Ele era um dramaturgo, sim. Mas, afinal e acima de tudo, ele era um poeta.”

Sr. Sparrow parou ao erguer a peça.

“No caso de *Romeu e Julieta*, a história já existia há alguns quando Shakespeare pôs as mãos sobre ela. Alguém sabe a fonte original?”

Sr. Sparrow olhou ao redor da classe, completamente silenciosa. Ele esperou alguns segundos e, em seguida, abriu a boca para falar, quando, de repente, ele parou e olhou na direção de Scarlet. O coração de Scarlet bateu quando ela pensou que ele estava olhando para ela.

“Ah, o novo garoto”, perguntou o Sr. Sparrow. “Por favor, nos ilumine.”

A classe inteira se virou e olhou na direção de Scarlet, para Sage. Ela ficou aliviada ao perceber que ele não a estava chamando. Não podia deixar de virar um pouco, também, e olhou para trás, para Sage. Em vez de olhar para o professor, estranhamente, Sage olhou para ela enquanto falava.

“Romeu e Julieta foi baseado em um poema de Arthur Brooke: *A Trágica História de Romeu e Julieta*. ”

“Muito bem!”, Disse o Sr. Sparrow, parecendo impressionado. “E, para ganhar pontos extras, talvez você saiba o ano em que foi escrito?”

Scarlet ficou surpresa. Como Sage sabia disso?

“1562,” Sage respondeu, sem hesitar.

Mr. Sparrow parecia agradavelmente surpreso.

“Que Incrível! Eu nunca tive um aluno que conseguisse acertar isso. Bravo, Sage. Já que você parece um estudioso, aqui vai uma pergunta final. Eu nunca conheci ninguém – mesmo entre os meus companheiros professores – que acertasse essa, então não se sinta mal se você não o fizer. Se você conseguir, eu vou lhe dar um 10 automático no seu primeiro teste. Onde e quando a peça foi realizada pela primeira vez?”

A classe inteira virou em seus assentos e olhou para Sage, a tensão era alta. Scarlet olhou também e viu Sage sorrir de volta para ela.

“Acredita-se ter sido realizada pela primeira vez em 1593, em um pequeno local chamado The Theatre, no lado oposto do rio Tâmisia.”

Mr. Jordan gritou de emoção.

“UAU! Meu caro Sage, você é bom. Uau, estou impressionado.”

Sage pigarreou, não havia terminado.

“Esse é o conhecimento comum”, disse Sage, “mas, na verdade, ela realmente foi realizada uma vez antes disso. Em 1592. No castelo de Elizabeth. Em seu pátio, no meio de seu pomar privado.”

Scarlet olhou para Sage, sem palavras. Seus olhos tinham um olhar distante, quase como se ele estivesse lembrando de estar lá mesmo. Ela não conseguia entender. O sorriso do Sr. Sparrow caiu.

“Oh, você estava indo tão bem, Sage. Sinto muito. Temo que você esteja enganado. Você devia ter desistido enquanto estava à frente,

“você realmente estava certo na primeira vez. Ela nunca foi realizada antes de 1593.”

“Na verdade, sinto muito, senhor, mas eu estou correto,” Sage insistiu suavemente, mas com firmeza.

Sr. Sparrow olhou de volta para ele, seus olhos arregalados de espanto.

“E qual é a sua fonte?”, Perguntou.

Houve uma longa pausa, Sage continuou sentado ali, aparentemente pensando. Scarlet estava surpresa. *Quem era esse garoto?*

“Não tenho nenhuma”, disse ele finalmente.

Lentamente, o Sr. Sparrow balançou a cabeça.

“Temo que, sem uma fonte, não podemos verificar, não é? Eu vou dizer uma coisa: encontre a fonte e eu vou, com prazer, reestabelecer sua nota. Enquanto isso, classe” continuou o Sr. Sparrow, “é hora de se dividirem em duplas. Por favor, se dividam e vão para os bancos, abram o livro no Ato Um, Cena Cinco.”

Houve uma baderna alta na sala assim que todos se levantaram e se dirigiram até os longos bancos nas laterais da sala.

“Lembrem-se, é uma cena menino-menina!” Sr. Sparrow gritou. “Eu quero que as meninas façam duplas com meninos e vice-versa!”

Scarlet estava prestes a fazer dupla com Maria até que ele fez este anúncio, descartando-a a possibilidade.

“Minha nossa, o que devo fazer?” Maria sussurrou enquanto ela se apressava. Maria, corada, estava olhando para Sage, que estava se levantando.

“Esta é a minha chance”, disse Maria. “Eu tenho que fazer dupla com ele.”

“Vá em frente”, disse Scarlet, sem entusiasmo. Ela queria que Maria fosse feliz, mas ela não conseguia evitar: uma outra parte dela mesma queria fazer dupla com Sage.

Scarlet se dirigiu até os longos bancos no lado oposto da sala e se sentou sozinha no final deles. Ela desdobrou seu livro à sua frente. Já que ela não faria duplas com Sage, ela realmente não se importava com quem ela teria que trabalhar: ela não gostava de nenhum dos garotos da classe. Ela achou que era melhor ela se sentar lá e esperar para que um deles para chegasse nela, ela realmente não estava a fim de ir atrás de um deles.

Ela olhou para cima e viu Maria se aproximando de Sage. Maria foi na direção dele, a primeira a alcançá-lo; Scarlet notou que outras meninas tinham tentado chegar perto dele também, mas Maria havia sido a primeira. Era sua chance.

Sage se virou e olhou para Maria, Maria se adiantou. Ela abriu a boca para falar, mas depois parou. Ela ficou paralizada.

“Oi”, disse Maria para ele, aparentemente com muito medo de dizer qualquer outra coisa.

“Oi”, disse ele de volta.

Ele esperou alguns segundos, mas Maria ficou ali, abrindo e fechando a boca algumas vezes. Finalmente, ela se virou, seu rosto estava vermelho. Scarlet não podia acreditar. Maria se virou e foi em sua direção e, enquanto isso, outras duas meninas caminharam até Sage.

Mas Sage virou as costas para elas e olhou direto para Scarlet. Para o horror de Scarlet, ele estava vindo bem na sua direção. Ela olhou para baixo, enterrando a cabeça no livro. Uma parte dela queria que

ele falasse com ela. Mas outra parte queria que não; seria como um tapa na cara de Maria.

Oh meu deus, ela pensou. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo comigo. Por que aqui? Por que agora?

Ela olhou para cima quando ele se sentou no banco em frente a ela, encarando-a do outro lado da mesa de madeira. Ele sorriu enquanto olhava para ela.

“Este lugar está ocupado?”, perguntou.

Scarlet ficou vermelha, sem saber o que fazer. Ela balançou a cabeça e olhou para trás, para baixo, na esperança de que Maria não estivesse assistindo aquilo.

“Você pode sentar onde quiser”, disse ela.

“O que eu realmente estava perguntando era se você poderia ser minha dupla?”, ele continuou.

Scarlet olhou para cima. Ela mal podia ignorá-lo neste momento. Agora Maria estava de pé ao seu lado, olhando para baixo, observando. Ela podia ver nos olhos de Maria que ela estava desesperada, em silêncio, pedindo-lhe para dizer não.

“Na verdade,” Scarlet disse, querendo ser uma amiga leal, apesar de seus próprios sentimentos por Sage, “Eu acho que você seria uma dupla realmente perfeito para a minha amiga, Maria.”

Quando ela disse isso, Scarlet se levantou, saiu de sua cadeira, pegou Maria e a colocou no banco, ela estava sentada. Ela viu Maria afobada, mas feliz, abrir um grande sorriso, ao estender uma mão desajeitada.

“Eu sou Maria”, disse ela a Sage.

Sage, claramente não queria ser rude, então estendeu a mão e apertou a dela, Maria balançou a apertou com força, sem jeito, sorrindo como uma boba.

“Eu sei”, disse ele. “Eu acabei de ouvir. Prazer em conhecê-la.”

Scarlet sentou ao lado de Maria, sentindo-se triste, mas bem por ter sido tão leal quanto poderia ser. Logo em seguida, um menino sentou-se em frente a ela.

Ah, não, ela pensou . Ele não.

Spencer. Ele era um garoto nerd, coberto de acne, que usava a camisa abotoada até o pescoço. Ele sorriu para ela, revelando uma boca cheia de aparelho.

“Oi Scarlet”, disse ele com a língua presa.

Ele era legal o suficiente, embora Scarlet não se sentisse nem remotamente atraída por ele. Mas ela não queria ferir seus sentimentos.

“Oi Spencer”, disse ela com naturalidade.

“Então, acho que nós somos uma dupla, não?”, disse ele, com orgulho.

“Acho que sim”, respondeu Scarlet.

Scarlet ficou lá, queimando por dentro, esperando que Maria apreciasse o supremo sacrifício que ela tinha acabado de fazer por ela. Enquanto estava sentada ali, com o canto dos olhos, ela não podia deixar de notar Sage. Estranhamente, ele não estava olhando para Maria, mas sim olhava na diagonal, diretamente para Scarlet. Seu olhar era óbvio, e Scarlet estava afobada. Com certeza, Maria iria ver aquilo, e ela sabia que iria chateá-la.

“Então você ouviu sobre o grande baile que vai acontecer amanhã à noite?”, Perguntou Maria a Sage.

Scarlet viu sua reação. Ele estava inexpressivo, claramente não queria se envolver com Maria.

“Sim”, disse ele de volta para ela, deixando por isso mesmo.

Scarlet perguntou se Maria teria a coragem de continuar o assunto, abrir o jogo e perguntar-lhe se ele gostaria de ir com ela. Mas um silêncio constrangedor se seguiu. Claramente, ela estava muito nervosa para perguntar a ele.

“Classe, Ok!” Sr. Sparrow gritou. “Meninos, vocês são, naturalmente, Romeo e meninas, Julieta.

Nesta cena, Romeo e Julieta estão em um luxuoso baile à fantasia. Eles se vêem pela primeira vez. E é amor à primeira vista. E, apesar de não conhecer um ao outro, em suas primeiras palavras, expressam seu amor eterno um pelo outro. Claramente, nós não iremos reencenar a dança nesta sala.”

A classe explodiu com risadinhas.

“Mas”, ele continuou, “tentem ler as linhas com significado. Sintam-se como se sentiria Romeo, como se sentiria Julieta. Sintam a sensação da linguagem ao falarem em voz alta. Qual é a diferença entre pronunciar em voz alta e ler para si mesmo? Isso vai nos levar para o final da aula. Sintam-se livres para começar.”

Um coro de vozes irrompeu em torno deles quando todo mundo começou a ler.

“Ah, ela ensina as luzes a brilha! Parece pender da face da noite como um brinco precioso da orelha de um etíope...”, Spencer começou a ler para Scarlet.

Sua voz era tão anasalada e sua fala, tão rígida, que ela teve que reprimir um riso. Foi possivelmente a pior leitura que ela já tinha ouvido, e a coisa mais distante de romântico que já tinha visto – soou robótico, como se um computador tivesse recitado a linha. Ela mordeu o lábio, forçando-se para não rir, não querendo embará-lo.

Ela leu suas linhas de volta para ele rapidamente, sem qualquer expressão de significado. Scarlet deu uma olhadela em Sage e, ao fazê-lo, ela o viu olhando diretamente para ela.

“Meu coração, até hoje, teve a dita de conhecer o amor? Oh! Que simpleza! Nunca soube até agora o que é beleza”, ele leu, direto para ela, com perfeita entonação e o significado mais profundo.

Não havia dúvida: ele estava olhando para ela quando disse isto. O coração de Scarlet disparou. Ela olhou para Maria, perguntando se ela tinha visto aquilo. Felizmente, Maria, nervosa, estava com a cabeça enterrada em seu livro, olhando para baixo, nervosa demais para olhar para Sage. Ela não tinha visto nada. Mas Scarlet tinha. Sage estava lendo suas falas para ela. Scarlet.

“Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais santo e conveniente.”, Scarlet leu. Ela não podia evitar: enquanto lia suas falas, ela se viu para trás, para Sage, ela lia para ele.

“Essa não é a linha que você devia ler!” Spencer a corrigiu. “Você está lendo a linha errada!”

Scarlet olhou para ele, seu rosto estava ficando vermelho. Mas que cara chato. Ele, além de chato, havia arruinado seu momento.

“Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência,” Sage leu. Mais uma vez, enquanto ele lia, ele olhava fixamente para Scarlet.

Desta vez, Maria olhou por cima de seu ombro e viu. Ela percebeu que Sage não estava olhando para ela, mas para Scarlet. E, com isso, seu rosto ficou vermelho de raiva.

O alarme tocou e, de repente, todos se levantaram de seus assentos. Maria pegou seu livro, enfiou-o em sua mochila e foi embora passando por Scarlet.

“Eu pensei que você fosse minha amiga,” Maria sussurrou para ela enquanto passava.

Scarlet estava tão nervosa, ela mal sabia o que fazer, nem o que responder. Ela foi falar com ela, mas Maria já tinha ido embora, correndo para fora da sala. Se era possível, Scarlet se sentiu pior do que nunca.

“Ei, Scarlet, isso foi muito legal!”, veio a voz nasal, irritante. Ela olhou e viu Spencer de pé muito perto dela, sorrindo, aquele aparelho estava perto de seu rosto e seu hálito cheirava a salame. “Gostaria que saíssemos mais vezes!”

Ele ficou ali, sorrindo, inclinando-se ainda mais perto até ele estar a apenas alguns centímetros de distância e Scarlet finalmente virou a cabeça, revoltada. Ela visivelmente se desviou e recolheu seus livros e, finalmente, para seu alívio, Spencer sumiu.

Scarlet ficou ainda mais furiosa, se perguntando se Spencer também havia assustado Sage. Mas, de repente, ela ouviu uma voz madura, suave e gentil.

“Sua amiga está chateada”, disse Sage.

Scarlet olhou para cima e viu, com alívio, que ele ainda estava lá.

“Mas você não fez nada de errado. Eu nunca quis ficar com ela. Eu queria ficar com você.”

Scarlet parou ao olhar em seus olhos. Quando ela o fez, sentiu seu mundo perder a forma. Ela estava pensando exatamente a mesma coisa.

“Eu sinto muito”, disse Scarlet, sem fôlego. “Mas ela é minha amiga. E ela gosta de você.”

“Mas não é dela que eu gosto,” Sage respondeu.

Scarlet foi esmagada com o desejo de lhe perguntar o porquê. Por que ele gosta dela? Como ele estava tão certo? Como tudo aquilo era possível? Especialmente porque eles nem sequer se conheciam?

Ela queria desesperadamente falar com ele, lhe fazer perguntas, continuar lá, com ele. Ela não queria sair daquela sala. Mas era demais para ela. Ela estava pressionada com emoções conflitantes e não podia deixar de se sentir desleal com Maria até mesmo ao falar com ele.

Assim, apesar de toda a vontade de seu corpo, ela se virou e saiu correndo da sala, porta afora, dentro da corrente sem fim de alunos, sentindo seu coração quebrando em um milhão de pedacinhos.

CAPÍTULO SETE

Scarlet caminhava com sua mãe pela calçada de paralelepípedos em direção à porta principal da igreja, sentindo-se diferente. Ela nunca havia ido à igreja antes, mesmo esta ficando a apenas duas quadras de sua casa, ela não queria que nenhum de seus amigos a vissem andando naquele momento. A igreja era tão visível, ficava à direita

na rua principal do centro da cidade; ela baixou seu boné de beisebol, que ela havia arrancado do cabide no último segundo, torcendo que ninguém a visse. Não que ela pensasse que havia algo de errado em ir à igreja – era só que ela simplesmente não gostava. Não era comum em sua família. Ela pensou que seria estranho se alguns de seus amigos ou vizinhos de repente a vissem andando com sua mãe em direção à igreja no meio do dia. Afinal, por que alguém faria isso? A menos que algo estivesse errado com sua família.

Mas ela sabia que ir à igreja faria sua mãe feliz e, por algum motivo estranho, ela meio que estava ansiosa também, dada a forma como ela estava se sentindo insegura nos últimos dias. Ela não se importaria realmente em ter alguém para conversar, presumindo que o padre fosse legal, o que sua mãe disse que ele era, ela não queria um tipo estrito e velho. Ela duvidou que ele pudesse se relacionar com ela, mas talvez ele pudesse ajudar a lhe dar alguma luz sobre o que havia de errado com ela. Ou talvez ele pudesse, pelo menos, deixá-la mais calma.

Enquanto andavam, Scarlet pensou sobre o seu dia. Tinha sido outro dia ruim. Após a primeira aula, tudo estava péssimo: ela não viu Sage novamente durante o resto do dia e, mesmo assim, ela não conseguia parar de pensar nele. Ela se perguntou se ele a odiava agora, por deixar as coisas assim. Apesar de tudo, ela esperava que ele gostasse dela. Ela procurou por ele durante todo o dia, mas não viu nenhum sinal. Foi tão estranho – era como se ele tivesse desaparecido.

Pelo menos, pensar sobre ele a ajudava a superar Blake. Com Sage em sua cabeça, ela mal tinha pensado em Blake novamente naquele dia; ela o tinha visto uma ou duas vezes, com o canto do olho, tinha certeza de que ele a tinha visto também, e tinha rapidamente se virado. Ele definitivamente não lhe mandou uma mensagem durante o dia todo. Por isso, era óbvio que ele não estava mais interessado

nela. O que estava deixando de incomodá-la, desde que ela pensasse em Sage.

Apesar de seus esforços, ela não tinha cruzado com Maria de novo naquele dia; ela tinha certeza de que Maria estava ignorando-a e ela podia jurar que Jasmin e Becca também a estavam evitando. Ela se perguntou se Maria tinha-lhes dito o que havia acontecido e havia deixado uma má ideia sobre Scarlet.

Ela não tinha visto nenhuma delas na hora do almoço, o que era incomum. Scarlet estava com um crescente sentimento de que não tinha ninguém a quem pudesse recorrer. Suas amigas, Blake, seus pais, ela estava sentindo que todos estavam alinhados contra ela.

O alarme final do dia fora um som bem-vindo e ela correu de volta para casa, verificou seu celular novo, mas ainda não tinha recebido mensagens de Maria, ou de qualquer uma de suas outras amigas. Isso era um sinal claro. Maria escrevia mensagens o tempo inteiro, assim como as outras. Era evidente que algo de errado estava acontecendo. Maria provavelmente tinha dito a todas que Scarlet havia tentado roubar seu namorado – o que era ridículo, porque Sage não era namorado dela e porque ele sequer gosta dela. Sem falar que Maria sequer tinha tido a coragem de convidá-lo e Scarlet tinha realmente pensado nela ao trocar de duplas. Mas, mesmo assim, obviamente, na mente de Maria, era o que tinha acontecido.

Scarlet percebeu que ela deveria bancar a pessoa madura e, finalmente, mandou uma mensagem para Maria depois da escola, dando-lhe a sua perspectiva do que tinha acontecido. Mas Maria não respondera.

Era tão típico. Maria poderia ser a amiga mais leal do mundo, mas ela também poderia ser a mais rancorosa e territorialista.

Scarlet já estava de saco cheio e então deixou seu celular longe, recarregando. Naqueles dias, as coisas só pareciam piorar. Ela

esperou ansiosamente sua mãe chegar em casa do trabalho e, naquele momento, que era quase pôr do sol, ela estava realmente ansiosa para ouvir o que o padre tinha a dizer.

Claramente, a sua vida não poderia ficar pior.

A pesada porta da igreja se abriu e, enquanto elas caminhavam para dentro, Scarlet se sentia transportada para outro mundo. Estava tranquilo e escuro ali e, quando ela viu o chão de pedra lisa, os bancos velhos e desgastados, os vitrais, ela teve uma sensação de paz. Ficou surpresa com a maneira que ela se sentia em casa – e ainda mais surpresa por ela nunca ter estado lá antes.

De repente, os sinos da igreja soaram, marcando seis horas. Após os sinos tradicionais, seguiu-se uma música, tocada em carrilhões. Fora a coisa mais linda que Scarlet já tinha ouvido, ela se sentia grata a sua mãe.

“Obrigado por me trazer”, disse ela a sua mãe.

A mãe dela apertou sua mão dela e seu rosto se abriu em um sorriso, Scarlet sentia-se culpada, ela tinha sido tão teimosa.

Uma porta lateral se abriu no extremo da igreja e o Padre McMullen entrou, esbanjava um sorriso acolhedor.

“E você deve ser Scarlet”, disse ele em uma voz alegre, enquanto sandava na direção delas. Ele estendeu sua mão à frente, antes mesmo de alcançá-las. Scarlet apertou a mão dele e ele a sacudiu de volta, envolvendo-a cordialmente com suas duas mãos.

“Já ouvi tantas coisas lindas sobre você. Obrigado por ter vindo. ”

“Obrigada por me receber”, disse ela, sem saber o que responder.

Ao apertarem as mãos, ele olhou bem nos olhos dela e ela olhou nos olhos azuis claros dele, e ela não pode evitar de sentir que ele a

examinava. Como se tivesse sentido algo surpreendente. Ele rapidamente retirou suas duas mãos. Em seguida, sua expressão mudou para uma de hesitação, talvez até mesmo medo.

Ele limpou a garganta.

“Por favor, venham por aqui”, disse ele ao se virar e as levou até o altar.

Elas o seguiram pelo longo corredor, passando pelo bancos da igreja e, enquanto isso, Scarlet notou que ele ficava olhando para os lados, com uma expressão cada vez mais preocupada. Ela se virou para ver o que ele estava olhando e notou fileiras de velas grandes que queimavam: enquanto eles andava, uma de cada vez, as velas iam se apagando.

No momento em que chegaram ao final do corredor, todas as velas ao longo das paredes haviam se apagado e, ao se aproximar do altar, as dezenas de pequenas velas votivas também apagaram de uma vez só.

O Padre parou no meio do seu caminho, preocupado. Ele ficou ali, de costas para elas, como se tivesse medo de se virar.

Scarlet olhou para as velas, sem entender o que estava acontecendo. Aquilo era um teste? Ela sentia que não.

O Padre lentamente se virou e olhou para ela. Pela sua expressão de medo, ela não pôde deixar de se perguntar que talvez ela fosse a culpada. Ela viu pequenas gotas de suor formarem em sua testa, enquanto os olhos dele miravam o pescoço dela.

“Mas que belo colar,” disse ele.

Scarlet detectou um tremor em sua voz que não estava ali um momento antes. Claramente, ele estava apavorado. E ele estava com *dela*, ela percebeu. Isso a assustou e ela começou a tremer.

“Posso perguntar onde você conseguiu isso?”, perguntou.

“Eu dei a ela,” sua mãe entrou na conversa. “No seu décimo sexto aniversário. Apenas alguns dias atrás.”

Ele se virou e olhou para ela.

“E onde você conseguiu isso?”, ele perguntou, com intensidade.

“Está na minha família há gerações”, respondeu ela. “Minha avó me deu isso. E sua avó deu a ela.”

“Posso olhá-lo?”, Perguntou, virando-se para Scarlet.

Scarlet assentiu, sem saber o que dizer.

Ele estendeu a mão e gentilmente levantou a cruz com dois dedos, olhando para ela sob a luz. Ao fazer isso, seus olhos se arregalaram de medo.

“A cruz da Ressurreição”, ele sussurrou para si mesmo, em terror.

“Você sabe o que é isso?”, Perguntou sua mãe.

Ele soltou o colar, recolhendo sua mão como se tivesse tocado em uma cobra.

“É claro”, disse ele. “Dizem que existe desde os tempos de Cristo. É uma das mais famosas cruzes do Cristianismo. Acredita-se que está perdida há séculos. É uma relíquia sagrada. Eu não consigo entender como você tem isso. Algo parecido com isto pertenceria ao Vaticano. A um museu. A uma exposição.”

Scarlet estendeu a mão e tocou seu colar, sentindo uma nova apreciação por ele. E medo também. Por que ele estava tão assustado com isso?

“Essa cruz”, continuou ele, “há rumores de que teria sido usada para proteger os primeiros vampiros.”

“Vampiros?”, perguntou Scarlet, coração disparando.

“O que quer dizer protegê-los?”, perguntou sua mãe.

“Nos primeiros dias do cristianismo, havia rumores de que os vampiros seriam os escolhidos. Os bons. Quando bárbaros travaram uma guerra contra o povo santo, os vampiros, a super raça, foram chamados para proteger a humanidade. Naquela época, como você pode ver, era uma grande bênção para ser um vampiro. Era um pouco como ser um sacerdote hoje. Eles eram a raça escolhida, abençoada com a imortalidade. Mas, em algum lugar ao longo do caminho, tudo mudou. Muitos vampiros foram transformados. Uma estirpe do mal ocorreu entre eles. Ao longo do tempo, a tensão do mal tornou-se dominante e eliminou os bons. Apenas um punhado de bons permaneceram ao longo dos séculos. E esta cruz era o símbolo deles. Eles eram os Cavaleiros Templários dos vampiros, sua elite mais seleta.”

De repente, ele virou-se para Caitlin.

“Sua avó... quem ela era exatamente?”, perguntou.

“Hum... Bem ...” ela começou, afobado.

De repente, o sol se moveu, sua enorme bola vermelha se alinhou diretamente com o caminho da janela de vitral, no centro da parede oposta. Ele a iluminou, enviando um único feixe de luz solar direto para Scarlet. A luz inundou ela.

Scarlet, de repente sentiu uma dor horrível, bem no meio de sua testa. Era tão ruim que ela teve que segurar sua cabeça. Seus olhos ardiam, também, como se estivessem em chamas. Ela tombou. Parecia que estava sendo rasgada por dentro e ela não aguentava

nem mais um segundo. Ela gritou ao cair de joelhos, segurando sua cabeça.

“Faça parar! Faça isso parar!”, ela gritou.

“Scarlet o que há de errado?”, Sua mãe gritou, caindo ao lado dela, colocando um braço em volta dela.

O padre deu um passo para trás, seus olhos estavam arregalados de medo.

“Sancte Michael Archangele, defende nos in proelio, contra nequitiam et insidias diaboli esto praesidium”, ele começou a cantar e levantou a mão no sinal da cruz. Ele enfiou a mão no seu manto, pegou uma pequena garrafa de água benta e a derramou sobre Scarlet.

À medida que a água atingia sua pele, à luz do sol, parecia ácido. Ela berrou. Mas, desta vez, não era grito normal. Parecia o rugido gutural de um animal, vários oitavos inferiores. Era um ruído terrível, um que levantaria os pêlos da parte de trás do pescoço de qualquer humano. Ela gritou e gritou, de pé, jogando para trás seus braços, arremessou sua mãe voando pelos ares, colidiu contra os bancos de madeira.

O grito cresceu tão alto que a sala inteira começou a tremer; com isso, todo o vidro colorido, em todas as paredes, quebraram, explodindo em todas as direções.

O Padre McMullen se virou e fugiu, correndo com todas as suas forças.

Scarlet jogou a cabeça para trás e rugiu. O rugido subiu mais alto e mais alto, mais alto do que o som dos sinos, mais alto do que o som do vidro se quebrando e fragmentos de todas as cores se derramavam ao seu redor.

CAPÍTULO OITO

Scarlet abriu os olhos para ver sua mãe olhando para ela. Ela piscou várias vezes até ela lentamente entrar em foco. Sua mãe olhou para baixo, preocupada. Do seu outro lado, estava seu pai, também olhando para ela com preocupação.

Scarlet olhou a sua volta e percebeu que estava deitada em sua cama, em seu quarto. Ela olhou para fora da janela, e viu que era noite, procurou seu relógio, este piscava 09:00. Ela se perguntava como ela havia chegado ali. Tentou juntar todos os pedaços, mas estava nebuloso. Ela se assustou por seus pais estarem ali. O que eles estavam fazendo ali, em seu quarto, olhando para ela daquele jeito?

“Scarlet, você está bem, querida?” Sua mãe perguntou, preocupada.

Scarlet olhou para seu corpo e percebeu que ela sentia totalmente bem. Ela simplesmente não conseguia entender como ela tinha chegado ali. Scarlet se sentou na cama.

“O que aconteceu?”

“Você se lembra?”, Perguntou sua mãe. “Da Igreja?”

Igreja. Scarlet forçou a memória e começou a se lembrar. Ela se lembrava de ir à igreja com sua mãe, de conversar com aquele sacerdote. Lembrava-se das velas apagando... dele falando sobre seu colar... e então...

Sua mente ficou em branco.

“O que aconteceu?”, Perguntou ela.

Sua mãe olhou para baixo, como se debatesse como deveria contar.

“Bem...”, ela começou. “Você desmaiou. E eu a levei para casa e a coloquei na cama. Isso foi há três horas.”

“Oi querida”, seu pai entrou na conversa, segurando a mão dela. “Estou muito contente de ver que você está indo bem.”

Scarlet tentou se lembrar do seu desmaio, mas não conseguiu.

“Eu sinto muito”, disse ela. “Talvez eu estivesse com glicemia baixa ou algo assim. Eu nunca desmaiei antes.”

“Você pulou o almoço?”, perguntou seu pai.

Scarlet relembrou. Sim, ela tinha pulado.

“Na verdade, sim. E o café da manhã, também... Fora um dia estressante e eu meio que esqueci.”

“Bem, então isso explica tudo”, disse o pai dela, soando confiante e seguro, como se estivesse pronto para deixar todas essas coisas para trás. “Você só precisava comer. Ir à igreja provavelmente estressou você e você acabou desmaiando. Nada demais. Estou feliz que você esteja bem agora.”

“Espere um minuto”, disse sua mãe. “Isso não é tudo o que aconteceu.”

“Por que você não pode simplesmente deixar as coisas assim?”, ele se virou para ela. “Você está aumentando toda essa coisa para ser mais...”

“Gente, eu estou bem aqui,” Scarlet se virou para os dois, cansada daquelas brigas. “Eu estou totalmente bem. Sério. Não há nada para

se preocupar. Eu apaguei. Sinto muito. Eu acho que eu não comi direito ou sei lá.”

Scarlet não aguentava mais aquelas discussões; ela não suportava estar junto com eles. Ambos olharam para ela, momentaneamente silenciados.

“Podemos conversar em particular?”, seu pai perguntou à sua mãe, com severidade.

Os dois rapidamente se arrastaram para fora do quarto, fechando a porta atrás deles e, imediatamente, Scarlet podia ouvir o som abafado da briga. Ela apertou suas mãos aos ouvidos e suspirou. Ela odiava aquilo. Por que eles tinham que discutir o tempo todo? Ela não podia deixar sentir que tudo aquilo tinha algo a ver com ela, o que a fazia se sentir ainda pior.

Ela ouviu um zumbido alto e olhou para o lado, viu a luz de seu celular acender em sua mesa da cabeceira. Pegou-o: era uma mensagem de Maria.

Desculpe-me, eu estava chateada. Você está certa. Você não fez nada. Acho que eu estraguei tudo fora de proporção. De qualquer forma, amigass?

Scarlet sorriu, sentindo-se vingada. Finalmente, algo deu certo naquele dia. Ela digitou: *Amigas*.

O telefone dela se iluminou imediatamente com outra mensagem de Maria: *Vamos no esquentar hoje?*

Scarlet pensou por um momento, sem saber o que dizer: *Não tenho certeza de que irei.*

Uma parte dela só queria se enrolar e dormir e esquecer daquele dia. Mas outra parte dela realmente gostava da ideia de sair da casa, sair com Maria, se distair daquele dia horrível.

Por Favor. Você tem que vir. Preciso de companhia. Ouvi falar que Sage também estaria lá. Esta é a minha chance. Blake vai estar lá e ouvi dizer que ele está brigado com Vivian. Agora é a sua chance.

O pensamento de ir a esta festa, com Sage e Blake e Maria lá – e Vivian e suas amigas – lhe revirava o estômago. Mas, ao mesmo tempo, ela realmente queria se reconciliar com Maria e sair de casa. E, apesar de tudo, a ideia de ver Sage deu a ela um pouco de animação.

Não tenho certeza.

Por Favor. Eu serei a única menina solteira lá. Preciso de você.

Scarlet suspirou. Ela pensou bastante. Se ela não fosse para o grande baile do dia seguinte, e parecia que ela não ia – então, pelo menos, ela poderia sair aquela noite.

Meus pais me matariam, ela mandou uma mensagem de volta, já antecipando a reação deles .

Ela esperou um segundo, pensando se deveria lhes perguntar. Claro que não. É claro que eles diriam que não, especialmente depois daquele dia. Eles eram tão preocupados para começar; jamais permitiriam. Mas, quanto mais pensava sobre o assunto, mais ela percebia: ela realmente queria ir. No fundo de sua mente, ela estava esperando que algo poderia acontecer com Blake, ou Sage. Ela estava tão confusa, ela não tinha certeza com qual deles. Mas ela queria que algo acontecesse. Ela estava cansada de ficar sozinha.

O telefone dela se iluminou e seu coração acelerou quando ela leu a nova mensagem de Maria: *Venha para fora.*

Scarlet recuou. Ela nunca tinha fugido de casa antes. Mas quando ela começou a pensar sobre isso, ela, na verdade, começou a se perguntar se era uma boa idéia. Por que não? Se ela se esgueirasse pela janela e voltasse a tempo, eles nunca sequer saberiam.

Ela não ia ficar muito tempo de qualquer maneira e era a apenas algumas quadras de distância. Scarlet pulou para fora da cama, Ruth a acompanhou, sentindo uma explosão de energia e uma nova determinação. Ela foi até a porta, abriu e deixou Ruth sair e ela ficou escutando. Ela podia ouvir seus pais discutindo bem baixinho, lá embaixo, no primeiro andar. Ela tomou uma decisão. Ela saiu para o corredor e se inclinou sobre o corrimão e gritou:

“Estou cansada! Estou indo para a cama! Boa noite!”

Em seguida, ela bateu a porta bem alto e a trancou, sem esperar por uma resposta, esperando que eles não quisessem vir e ver como ela estava.

Apressou-se através do quarto, passou batom, escovou o cabelo, vestiu novas calça jeans, um suéter fino preto e uma jaqueta de couro e então desligou todas as luzes. Em seguida, ela atravessou o quarto, abriu a janela e saiu para o terraço. De lá, seria uma escalada fácil para baixo – ela já tinha feito isso um milhão de vezes.

De repente, ela ouviu uma batida na porta do quarto.

“Scarlet, abra essa porta!”, veio a voz áspera. Era seu pai.

Com uma perna para fora da janela, ela hesitou, perguntando se deveria voltar para dentro. Mas, já que ela estava lá, num impasse, o ar fresco a fazia se sentir bem e ela realmente queria ficar longe de tudo aquilo. Ela percebeu que precisava mudar de ambiente; ela não podia ficar naquela casa nem mais um minuto.

Ela saiu, fechou a janela atrás dela e desceu as paredes. Em momentos, ela estava em seu quintal, depois correu para longe, passou por seu quintal, atravessou a rua e começou a andar as 10 quadras até chegar à festa.

* * *

Assim que Scarlet virou a esquina, foi atingida por toda a movimentação no quarteirão de Jake, em frente a sua casa. Todas as outras ruas dali estavam tranqüilaa, sem um sinal de vida – mas, em um contraste gritante, a quadra de Jake estava apinhada de carros estacionados. Sua casa estava totalmente iluminada, todas as luzes de todos os quartos de cada andar, e dezenas de jovens estavam nos gramados do jardim e do quintal, segurando copos de cerveja e bebidas. A música tocava tão alto que ela conseguia ouvi-la de onde ela estava, a uma quadra de distância, junto com o zumbido de conversa, gritos, risadas e festas.

Deve haver pelo menos duzentas pessoas naquela casa, o pensamento Scarlet.

Ela se perguntou como Jake iria possivelmente limpar tudo aquilo antes que seus pais chegassem em casa e se admirava como nenhum dos vizinhos naquela vila super tranquila tinha chamado a polícia ainda. Ela achava que era só uma questão de tempo até que o fizessem.

Scarlet caminhou rapidamente, apertando seu casaco fino firmemente em torno de seus ombros contra a brisa que a atingia enquanto se aproximava. Quando chegou mais perto, alguns adolescentes olharam em sua direção, ela sentiu uma vibração em seu estômago. Havia tantos problemas por trás daquelas paredes, era como voltar para a escola de novo, só que à noite – e de uma forma muito mais contida.

Quando chegou na frente da casa, ela viu Maria, ali de pé, com os braços em volta dos ombros tentando se aquecer e acenando para Scarlet com seu celular. Seu rosto se iluminou quando a viu.

“Aí está você!”, ela disse, correndo até ela, envolvendo um braço em torno dela com força para direcioná-la e conduzi-la até um corredor, lado a lado. “Estava esperando você há um tempão!”

“Por que você não entrou logo”, perguntou Scarlet.

“Você está brincando? Não é tão legal chegar sozinha.”

“Onde estão Jasmin e Becca?”

“Jasmin já foi embora. O namorado dela tinha outros planos. Becca está aí dentro, mas ela está com Jake.”

As duas andaram entre as centenas de adolescentes com copos de cerveja na mão, vários deles fumavam; Scarlet viu que um deles jogou uma bituca ainda fumegando no gramado da casa ao lado. Ela balançou a cabeça, esperando que a casa não pegasse fogo. Enquanto caminhavam entre os jovens, um soprou fumaça em sua direção, e ela podia senti-la se infiltrando em seu cabelo e roupas. *Ótimo*, pensou ela. *Agora meus pais vão sentir este cheiro.*

Eles caminharam atravessaram a porta aberta e entraram na casa bem iluminada e, no interior, a movimentação atingiu Scarlet como uma onda. A música estava altíssima, a batida sacudia o chão e os ambientes estavam lotados de pessoas dançando, rindo, cantando, bebendo em grandes copos de plástico vermelho e derramando cerveja em todos os lugares. Ela olhou e viu um pequeno barril no canto, três de seus colegas estavam atrás dele, com bonés de beisebol virados para trás, enchendo fileiras de xícaras.

A espuma derramava pelo chão, sobre o tapete e ninguém parecia se importar. A casa já cheirava a uma festa da fraternidade.

Várias meninas de sua sua sala seguravam copos de bebidas e tomavam goles; outras meninas estavam com copos diferentes, Scarlet as viu derramando um pequeno frasco sobre os copos de suco de laranja e limonada. Ela não podia acreditar o quanto todos estavam bebendo em uma festa de dia de semana.

Então, novamente, o grande baile seria no dia seguinte amanhã e, sob o olhar atento de todos os professores, não seria nada fácil se divertir como quisessem. Aquele esquentava era a verdadeira festa.

“Vamos lá!” Maria gritou por cima da música enquanto a arrastava pelos cômodos até chegarem na cozinha. “Os refrigeradores estão aqui”.

A cozinha estava bem menos movimentada, havia espaço para se mexer, e a música estava mais baixa também. Scarlet seguiu Maria até um grande balde de metal cheio de gelo, havia várias bebidas dentro dele. Maria se abaixou e pegou duas, antes mesmo perguntar a Scarlet, ela abriu uma garrafa e lhe entregou.

“Saúde”, disse ela.

Scarlet hesitou; ela raramente bebia e realmente não quer beber naquele momento. Se seus pais a pegassem voltando sorrateiramente para casa, já seria ruim; se eles sentissem cheiro de álcool nela, seria o fim. Mas, novamente, Scarlet não queria parecer careta; então ela decidiu aceitar e tomar um gole, e então, quando ninguém estivesse olhando, deixaria a garrafa em algum lugar.

“Saúde”, disse ela, tilintando as garrafas e tomando um gole; subiu direto para sua cabeça.

“Eu não o vejo em nenhum lugar”, disse Maria.

“Quem?”, Perguntou Scarlet.

“Sage. Ouvi boatos de que ele estaria aqui. Você o viu?”

O estômago de Scarlet se contorceu quando ele lhe veio à mente. Ela queria mais do que tudo se livrar dos pensamentos sobre ele, para que ele fosse completamente de Maria. Afinal de contas, Maria era sua melhor amiga e ela queria que ela fosse feliz. Mas, por mais que ela tentasse suprimir seus pensamentos, ela não podia deixar de perceber que também sentia algo por Sage.

“Não”, ela respondeu, nervosa. “Eu não estava procurando por ele.”

“Assim, tipo o que foi que ele disse para você depois da aula?”, perguntou Maria, voltando-se para ela. “Ele disse alguma coisa sobre mim? Será que ele gosta de mim?”

Scarlet podia ver como Maria estava obcecada por ele, podia ver que ela não foi deixá-lo ir. Ela nunca a tinha visto daquele jeito. Scarlet não pôde deixar de se perguntar se Maria queria vê-la naquela noite para conciliar verdadeiramente a amizade das suas ou apenas porque ela queria ter mais informações sobre Sage.

Scarlet se sentiu mal por ela. Ela sabia o que Sage havia dito, que ele não gostava de Maria – isto a devastaria. Ela não teve coragem de dizer isso a ela. Além disso, ela podia ver que Maria estava perdida em sua própria fantasia, ela nem acreditaria se ela lhe contasse.

“Ele não disse nada na verdade. O alarme tocou e eu saí.”

“Você acha que ele estava gostando da nossa encenação, quando estávamos fazendo dupla? Eu pensei que tinha visto ele olhando para você, fiquei confusa.”

Scarlet não sabia o que responder. Ela realmente não queria deixar sua amiga chateada; mas ela tampouco podia enganá-la.

“Eu realmente não sei. Não sei nada sobre ele.”

“Mas você estava lá. Conte-me. O que você acha? Ele estava gostando?”

Scarlet não tinha idéia do que dizer, então ela apenas tomou outro gole.

“Nossa, eu não consigo parar de pensar nele”, continuou Maria, sem esperar por uma resposta. “Eu *preciso* tê-lo. Ouvi dizer que ele ainda não tem um par para amanhã à noite. Vou convidá-lo hoje esta

noite. Estou decidida. Desta vez eu vou mesmo. Vou força-lo a dizer sim."

"E aí, pessoal," veio uma voz. Elas se viraram e lá estava Becca, de braços dados com seu namorado, Jake. "Estão se divertindo?"

"Oi", disse Jake.

"Oi Jake", disseram elas. "Obrigada por nos receber."

"Vocês e o resto da escola", ele riu. "Está ficando louco."

"Seus pais não vão ficar bravos?", perguntou Maria.

Ele levantou um dedo à boca, como se pedisse silêncio.

"Se a faxineira fizer seu trabalho, eles nunca saberão. Vamos apenas torcer para que ninguém chame a polícia."

Eles de repente foram agarrados por outras pessoas, viraram e se dirigiram para a multidão. O bolso de Scarlet vibrou e ela pegou o celular. Quando ela viu o número, seu coração parou. Era seu pai. Isto a fez perder o fôlego. Ela não sabia o que fazer. Não havia explicação para ele ligar para ela, a não ser que ele soubesse. De alguma forma, ele devia ter entrado em seu quarto e viu que ela não estava lá.

Ah, não, ela pensou . Ele deve estar em pânico.

"O que há de errado", perguntou Maria; ela devia ter visto sua expressão.

"Meus pais", disse ela.

Maria deu de ombros.

"Qual é", disse ela. "Nem está tarde."

Mas Scarlet não era tão indiferente; ela se perguntava como iria encobrir o cheiro de álcool em seu hálito, ou de cigarro em suas roupas. Ela se perguntou se deveria atender o telefone ou ignorá-lo. Nenhuma das opções era boa. Ela decidiu ignorá-lo. Melhor tentar explicar mais tarde, pessoalmente.

“Meu Deus, olha o Blake!” Maria gritou, agarrando Scarlet pelo ombro e apontando para o canto mais distante da sala.

O coração de Scarlet disparou quando ela o viu, ele estava com seus amigos perto de um barril, enchendo o copo. Felizmente, ele não ainda não a tinha visto. Agora que ela o vira, ali, em carne e osso, ela não tinha certeza se ela queria que ele a visse. Ela estava em dúvida. Depois do que acontecera, ela não tinha certeza de como se sentia a respeito dele. Ela havia pedido desculpas e ele a ignorou. Aquilo foi rude. Ele não tinha respondido sua mensagem e estava agindo como se ela não existisse. Para ela, aquilo era demais. Isso a fez realmente pensar duas vezes sobre se ela gostava dele mesmo.

E desde que ela encontrara Sage, era ainda mais fácil se esquecer de Blake.

“O que você está esperando?” Maria cutucou. “Vá até ele. Vivian não está aqui. Esta é sua chance.”

“Eu realmente não quero falar com ele,” Scarlet respondeu.

“Do que você está falando? Amanhã é o grande baile. Ele está ali parado. O que você está esperando?”

Scarlet estava começando a se sentir incomodada com toda a pressão.

“Olha só quem fala”, ela finalmente retrucou. “Como se você tivesse convidado Sage.”

Maria franziu a testa.

“Eu cansei de ir atrás dele,” Scarlet disse. “Se ele quiser se aproximar de mim, ele vai. Se ele não o fizer, tudo bem também.”

“Então, como é, tipo, você nem vai ao baile então?”, perguntou Maria.

“E isto seria o fim do mundo?” Scarlet respondeu.

Maria deu de ombros.

“Eu vou procurar por Sage. Estarei de volta. Você vai ficar por aqui?”

“Eu acho que vou andar por ai um pouco”, disse Scarlet. “Talvez pegar um pouco de ar.”

“Ok, eu vou fazer dar um passeio um rápido e depois encontro você.”

Scarlet saiu da cozinha, foi para a sala de estar do lado, a música foi ficando mais alta. Ela se espremeu entre os outros e conseguiu chegar na parte de trás da casa. Então deixou sua bebida, quase cheia, em um canto escuro. Ela realmente não estava a fim de beber naquela noite. Ela não precisa disto. Podia se divertir sóbria.

Era bom estar ali fora, no ar fresco, especialmente porque dentro estava quente e úmido. Um pequeno grupo de crianças se reuniam ali, mas eles estavam absortos em sua própria conversa e continuaram assim. Apoiando-se no corrimão, ela olhou para fora do quintal. Observou os grandes carvalhos balançando ao vento e, atrás deles, vislumbrou a lua cheia. Era uma bela noite.

“Aí está você”, disse a voz.

O coração de Scarlet disparou ao reconhecer a voz. Blake.

Ela se virou lentamente e o viu ali, de jeans e moletom, com um colar de dentes de tubarão na base de sua garganta. Ele segurava

um copo de cerveja em uma mão e Scarlet poderia dizer, por sua expressão, que ele já tinha bebido algumas.

“Eu ouvi dizer que você estava aqui”, disse ele. “Por que não me deu um oi?”

Scarlet olhou para ele, se perguntando se ela tinha escutado corretamente. Será que ele estava brincando? Ele estava fazendo joquinhos?

“Por que eu deveria?”, Disse ela, orgulhosa demais para se levantar por ele.

Ele deu um passo mais perto, um pouco fora de equilíbrio e olhou para ela. Quando ela olhou em seus olhos azuis, ela momentaneamente sentiu seus velhos sentimentos por ele; mas ela se forçou a desviar o olhar

“Foi você quem foi embora”, disse ele. “Eu percebi que você não estava a fim de mim.”

Ela pensou em como responder. Finalmente, ela teve a oportunidade de explicar.

“Eu sinto muito”, disse ela. “Eu realmente sinto. Eu não tive a intenção de magoá-lo. Eu estava realmente me divertindo muito. Mas é que...”

Scarlet hesitou, querendo saber como explicar-lhe.

“É que o que?”, disse. “Eu não sou bom o suficiente para você?”

“Não, não é nada disso”, disse ela. “É que... Eu comecei a passar mal. Eu não sei explicar isso. Eu só não estava me sentindo bem. ”

Ele olhou para ela e, pela primeira vez, sua expressão se suavizou.

“Por que você não me disse?”, perguntou.

“Eu tentei”, ela retrucou, sua raiva crescendo, “mas você nem respondeu minha mensagem.”

Ele olhou para baixo, como se estivesse com pesar.

“Você está certa. Se eu soubesse...” ele não terminou a frase.

“De qualquer forma, você não deveria ter dito aquelas coisas sobre mim, para a Vivian,” Scarlet disse. “Que você me deu um fora e tudo o mais.”

Seus olhos se arregalaram.

“Eu nunca disse isso.”

“Estava tudo no Facebook.”

Ele deu de ombros.

“Ela fez isso. Não fui eu. Eu não posso controlá-la.”

“Então por que você não entrou na internet e disse alguma coisa?”, perguntou Scarlet, aliviada por ele não ter dito aquelas coisas, mas ainda furiosa.

Ele olhou para baixo, se sentindo culpado.

“Ouça”, disse ele, “vamos esquecer tudo isso. Passado é passado. Eu vim aqui porque eu queria falar com você. Sobre o baile de amanhã à noite. Eu queria...”

“Então, é aqui onde você está se escondendo,” de repente veio uma voz.

Ah não, Scarlet pensou. Ela não. Agora não.

Ela se virou e viu, diante dela, seu pior pesadelo: Vivian. Ladeada por duas de suas amigas. Seus olhos estavam vermelhos e ela

estava claramente bêbada. As três marcharam para a parte externa da casa, ela rebojava em direção a Blake.

“Vivian”, ele começou, “Eu não... ”

“Você não faz o *quê?*”, Ela retrucou, sem deixá-lo terminar.

“É só que...”, ele começou, “... simplesmente não está dando certo.”

“Do que você está falando?”, Ela cuspiu, fumegante. Então ela se virou e olhou para Scarlet, havia punhais em seus olhos. “Você está contando mentiras sobre mim?”

Scarlet fora pega de surpresa. Ali estava Vivian, que contava mentiras sobre todo mundo, acusando Scarlet de contar mentiras sobre ela.

“Nós nem estávamos falando sobre você”, disse Blake, em sua defesa.

Finalmente, Scarlet pensou. Blake ia *finalmente* encará-la.

“Não minta”, Vivian retrucou, voltando-se para Blake. “Lembre-se o que você me disse no outro dia. Eu não acho que você quer que eu repita”, ela ameaçou, olhando diretamente para Blake.

O rosto de Blake ficou vermelho e Scarlet se perguntou o que ele tinha dito.

“De qualquer forma, isto é entre mim e ela,” Vivian retrucou, olhando de volta para Scarlet. “Vá me buscar uma bebida”, ela ordenou Blake.

Blake ficou ali, pensativo. Scarlet podia ver que aquela era a sua hora. Era a sua hora de enfrentá-la de uma vez, ser o homem que Scarlet queria que ele fosse. Mas seus olhos se abaixaram com a derrota, ela podia ver, naquele momento, que ele simplesmente não

tinha a coragem de se impor para Vivian. Havia algo nela que o dominava.

Blake saiu de fininho, de volta para a casa, deixando Scarlet sozinha para enfrentar Vivian e suas amigas. Fora um ato do qual Scarlet nunca iria perdoá-lo.

O rosto de Scarlet ficou vermelho. Ela não só estava furiosa com Vivian, mas ela também estava extremamente decepcionada com Blake. Isso certamente não era uma qualidade que ela desejava em um namorado. E, pela primeira vez, ela se perguntou se ela estava errada em ter algum sentimento por Blake. Pela primeira vez, ela se perguntou se ela diria sim caso ele a convidasse para o baile.

“Se você acha que pode chegar aqui e roubar Blake de mim, você está enganada”, disse Vivian, se aproximando de Scarlet, derramando suas palavras. “Você é uma perdedora. Um ninguém. Você nem sequer seria convidada para cá se sua amiga não estivesse namorando o Jake. Boa sorte ao ir para o baile de amanhã à noite, sozinha.”

Vivian se inclinou mais perto, tão perto que Scarlet podia sentir o cheiro de vodka em seu hálito.

“E, se você ficar no meu caminho com Blake, novamente, aquele post online não será nada comparado ao que estará por vir. Cada dia, para o resto do ano”, ela sussurrou para Scarlet, totalmente venenosa.

Scarlet ficou ali, bufando, querendo saber como responder. Ela estava furiosa demais até mesmo para saber o que dizer. Uma parte dela queria dar um soco em Vivian e em todas as suas amigas nojentas. Mas, claro, ela não faria isso. Ela tinha mais classe do que isso. Ela queria combater fogo com fogo, usar suas palavras.

“Bem, se você for postar algo novamente, por que você não tenta falar verdade: que Blake não está a fim de você, que você inventou

todas aquelas coisas sobre mim e que você é uma pessoa infeliz.”

“Sua bruxinha”, ela sussurrou, dando um passo a frente.

Scarlet se preparou para se defender. Ela podia sentir uma energia repentina surgindo através de suas veias e sentiu que ela poderia realmente ferir Vivian se quisesse. Mas ela não queria. Ela só queria que ela desaparecesse. De repente, a porta de vidro deslizou e apareceu Maria.

“Ora, ora, olha quem é”, disse Maria a Vivian. “Se não é a bruxa má!”

Vivian e suas amigas se viraram e olharam enquanto Maria saía da casa.

“Bem, se não é a segundo perdedora do par”, Vivian retrucou.

Maria não hesitou. Ela ergueu seu copo de plástico, cheio de cerveja e, para a surpresa de Scarlet, jogou direto no rosto de Vivian.

Vivian gritou, seu rosto, cabelos e roupas encharcados. Todo mundo que estava no quintal, uma boa dúzia de pessoas, se virou e olhou, atordoados em silêncio.

Em seguida, explodiram em gargalhadas, rindo da cara de Vivian.

Vivian, de repente, gritou e pulou em cima de Maria, levantando suas garras para o alta e apontando-as na direção do rosto dela. Vivian era uma menina alta, quase um metro e oitenta e Maria era baixinha e pequena, Scarlet sentiu que aquilo seria um desastre.

Scarlet explodiu em ação. Mesmo sem perceber o que estava fazendo, ela reagiu rápido como um relâmpago. Quando Vivian ia acertar o rosto de Maria, Scarlet a barrou no último segundo.

Scarlet segurou o pulso de Vivian com sua super-força, impedindo que sua mão alcançasse Maria. E, em seguida, empurrou Vivian de volta.

Não foi um empurrão forte, mas, mesmo assim, ela a fez voar para trás, com suas duas amigas. As três caíram, como peças de dominó, uma em cima da outra no chão mesmo. Scarlet as observava por cima, fervendo de raiva, querendo acabar com elas. Mas ela não o fez. Quando as três se sentaram, olhando para ela, com os olhos arregalados, todos que estavam lá por perto ficaram encarando Scarlet, como se ela fosse algum tipo de aberração.

“Meu Deus, Scarlet, como você fez isso?”, perguntou Maria, com a voz trêmula.

Mas Scarlet não aguentava mais. Aquela festa estava indo de mal a pior e ela se sentia fora de controle. Ela entrou na casa, passou por todos as pessoas, atravessou a porta da frente e todo o gramado do jardim. Ela precisava ir embora. Sem mencionar que seu telefone não parava de vibrar em seu bolso, seus pais não iriam deixá-la em paz. Ela percebeu que era hora de ir embora, e enfrentar a bronca.

De repente, uma voz parou por trás dela.

“Oi”, disse a voz.

Scarlet parou no meio do caminho.

Não. Não pode ser. Ele não. Agora não.

Ela se virou lentamente, esperando que fosse qualquer um menos ele. Seu coração estava batendo em sua garganta quando ela o viu diante dela.

Sage.

Vestido com sua jaqueta de couro, jeans e botas de couro, o cabelo comprido de Sage enquadrava seus olhos cinzentos, que brilhavam para ela.

“Onde você estava indo?”, perguntou.

“Eu não sei”, respondeu ela, pega de surpresa, sem pensar com clareza.

“Certamente você deve estar indo para algum lugar”, disse ele ao abrir um sorriso. Era o sorriso mais lindo que já vira.

Era contagiante; ela se viu sorrindo de volta.

“Eu acho que, para qualquer lugar, menos aqui. Já tive problemas demais para o meu dia.”

“Eu sei o que você quer dizer. Eu não sou muito do tipo de festas.”

“Então, por que você está aqui?”, ela perguntou, surpresa.

“Eu estava esperando encontrar alguém”, disse ele.

Ela olhou para trás, fascinada, imaginando.

Ela perguntou:

“Quem?”.

Ele fez uma pausa, então, com sua voz suave, ele disse:

“Você, na verdade.”

Eu? Pensou Scarlet. *Por quê?*

Sua garganta ficou seca.

Então ele sentia a mesma maneira.

Scarlet começou a se preocupar o que aconteceria se Maria saísse e visse os dois conversando. Seria um desastre. Ela sentia que tinha que sair dali. Mas ela não conseguia se distanciar.

“Eu queria conversar hoje”, disse ele. “Depois da aula. Mas você não me deu uma chance.”

Scarlet não sabia como responder. Ela mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo.

“Eu sinto muito”, disse ela, sabendo como ele se sentia. “Eu realmente não quero ser rude. É só que... bem... minha amiga, Maria. Ela realmente gosta de você.”

Pronto. Ela disse. Agora, ele tinha a chance de ir atrás de Maria, se quisesse.

“Mas você é a único que eu gosto”, disse ele, olhando-a nos olhos.

Quando ele disse isso, ele deu um passo e se aproximou mais, estendeu sua mão e acariciou sua bochecha. O coração de Scarlet estava acelerado em sua garganta. Sentia-se congelada no tempo.

“Scarlet?”, Veio uma voz indignada.

Ela se virou e seu coração apertou ao ver Maria de pé ali, a poucos metros de distância, olhando para ela com uma mistura de confusão e indignação. Maria parecia totalmente horrorizada, como se Scarlet tivesse acabado de esfaqueá-la pelas costas. Scarlet podia ver em seus olhos o quão profundamente traída ela se sentia.

Scarlet imediatamente se sentiu culpada, mesmo sabendo que não tinha feito nada de errado.

“Maria, você não entende – ” Scarlet começou.

Mas já era tarde demais. Maria começou a chorar e saiu. Ela desapareceu na multidão. Scarlet sentiu um poço abrir em seu estômago. Ela conhecia Maria e sabia que ela nunca iria perdoar algo assim. Ela iria entender tudo como uma traição e nunca iria superar isso. Scarlet se sentiu devastada pela culpa e tristeza, tinha a sensação de que Maria nunca mais falaria com ela de novo e também deixaria todas as suas amigas contra ela. Ela se sentiu mais sozinha do que nunca.

“Você está bem?”, Perguntou Sage.

Scarlet enxugou uma lágrima e se virou, viu Sage, que ainda estava olhando para ela com seus assombrosos olhos cinzentos. Ela assentiu com a cabeça, tentando se livrar daquela situação e voltar para o presente. Mas não estava funcionando.

“Eu tenho que ir para casa”, disse ela. “Sinto muito.”

“Sua casa pode esperar”, disse ele. “Venha comigo.”

Ele estendeu a mão.

Scarlet estava atordoada. Ela olhou para sua mão aberta. Sua amizade com Maria já estava arruinada e, claramente, nada iria corrigir isso. Ao mesmo tempo, seus sentimentos por Blake eram quase inexistentes. Sage era o único que a hipnotizava. Ele era o único que importava. Era com ele que ela queria estar junto.

Seu celular tocou de novo e de novo em seu bolso. Ela sabia que deveria voltar para casa, esquecer daquela noite, fazer as pazes com seus pais, tentar consertar as coisas com Maria. Tentar forçar sua vida voltar ao normal.

Mas ela estava cansada do normal. Estava tão cansada de tentar controlar tudo e todos, tentando fazer com que sua vida flua tão perfeitamente. Ela havia tido o suficiente. Sentiu que queria se livrar

de tudo naquele momento. Deixar o universo levá-la para onde ele quisesse.

Então, para sua própria surpresa, ela estendeu sua mão fria e a colocou suavemente na palma de sua mão.

Ela não tinha idéia de onde ele iria levá-la, mas ela tinha a sensação de que seria diferente de qualquer lugar que ela havia estado. Quando ela olhou para a palma da mão aberta, ela sabia, ela simplesmente sabia que esta seria a noite que mudaria tudo.

CAPÍTULO NOVE

Caitlin ficou lá em sua sala de estar, em transe, sentindo o mundo girando fora de controle debaixo de seus pés. Cada vez mais, ela sentia como se estivesse vivendo um sonho, distante da realidade, tentando agarrar os eventos que aconteciam ao seu redor. Algumas vezes ela sentia como se estivesse perdendo a cabeça.

Aquele episódio na igreja fora real. Muito, muito real. As velas apagadas, as janelas quebradas, eram as primeiras coisas tangíveis que podiam provar para si mesma que ela não estava louca. Que sua filha era um vampiro. Até o padre havia fugido. Pela primeira vez, seus medos tinham sido confirmados por outra pessoa.

Isso era tudo o que ela precisava. Agora, finalmente, ela tinha confiança em si mesma, tinha certeza sobre o que estava acontecendo com Scarlet. Independentemente do que Caleb, ou qualquer um outra pessoa pensasse, ela estava mais determinada do que nunca a salvar sua filha antes que fosse tarde demais.

Caleb passou pela sala de estar parecendo maníaco, conversava com uma pessoa após a outra em seu celular. Ela nunca o tinha visto tão preocupado. Quando Scarlet não abriu sua porta, ele a derrubou com seu ombro, arrombando-a, com medo de que ela estivesse doente, ou precisasse de ajuda. Mas, quando ele encontrou o quarto vazio e a janela aberta, percebeu que ela tinha mentido e escapado – ele ficou furioso. Ele passou de preocupado para furioso. Agora ele estava em uma missão para encontrá-la.

Caitlin estava preocupada, também, mas desta vez ela não estava perplexa. Agora, ela compreendia. Ela sabia o que estava acontecendo com Scarlet. Ela estava mudando. Se transformando. Esse comportamento, de certa forma, era de se esperar. Ela não estava preocupada com a segurança de Scarlet lá fora – ela estava preocupada com a segurança dos outros, de quem cruzasse seu caminho.

Enquanto Caleb andava pela casa, ligando para todo mundo que ele conhecia, Caitlin teve uma abordagem diferente. Ela sabia que o que importava, no panorama do momento, não era encontrar Scarlet. Ela sabia Scarlet acabaria voltando, no seu próprio tempo. Ela sabia que o que realmente importava era descobrir como curar Scarlet – se é que havia mesmo cura. Ela pensou novamente na página rasgada daquele raro livro raro e novamente pensou se a outra metade existia – e se iria mesmo ajudá-la.

Caitlin abriu a pasta e tirou a página, examinando-a novamente. Ela passou a mão ao longo das bordas do papel frágil, sentindo suas grossas extremidades, amareladas com a idade. Sentiu a marca d'água, forçando seu cérebro, forçando-se para encontrar alguma pista, qualquer coisa. Mas ela não encontrou nada.

Sua mente girava enquanto ela tentava pensar novamente se alguém poderia ajudá-la, inevitavelmente, um pessoa veio à sua mente: Aiden. Ele era a única pessoa no mundo que saberia o que a página queria dizer, se existia a outra metade e onde procurar por

ela. Se ela o conhecia bem, ele provavelmente já era familiarizado com aquele livro – e provavelmente, poderia contar-lhe mais sobre ele do que meses de pesquisa.

Ela tremeu com a idéia de procura-lo. Eles estavam em uma situação delicada, ela estava envergonhada, com medo de falar com ele. Uma parte dela ainda estava brava com ele; outra parte achava que ele era o único que poderia ajudá-la.

Ela olhou para o relógio: 11:00. Ele provavelmente estaria dormindo. Ela se perguntou se ele iria atendê-la se estivesse acordado.

Mas quanto mais ela ponderava, mais ela sentia urgência para falar com ele. Ela teria que engolir seu orgulho. Teria que saber onde aquela página estava. Ela só esperava que ele não a encurralasse com aquela conversa de impedir Scarlet. Se o fizesse, ela iria desligar na cara dele e nunca mais falaria com ele. Mas ela tinha que lhe dar mais uma chance.

Seu coração batia na garganta quando ela pegou seu celular e procurou o contato dele. Ela segurou o telefone no ouvido, um toque. Ela esperou, seu coração disparado, uma parte dela esperando que ele não respondesse.

Finalmente, veio um som do outro lado, um barulho ao telefone. Após uma longa pausa, uma voz grogue disse:

“Caitlin. Eu estava me perguntando quando você iria me ligar.”

“Eu sinto muito”, disse ela. “Por ter reagido daquele jeito. Você estava apenas tentando me ajudar. Eu percebo isso. Mas quando você falou sobre parar Scarlet... bem... eu não podia escutar mais. Eu ainda não posso. Eu não vou falar sobre a idéia de pará-la. Nunca. Eu prefiro me matar primeiro.”

Houve um longo silêncio do outro lado.

“Eu acho que eu encontrei outra maneira”, acrescentou ela.

“Conte-me.”

“Você já ouviu falar sobre *De Fascino Libri Tres* de Vairo?” Ela perguntou, esperando, rezando, que ele dissesse sim.

“É claro”, veio a resposta imediata, confiante, para seu grande alívio. “Foi publicado no final do século XVI. Vairo era um bispo. Mas o que a maioria das pessoas não sabe é que ele também estudou matemática e filosofia e ciência desde que era uma criança. Ele, por sua vez, foi influenciado por Platão e Sócrates e, de certa forma, por Hipócrates e há alguma evidência de suas teorias terem influenciado Isaac Newton, um século depois. *De Fascino* foi considerada a obra seminal de seu tempo. Você raramente pode encontrá-lo por ai nos dias de hoje. Por que a pergunta?”

Caitlin se sentiu tão aliviada; ela havia agido certo ao ligar para ele.

“Eu tenho uma cópia aqui, na nossa biblioteca da escola”, disse ela.

Ele fez uma pausa e ela podia sentir que ele estava impressionado.

“Me deparei com algo nele. É como um ritual, uma cerimônia. Ele afirma que irá curar os aflitos de vampirismo. Mas a coisa é, a página com a cerimônia está rasgada ao meio. E a outra metade está ausente. É uma edição original - nossa biblioteca a pegou emprestada – e nosso banco de dados não mostra nenhuma outra cópia existente. Eu preciso ver a outra metade dessa página.”

Ela fez uma pausa e um longo silêncio seguiu. Ela esperava que ele tivesse uma solução. Ela sabia que se alguém a tivesse, seria ele. Ele era sua melhor e última esperança. O silêncio se prolongou por muito tempo, por um momento, ela se perguntou se ele tinha desligado. Quando ela estava prestes a perguntar, uma voz ecoou:

“Há duas questões aqui. A primeira é se este assim chamado ritual tem algum mérito. Apesar de sua insistência na imparcialidade, na verdade, de Vairo foi um trabalho altamente tendencioso e muito controverso. Nós não temos nenhuma prova de que qualquer coisa era precisa. Tenha em mente, também, que algumas coisas foram emprestadas, algumas passadas e algumas podem ter sido plágio. As chances tal ritual funcionarem são remotas. Naturalmente, há sempre esperança. Eu não diria que é impossível. Mas eu acho que a probabilidade é desprezível.”

“Mas há esperança?”, perguntou ela. “O senhor acha que há pelo menos uma pequena chance?”

“Sim”, respondeu ele. “Certamente, existem alguns rituais e fórmulas em livros que os estudiosos têm sido incapazes de realizar, apesar de séculos de tentativas. Então sim. Embora remota, há esperança. Mas você ainda tem a segunda questão, que é encontrar a outra edição. Você está deixando passar um fato muito importante, é claro: o que a maioria das pessoas não percebem é que o trabalho de Vairo foi, na verdade, publicado em duas edições. Eu assumo a sua edição é a de Veneza, de 1589?”

Caitlin fez uma pausa, surpresa.

“Sim.”

“O que a maioria das pessoas não percebem é que esta, na verdade, se trata da segunda edição. A primeira edição é muito mais rara. Foi publicado em Paris, em 1583. Assim, a segunda edição realmente existe.”

Caitlin ficou sem fala, encantada com seu conhecimento, como sempre. Ela não tinha idéia de que havia uma versão anterior.

“Mas por que não há menção disso em nenhum lugar?”, perguntou ela.

“É uma cópia não oficial”, disse ele.

Caitlin tentava entender.

“Não oficial?”

“Há alguns volumes do mundo tão importantes que a sua existência não é do conhecimento público. São passados através de gerações, administrados por uma rede de bibliotecários de obras raras sobre ocultismo. São volumes que não querem que o público tenha conhecimento, eles jamais admitiriam que os possuem. Duvido que qualquer biblioteca ou universidade teria um. E eu duvido que qualquer livraria rara teria qualquer edição oficialmente não registrada. Mas isso não significa que eles não a tenham. Você só precisa chegar a eles com as credenciais certas.”

“Então você está dizendo que a outra cópia definitivamente existe?”, Perguntou ela, com o coração batendo.

“Eu não estou dizendo que não existe, estou dizendo que há uma chance. E, se alguém a tem, seria Rose. Ela cuida de uma livraria rara em Marais, na Charlemagne Rue, número Seis.”

Os olhos de Caitlin se arregalaram de surpresa.

“Paris?”, Perguntou ela

“Sim. É a livraria rara mais antiga, com os volumes ocultos mais esotéricos do mundo. Ela nunca admitiria isso para um estranho, mas ela tem um quarto nos fundos. Para volumes que ela não quer que ninguém saiba. Se você perguntar a ela, ela vai negar. Mas se você usar o meu nome e expressar a urgência da sua missão, ela irá permitir. É a sua melhor chance.”

“Mas Paris?”, Ela perguntou, oprimida com o pensamento. “Antes de eu ir até lá, será que eu posso ligar antes para ela me dizer se tem ou não. E então talvez enviar para mim via fax? Ou digitalizá-lo?”

Aiden suspirou.

“Ela deve ter quase uma centena de anos agora, ela não usa tecnologia. Na verdade, você tem sorte se ela ainda atende a porta. Na maior parte do tempo, sua loja está fechada. Mas isso não significa que ela não está lá. Ela só abre para certas pessoas. Ela não vai enviar por fax ou digitalizar nada. Ela sequer vai responder seu telefonema. Sinto muito, mas não há nenhuma outra maneira. Você teria que ir.”

“Obrigada, Aiden”, disse ela, de forma significativa. “De verdade.”

“Eu espero que funcione”, disse ele. “Eu realmente espero.”

Ele desligou e ela ficou ali sentada, sua mente acelerada. Claramente, não havia outra escolha: ela tinha que ir para Paris.

Caleb entrou, abaixando o telefone.

“O que você está fazendo?”, ele virou-se para ela. Ela não gostou do tom de sua voz. “Eu estou ligando freneticamente para Scarlet e você está sentada aqui. Não se preocupa com a nossa filha?”

Caitlin ficou de pé, pronta para arrumar suas coisas.

“Eu me preocupo mais do que você jamais saberá.”

“Eu estou ligando e ligando para ela e ela não atende”, disse Caleb, andando novamente. “Eu liguei para todos os seus amigos e seus pais e ninguém sabe de nada. Acabei de desligar o telefone com Samantha, que verificou seu Facebook para mim. Aparentemente, há muita conversa sobre uma festa em uma casa hoje à noite. Na casa dos Wilson. Eu acho que ela está lá. Acho que ela está com aquele rapaz, Blake – acho que ele é a fonte de todo este problema.”

“Isso é ridículo”, disse Caitlin. “Blake não tem nada a ver com isso.”

Ela atravessou a sala, recolhendo livros e papéis em sua pasta.

“Bem, eu estou indo para lá”, disse Caleb. “Vou encontrá-la e trazê-la de volta.”

Ele parou e olhou para ela.

“Onde você está indo?”, Ele perguntou, olhando para sua pasta, incrédulo. “Trabalhar?”

“Para Paris”, ela respondeu.

“*Paris?*”, Perguntou ele, pasmo. “Você está brincando?”

“Não”, ela respondeu, ocupada ao fazer as malas, sem tempo para suas perguntas e sem se importar com o que ele pensava. Ela sabia que ele tinha acabado de tentar impedi-la. “Há um livro que eu preciso lá. Eu acho que ele pode ajudar a Scarlet.”

“Um livro? Em Paris? Você perdeu a cabeça?”

Ele olhou para ela como se ela tivesse três cabeças.

“Ouça”, disse Caitlin, tentando explicar, “você não sabe o que aconteceu hoje na igreja. Quando Scarlet estava lá, as janelas se despedaçaram. Nossa filha causou isso. Você não percebe? Depois de todo esse tempo? Que nada disso é uma coincidência? Scarlet está se tornando um vampiro. E eu sou a única que pode salvá-la.”

“Você está doente”, Caleb gaguejou. “Você precisa de ajuda. Você realmente precisa. Você está caindo aos pedaços. Eu não posso acreditar nisso, em um momento como este, em que mais preciso de você. Você vai abandonar o navio, com a nossa filha perdida por aí, e viajar para Paris?”, ele perguntou, erguendo a voz.

“Você ainda não entende”, ela retrucou, sua própria voz aumentando: “Minha ida a Paris é a única coisa que vai salvá-la.”

Caleb ficou ali, parecia decepcionado.

“Eu nem sei mais quem você é.”

Suas palavras magoaram Caitlin e ela sentiu vontade de chorar. Ela sentiu que seu relacionamento estava se quebrando.

Ela não aguentaria mais nem um minuto daquilo. Então, sem dizer uma única palavra, ela pegou sua mala, caminhou até a porta e correu para seu carro, com a intenção de pegar o próximo voo para Paris.

CAPÍTULO DEZ

O coração de Scarlet batia com entusiasmo quando eles estacionaram na mansão de Sage. Eles vieram de carro depois que saíram da festa, e ela recordou o momento chocante em que tinha visto, pela primeira vez, seu carro: um Lamborghini preto. Ela nunca tinha visto isto antes. Assim que ela se sentou, afundando nos bancos de couro duro, tão baixos, próximos ao chão, ela não podia deixar de sentir que sua vida estava se tornando cada vez mais surreal.

Ela nunca tinha conhecido ninguém que tivesse um carro daqueles e, de fato, nunca conhecera um rapaz que parecesse tão maduro e jovem – e – misterioso como Sage. Tudo o que ele tinha acabado de fazer o tornava ainda mais misterioso. Cada pergunta que ela tinha apenas levava a mais perguntas. Como ele poderia dirigir um Lamborghini? Ele era tão rico assim?

Eles mal tinham conversado durante a viagem, o que só aumentou a sensação de mistério.

Ele dirigiu por algumas ruas conhecidas da vila e, em seguida, seguiu pro locais diferente, a levando por um caminho que ela não conhecia, mesmo vivendo lá há tanto tempo. As estradas se retorciam, cheias de curvas e, antes que ela percebesse, eles estavam na famosa estrada do rio, no qual ficavam as maiores e mais caras mansões, com vista para o rio Hudson. Depois de mais alguns quilômetros, ele entrou em uma delas.

Naquele momento, o enorme portão de ferro forjado ia lentamente abrindo diante deles.

Ela mal podia enxergar tudo. Ela nunca tinha ido a nenhuma dessas mansões em toda a sua vida, e não sabia quem vivia neles. Agora ali estava aquele menino, Sage, que apareceu do nada, em seu Lamborghini preto e estava levando-a para uma das maiores e mais grandiosa de todas.

Enquanto eles dirigiram até a calçada, parecia que um longo tempo havia passado. O gramado da frente era do tamanho de um parque estadual e eles passaram sob fileiras de árvores maduras, protegendo a entrada de automóveis. O luar passava por entre os galhos no caminho e, finalmente, a casa apareceu.

Não era uma casa: era uma mansão de pedra gigantesca, estendia-se em múltiplas partes. Atrás dela, seu gramado enorme descia até o rio Hudson. Era a casa mais bonita que ela já tinha visto; parecia que pertencia a um conto de fadas.

Ela não podia acreditar que Sage vivia ali. E ela não podia acreditar que ele tinha escolhido ela, entre todas as meninas. Ele estava quase achando que aquilo era bom demais para ser verdade. Ela tinha um milhão de perguntas queimando em sua gargata, mas não sabia nem por onde começar.

“Aqui é a casa dos seus pais?”, perguntou ela.

“Por algum tempo”, ele respondeu enigmaticamente.

Assim era ele: cada pergunta só levava a mais perguntas.

“E o que significa isso?”, ela pressionou.

Ela não queria ser intrometida, mas, ao mesmo tempo, sentia que, se ela fosse se aproximar dele, ela precisava de algumas respostas diretas. Ela precisava saber com quem ela estava.

“Temos casas ao redor do mundo. Nós não ficamos muito aqui.”

Tinha-lhe dado uma resposta, mas, é claro que isso só levou a mais perguntas. Ela achou que deveria parar por enquanto; ela não queria que parecesse um interrogatório. Ele parou em frente da casa e eles saíram e caminharam em direção a ela. Havia um brilho suave vindo de dentro.

“Seus pais estão em casa?”, Ela perguntou, intrigada.

“Eles saíram hoje à noite. Toda a minha família... saiu hoje à noite.”

“Você tem irmãos e irmãs?”, perguntou ela.

“Uma irmã. E muitos primos.”

“Todos eles vivem aqui?”, perguntou ela, perguntando-se como uma pequena família poderia viver em uma casa enorme daquele jeito.

“Às vezes”, respondeu ele. “Eles vêm e vão muito. É difícil manter o controle.”

Mais uma vez, a sua resposta só a fez querer saber mais; mas ela se conteve.

Ele pegou o batente de bronze ornamentado e abriu a porta de carvalho em arco, com pelo menos um pé de espessura. Ela rangeu, e Scarlet sentiu como se estivesse abrindo uma porta para outro mundo. Eles entraram e ele fechou a porta atrás deles, batendo-a com um estrondo.

Eles entraram em um salão cavernoso, de pedra, iluminado por um candelabro de velas pendurado, todas as velas cintilavam. Ela olhou para a esquerda e para a direita e viu um corredor de salas que se estendia infinitamente, havia velas bruxuleantes ao longo das paredes de pedra, que davam aos cômodos um brilho suave e quente. Não havia outra iluminação, as salas era meio escuras. Ela também viu enormes lareiras de mármore em cada uma das extremidades da sala, cada uma com um brilho fraco de um fogo.

Era a casa mais bonita que ela já havia visitado. Ela mal sabia o que pensar: as salas tinham móveis antigos e escuros; havia uma cama de dossel no meio da sala de estar, uma espreguiçadeira na parede distante, diante da lareira, espelhos ornamentados e enormes e tapetes persas que cobiam partes das pedras. Ela sentiu como se tivesse entrado um museu medieval.

Ela olhou para Sage e se perguntou sobre ele. Será que ele realmente morava ali? O que era aquele lugar?

No canto mais distante, ela avistou um piano preto, modelo Steinway. Por suas pernas grossas, parecia ter várias centenas de anos. De repente, ela ficou curiosa.

“Você toca?”, Perguntou ela. Ela sempre quis aprender a tocar piano. Ela começou a ouvir música clássica ultimamente, entre o seu pop e a achava relaxante, especialmente antes de dormir.

Ele deu de ombros.

“Um pouco.”

“Você pode tocar alguma coisa?”, perguntou ela. “Eu gostaria de ouvir.”

Ele hesitou.

“Vamos lá”, ela incitou.

Ele caminhou lentamente até o piano e olhou para ele por um bom tempo, como se ele não tivesse tocado em anos. Após uma longa pausa, ele finalmente sentou-se no banco.

Sage retirou uma espessa camada de poeira da tampa e, em seguida, lentamente a abriu e a empurrou. Ele olhou para as chaves, fechou os olhos e respirou fundo. Era como se as memórias estivessem voltando para ele.

“Eu vou tocar algo da minha infância”, disse ele.

Scarlet se aproximou e ficou ao lado dele. Enquanto estava lá, ela olhou para fora, através das janelas que se estendiam do chão ao teto, e viu a lua iluminando Sage ao piano. Através do vidro antigo, ela viu o enorme quintal emoldurado por árvores de carvalho, que alcançava o rio – e, ao horizonte, o Hudson brilhava.

Sage começou a tocar, uma música de tirar o fôlego. Ela foi transportada. Era a mais bela melodia que ela já tinha escutado, lenta, suave, misteriosa e, quanto mais ele tocava, mais relaxada que ela se sentia. As notas enchiam o ar, todo o estresse dos últimos dias começou a deixá-la. Toda a tensão com os pais, o estresse de ter estado doente, sua briga com Vivian, com Maria... tudo lentamente estava se afastando.

Quando ele terminou, um pacífico silêncio encheu a sala. O relógio de pêndulo marcou vários segundos antes que ela pudesse abrir os olhos novamente.

“Isso foi lindo”, disse ela.

Ele sorriu e, em seguida, rapidamente fechou a tampa, como se estivesse envergonhado.

“Faz muito tempo”, disse ele.

“Qual música era?”

“Beethoven”, disse ele. “A Sonata Luar. Você deveria ter ouvido ele tocando”, acrescentou nostalgicamente, olhando para o longe, como se lembrasse.

Scarlet estava confuso.

“Hm... mas ele não morreu há muito tempo?” ela perguntou. “Como você pode ter ouvido ele tocar?”

Ele parecia ter sido pego desprevinido.

“Eu quis dizer... hum... o que eu quis dizer foi que eu ouvi uma gravação dele tocando.”

Mas Sage parecia confuso, como se tivesse sido pego em uma mentira. E, quando ela pensou sobre isso, achou estranho – não existiam dispositivos de gravação centenas de anos atrás. Como ele poderia ter escutado Beethoven tocar?

Mas ele rapidamente se levantou do piano, pegou a mão dela e começou a levá-la pela casa – e seu foco acabou mudando. A sensação de sua mão sobre a dela era eletrizante: era difícil pensar em qualquer outra coisa.

Ela ficou nervosa enquanto ele a levava por todas as salas, se perguntava para onde ele a estaria levando. Será que ele a estaria levando para seu quarto? Se assim fosse, o que ela diria?

Scarlet ficou ainda mais nervosa quando começou a pensar em como ela se sentia atraída por ele. Lembrou-se de quando esteve

com Blake, perto do rio, de como ela havia mudado. Ela desejava o sangue dele. Tinha tanto medo que algo assim pudesse acontecer de novo – mas com Sage. Ela não podia permitir que isso acontecesse. Ela não podia estragar as coisas. Não duas vezes. Queria que seu corpo permanecesse normal. Ela rezou para que não surtasse novamente e acabasse tendo que fugir dali.

Por favor, meu Deus. Faça-me ficar normal. Apenas esta noite. Apenas deixe-me passar por isso.

Finalmente, Sage a levou a um conjunto de altas, portas francesas. Ele estendeu a mão, abriu a fechadura de bronze antiga, deslizou os parafusos e virou as delicadas maçanetas. Ao abrir as portas, pegou sua mão e a levou para um e vasto terraço de pedra.

O ar da noite era refrescante. O terraço se esticava infinitamente, uns 70 metros em cada direção e culminava em um amplo parapeito de mármore. Ele a levou para lá e se inclinou sobre o parapeito, olhando para a enorme lua cheia sobre o Hudson, a água cintilava. O ambiente estava tomado pelo som das antigas árvores que balançavam ao vento.

Scarlet sentiu como se tivesse entrado em um cartão postal. Ela queria congelar aquele momento para sempre. O momento também a fez sentir uma necessidade mais urgente de respostas. Quem era esse garoto, de verdade? Aquilo tudo era bom demais para ser verdade?

“Conte-me sobre você”, disse Scarlet ao se virar e olhar para ele. Seus olhos cinzentos e misteriosos brilhavam, refletindo a cor da lua enquanto ele mirava o horizonte.

“Tipo o quê?”, Perguntou.

“Qualquer coisa. Tudo. Eu realmente não sei de nada. Você é tão... misterioso. Ninguém sabe nada. É como se você tivesse aparecido um dia, do nada. Conte-me sobre você. Seu passado. De onde você

é. Sua família. É tudo tão... diferente. Você é tão diferente de todos por aqui. Você não vê isso?"

Ele desviou o olhar e ela esperava que não tê-lo pressionado demais. Mas ela estava morrendo de vontade de saber, queria perguntar.

"Eu não entendo porque ser diferente não é bom", ele respondeu.

"Tudo bem. Eu não me importo. Só acho que eu gostaria de saber com quem estou."

Ele suspirou.

"Minha família é bem única. Eu sinto muito. Gostaria de poder lhe contar mais, mas eu não posso. Talvez um dia eu poderei e você vai entender."

Scarlet estava começando a se sentir decepcionada. Ela *não* entendia. Por que ele não podia lhe dizer?

"O que eu posso dizer é que", ele continuou, "Eu sei que é difícil de acreditar, porque nós quase não nos conhecemos, mas eu me importo com você. Muito."

Ele se virou e olhou em seus olhos, toda a intensidade do seu olhar era esmagadora. Ela sentiu borboletas.

"O segundo em que te vi, no refeitório, e quando vi você de novo do lado de fora de sua casa, eu senti que a conhecia. Que estamos conectados de alguma forma."

Ele olhou nos olhos dela e, ao fazê-lo, Scarlet sentiu seu coração disparar. Era estranho, porque era exatamente a mesma coisa que ela pensava. E ela não entendia como seria possível. Não fazia sentido. Eles mal se conheciam. Como poderiam ter sentimentos tão fortes?

“Você sente isso também?”, perguntou ele.

Scarlet hesitou, sem saber como responder. Ela ficou nervosa.

“Talvez”, disse ela, com a voz trêmula.

Ele estendeu sua mão gentilmente e afastou o cabelo do rosto dela. Em seguida, ele correu os dedos ao longo de sua bochecha – e seu toque era eletrizante. Ela mal podia respirar quando ele deu um passo mais perto e se inclinou. Ele foi se aproximando mais e mais, ela se inclinou um pouco, também. E, pela primeira vez, seus lábios se tocaram.

O beijo enviou um choque elétrico ao longo de todo o seu corpo, e ela sentiu que tudo o que ela conhecia do mundo estava começando a mudar. No início, foi um beijo suave, delicado, então ele beijou com mais intensidade e ela também. Ela fechou os olhos, e sentiu seu mundo derreter.

Ela temia que ela poderia se transformar de novo, que poderia ser sobrecarregada com um desejo de se alimentar dele, como tinha acontecido com Blake. Mas, para seu alívio e surpresa, o desejo nunca veio. Ela não conseguia entender o porquê, mas estava mais que grata. A sua oração tinha sido respondida. Ela estava novamente normal.

De repente, para sua surpresa, Sage recuou. Do nada, ele deu dois passos para trás, virou de costas para ela e encarou o rio. Em seguida, ele pousou uma mão em seu peito, parecia estar com dor. Ela estava confusa. Será que ela tinha feito alguma coisa errada? Ele estava doente?

“O que há de errado?”, Perguntou ela.

Ela se aproximou e colocou a mão em suas costas, perguntando se ele estava bem. Scarlet estava chocada: parecia o destino, os papéis

havam se invertido. Desta vez, fora ele que subitamente de afastou – não ela.

“Eu sinto muito”, disse ele.

“O que foi?”, indagou ela, se perguntando se era culpa dela. Ou ele teria mudado de idéia?

“Eu gostaria de poder lhe dizer”, disse ele. “Sinto muito”, acrescentou. “Mas eu tenho que ir.”

Scarlet olhou de volta, chocada.

“Eu fiz alguma coisa errada?”, Perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

“Não é você”, ele respondeu. “É a minha... família.”

“A sua família?”, ela perguntou, confusa.

Ele fechou os olhos, como se estivesse com dor e, lentamente, balançou a cabeça novamente.

“Sinto muito. Aqui. Por Favor. Leve o meu carro. Vá para a sua casa. Você tem que ir embora agora. Sinto muito.”

Ela olhou para ele quando ele estendeu as chaves do seu Lamborghini, boquiaberta e magoada.

“Eu não posso levar o seu carro”, disse ela, chocada. “Eu nem sequer tenho minha carteira de motorista. E é tipo um carro de milhões de dólares.”

“Está tudo bem. Pegue-o e me devolva amanhã. Você tem que ir agora. Sinto muito. Por Favor. Vá.”

Ele estendeu as chaves para ela sem nem sequer olhar em sua direção.

O coração de Scarlet estava partido. Ela nunca se sentira tão confusa. Ela estendeu a mão e pegou as chaves com a mão trêmula.

Ela caminhou lentamente pelo pátio, voltando para a casa. Seu coração estava quebrando e, ao mesmo tempo, sentia-se rejeitada, ferida. E mais perplexa do que qualquer coisa.

Se alguém podia compreender o que era, de repente se sentir doente e, de repente, fugir, esse alguém era ela. Mas ela não entendia. Ela não entendia nada do que tinha acontecido. E ela já podia sentir as lágrimas brotando quando percebeu que jamais estaria novamente com Sage.

CAPÍTULO ONZE

Caitlin se sentou no avião, enquanto esperava a decolagem, checkou seu celular mais uma vez. Ela se sentiu tão culpada por deixar Caleb daquele jeito, especialmente com Scarlet desaparecida – e se sentiu especialmente culpada por sair do país. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha ido ao exterior, especialmente sem Caleb. Ela não podia deixar de se sentir como um criminoso, fugindo no meio da noite. Ela estava começando a ter dúvidas se estava fazendo a coisa certa.

Caitlin continuou tentando mandar mensagem e ligar para Scarlet, enquanto estava a caminho para o aeroporto. Ela tinha tentado

enviar mensagens de texto e ligações para Caleb, também. Sem resposta.

Caleb, ela presumiu, estava apenas bravo com ela; mas Scarlet, ela temia, poderia estar fora de alcance. Sentia que, se houvesse alguma boa notícia, ela já teria ouvido. Seu coração apertou ainda mais quando ela se sentou.

Ela esperava que, depois de voltar, ela poderia consertar as coisas com Caleb. Explicaria tudo a ele e ele acreditaria nela desta vez, a entenderia. E que eles poderiam ter seu casamento e família de volta ao caminho certo, deixar todo aquele pesadelo para trás. Quando tudo acabasse, ela jurou para si mesma, ela iria queimar seus diários de vampiro e nunca olharia para eles de novo.

Ela lembrou-se de que ela estava fazendo isso por Scarlet. Ela tirou a página arrancada de sua pasta e a examinou sob a luz do teto brilhante. Ela a leu de novo e de novo sobre o antigo ritual para curar um vampiro. Parecia autêntico. Ela rezou para que fosse. E ela orou para que Scarlet, lá fora em algum lugar, não tivesse transformado ninguém ainda. Se ela tivesse, o ritual seria inútil. Ela só esperava que ela pudesse chegar a Paris, encontrar a outra metade da página e voltar a tempo para resgatar sua filha.

“Eu sinto muito, senhora, mas você precisa desligar todos os aparelhos eletrônicos”, disse a voz.

Caitlin olhou para cima e viu a aeromoça a encarando, aguardando-a. Ela olhou para o celular pela última vez:

Não há novas mensagens.

Relutante, ela o desligou, e atendente saiu.

Quando o avião começou a andar, ela sentiu uma onda de ansiedade. Será que ela estava apenas perdendo tempo? Será que esta velha livraria em Paris teria o livro? Se assim fosse, eles teriam

a página perdida? Será que a velha a deixaria entrar? Tudo aquilo era apenas uma chance remota? E, acima de tudo: se ela encontrasse, será que funcionaria?

Caitlin ficou pensando enquanto o avião alçava vôo. Ela olhou para o relógio e percebeu que ela teria nove horas até que o avião aterrissasse em Paris. Essas nove horas não passariam nem um pouco rápido.

CAPÍTULO DOZE

Sage se sentou no grande pátio de pedra, observando a lua encostar no Hudson. Mal tinha se movido desde Scarlet fora embora. Ele não podia deixar de sentir como se tivesse extremamente perturbado – e da pior maneira possível.

Seu coração estava partido por dentro. Sentia-se mais próximo de Scarlet do que de qualquer outra pessoa que ele tivesse conhecido em seu tempo na Terra, e tudo estava indo tão bem. Olhá-la nos olhos e beijá-la fora a melhor coisa que lhe acontera em séculos.

E então, no pior momento possível, ele tinha fora pego de surpresa pela dor. Naquele último ano, o último ano de sua vida, as dores esatavam piorando, vinham com mais freqüência e estavam mais fortes à medida que ele se aproximava da data de morte. Agora, com apenas algumas semanas de vida, as dores tornaram-se mais intensas e imprevisíveis, e não apenas para ele, mas para todos os membros de seu clã.

Elas começavam do nada e, muitas vezes, eram incapacitantes. Como ele poderia explicar isto a Scarlet? O que ele deveria dizer? Deveria lhe contar que ele era um Imortal? Que ele estava vivo há quase dois mil anos? Que ele tinha sentido aquela dor porque ele estaria morto em apenas algumas semanas? Que sua família o havia enviado para lá, para aquele lugar para tentar manipulá-la, para ganhar a confiança dela, descobrir seus segredos – e então matá-la?

É claro que isso era algo que ele nunca faria. No momento em que ele tinha posto seus olhos sobre ela, ele sabia que nunca poderia machucá-la. Pelo contrário, ele sentia que ela era o amor de sua vida e só lamentava tê-la conhecido com tão pouco tempo de vida restante. Mesmo que isso significasse a sua própria morte, ele iria até o fim do mundo para protegê-la. Jamais tentaria obter o colar. Se ele o fizesse, seu clã certamente a mataria. E isto ele nunca poderia permitir.

Então, ao invés disso, ele teve que mandá-la embora daquele jeito, tão abrupto, mesmo sem a chance de explicar. O pensamento lhe partia o coração.

Ele se sentou contra as pedras, com sua cabeça entre as mãos, mal se movia.

“Aí está você,” veio a voz de desaprovação de seu pai.

“Imaginei que iria encontrá-lo aqui”, ecoou sua mãe.

Sage olhou para cima, muito cansado, com muita dor emocional para se importar. Ainda assim, seu estômago se contorceu ao som daquelas vozes. Ele já podia sentir seu desapontamento.

“Deixe-me em paz”, disse ele, baixando a cabeça.

Uma fração de segundo depois, eles conseguiram atravessar toda a varanda e seu pai o puxou pelo braço para que se levantasse..

“Você a tinha aqui,” ele sussurrou, “e nem sequer tentou obter o colar.”

“Você agiu como um colegial estúpido apaixonado”, acrescentou a mãe.

“Nós não temos tempo”, disse o pai. “Você não percebe? Ela detém a chave. E você... você se senta aqui para jogar seus patéticos jogos de colegiais.”

“Eu sinto muito”, disse ele, tentando ganhar tempo, para pensar em como impedi-los. “Eu estava esperando o momento certo. Então eu fui surpreendido pelas dores.”

“É ela quem estamos procurando há dois mil anos. Ela detém a chave para a vida, para todos nós. Você deve fazê-la dar-lhe o colar. Você me entende?”

Foi seu pai, colocando uma mão firme em seu ombro, olhando para baixo e falando baixo para ele como se ele sempre teve, por milhares de anos.

“E se eu não o fizer?” Sage retrucou, sentindo-se rebelde. Ele havia tido o suficiente. Estava cansado de ser mandado há dois mil anos. “O que você vai fazer? Me matar?”

“Pior,” sua mãe o agarrou. “Nós vamos matar essa menina que você gosta tanto.”

Sage sentiu seu estômago despencar com o pensamento.

“E para quê?”, Perguntou ele. “O colar deve ser dado voluntariamente para funcionar. Matá-la não vai servir para nada”

“Bem, se ela não vai dar, então não temos nada a perder, não é?”, sua mãe perguntou com um sorriso maligno.

Sage examinou sua expressão e podia ver que eles estavam falando sério. O pensamento de Scarlet ser machucada era como uma faca em seu coração. Ele podia ver que eles estavam ficando desesperados.

Também estavam se aproximando da morte: ele podia ver a cor em suas bochechas desaparecendo e seus ossos se tornando mais pronunciados. Em poucas semanas, eles estariam mortos. Eles não tinham nada a perder. Eram pessoas diferentes agora do que eram séculos atrás. E ele temia que eles haviam falado de verdade.

Ele tinha que pensar em uma maneira para impedi-los. Apenas o suficiente para que ele pudesse resgatar Scarlet e levá-la para longe dali.

“Eu prometo, vou pegar o colar”, disse ele. “Só não machuque-a. Apenas me dê uma chance.”

“Você tem até amanhã à noite,” o pai retrucou. “Se você não consegui-lo até lá, ela está morta. Lore terá o prazer em fazer o trabalho.”

Os dois se viraram e marcharam de volta para a casa. Sage os viu saírem e, em seguida, se virou para o rio, contemplando a paisagem, pensou sobre o que faria em seguida. Ele tinha que salvá-la antes que fosse tarde demais.

“Ora, ora, ora”, disse a voz.

Ele se virou e viu Lore vindo em sua direção. Ele estava batendo palmas, de forma exagerada.

“Belo teatro. Mamãe e papai acreditaram, não é? Mas eu não. Você sequer tentará pegar o colar. Sei pelo seu olhar de cachorro.”

Ele zombava ao se aproximar, devagar, dando círculos em volta de Sage, suas botas de couro ressoavam sobre a pedra.

“Você é patético”, acrescentou. “Sempre foi. O romance morreu na Idade Média, caso alguém tenha esquecido de avisá-lo. Ela é apenas humana. Como todos os outros. Mesmo que ela seja uma vampira, quem se importa? Ela não é uma de nós.”

“Fique longe de mim, Lore”, disse Sage, sentindo sua ira aumentando. Ele não estava com disposição para isso agora.

“Com prazer. Eu vou ficar longe de você – bem longe, quando estivermos todos mortos. Nesse meio tempo, eu não sou tão estúpido quanto os outros. Você pode apostar que eu vou matá-la no segundo em que me derem permissão – se não tiver outra razão para irritá-lo. Além disso, eu gosto de fazer coisas assim. Na verdade, eu gosto tanto que eu não poderia nem mesmo esperar até amanhã à noite. Afinal, o que é que eles vão fazer? Me punir?”

Ele caiu na gargalhada.

Sage não aguentava mais. Os séculos de deboche e provocação de Lore tinham finalmente chegado ao limite: sem pensar, ele saltou no ar, estendeu a mão e o estrangulou. Ele o levantou no ar, batendo-o no parapeito de pedra. O corrimão se quebrou e os dois caíram para fora, mergulhando dezenas de metros e aterrissando com impacto na grama.

Lore girou e sufocou Sage. Sage lhe deu uma joelhada no intestino e, em seguida, se virou e lhe deu um chute. Os dois ficaram ai deitados, de costas, lado a lado, olhando para o céu iluminado pela lua, recuperando o fôlego. Sage limpou o sangue do canto de sua boca. Era inútil, ele sabia: Lore não poderia ser morto. Assim como ele.

“Eu amo você, Sage, você sabia?”, Disse Lore, caindo em uma fraca gargalhada.

Do mesmo jeito que ele, pensou Sage. Na mente doente de Lore, louca, aquilo era amor.

“Fique longe dela,” Sage ralhou, levantando-se lentamente, mancando pelo gramado.

Enquanto caminhava, já ouvia a risada zombeteira de Lore enchendo o céu iluminado pela lua.

CAPÍTULO TREZE

Caleb saiu de sua casa, lívido. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo com a sua família, a rapidez com que tudo parecia estar mudando. Caitlin, que sempre fora uma fortaleza em sua vida desde que ele a conhecia, estava em colapso. Ele nunca a tinha visto daquele jeito. Tudo o que ela falava sobre vampiros, era um disparate sobrenatural, sua crença de que sua filha estava se transformando em um vampiro. Era ridículo. Ele tinha esperança de que tudo era devido ao estresse, à doença de Scarlet e que tudo iria embora e ela voltaria ao normal.

Mas Caitlin parecia estar piorando. Ela não parava de ficar obcecada sobre o assunto, falava constantemente sobre vampiros e, depois, ainda levou Scarlet à igreja. Agora, ela falava sobre o sacerdote e algo sobre as janelas terem se quebrado. Era loucura. Ela havia realmente perdido a razão.

Se isso não bastasse, agora ela ia pegar um avião para Paris. Caleb havia deixado de estar meramente chateado com isso e passou a estar verdadeiramente preocupado. Ele não sabia se estava mais preocupado com sua filha ou sua esposa no momento. Ela havia lhe enviado uma mensagem do avião, mas ele estava bravo demais para responder.

Sem falar de Scarlet: ele também não conseguia entender o que estava acontecendo com ela. Apenas alguns dias atrás, ela era a filha adolescente doce, amável e atenciosa que eles conheciam. Ele nunca a tinha visto agir daquela maneira. Fechar portas, gritar com eles, matar aula, ficar fora até tarde. E, agora estava saindo de casa sem permissão. Ela não era assim.

Ele se lembrou de quando ela estava doente, há poucos dias e se perguntou se, de alguma forma, tudo estava relacionado. Ele pensou que era bobagem atribuir tudo a alguma doença misteriosa. Aquilo não era uma doença. Para ele, parecia drogas. Talvez Scarlet tivesse experimentado drogas, como disse a polícia e talvez fosse isso que a deixara doente. Talvez fosse algum tipo de reação. Isso certamente explicava todo o seu comportamento errático nos últimos tempos. E seu humor.

Enquanto Caleb caminhava até seu carro, ele pensava sobre a possibilidade de ela estar utilizando drogas, pensou em todos os novos amigos que poderiam ter entrado em sua vida recentemente. Sua mente se voltava para uma única pessoa: Blake. Ele não sabia de quaisquer outros novos amigos e Blake era o primeiro namorado que ela os apresentara. Na mente de Caleb, era demais para ser só uma coincidência: um dia, ela apresentava um novo namorado e, no outro, ela começava a agir como uma pessoa completamente diferente. Ele tinha certeza, no fundo da sua intuição, aquilo era obra de Blake, ele era um viciado em drogas e uma influência terrível. Eles provavelmente estavam passando muito tempo juntos e ele, provavelmente, a motivou a usar drogas.

O pensamento lhe deu um ataque de fúria. Ele tinha certeza de que Scarlet estava com Blake e ele estava determinado a encontrá-los, trazê-la de volta e a mantê-lo longe de sua filha. Caleb entrou no carro e pisou no acelerador, cantou os pneus ao sair da garagem e acelerou por dez ou mais quarteirões até a casa dos Wilson.

Quando ele virou a esquina no tranquilo e pacato vilarejo, ele viu que a rua estava iluminada: dezenas de carros estavam estacionados na frente de uma casa e todas as luzes desta casa estavam acesas. Havia música tocando ali e dezenas de adolescentes se espalhavam pelo gramado, muitos segurando copos de cerveja.

Sua raiva aumentou pois ele tinha certeza de que sua filha estava lá dentro. Provavelmente com Blake.

Ele parou e estacionou na frente da casa, saiu do carro e atravessou a rua. Ele marchou até a porta da frente, recebendo olhares surpresos de muitos adolescentes e examinando o gramado, à procura de qualquer sinal de Scarlet, ou de Blake.

Caleb foi até uma menina que ele reconheceu como uma das amigas de Scarlet. Ao vê-lo se aproximar, ela parecia surpresa e assustada.

“Olá Sr. Paine”, disse ela, baixando a copo de cerveja. “O que você está fazendo aqui?”

“Scarlet está aqui?”, ele perguntou abruptamente.

“Hum... Eu a vi antes. Acho que ela está lá dentro”, disse ela, hesitante. “Está tudo bem?”

Então, Scarlet estava ali. Caleb estava certo.

Ele se virou e entrou na casa, marchando pela porta da frente aberta.

A sala estava absolutamente lotada, atolada com tantos jovens. Ele já podia ver todo o estrago que fora feito na casa e só podia imaginar as expressões dos Wilsons quando retornassem de viagem. Ele os conhecia bem – haviam jantado muitas vezes juntos e sabia que eles ficariam devastados ao voltarem e encontrarem uma casa como aquela. Caleb pensou que era uma vergonha seu filho ter feito

uma coisa daquelas. *O que tinha de errado com aqueles adolescentes?* Ele se perguntou.

Ele abriu caminho através da multidão, percorrendo todos os rostos, à procura de qualquer sinal de sua filha, ou de Blake.

Por fim, no meio da sala, viu Blake no canto, com uma menina loira que parecia estar dando em cima dele. Pelo menos Blake, para seu crédito, não parece interessado nela. A visão fez Caleb ter um acesso de raiva. Ele marchou até ele, a multidão se afastou. Blake fez demorou para reagir ao ver Caleb e então sua expressão se transformou em uma de verdadeiro medo.

“Senhor Paine”, disse ele.

Caleb marchou até ele, agarrou sua camisa com ambas as mãos e o puxou para perto.

“Onde está a minha filha?”, ele rosnou.

Blake engoliu em seco.

“Eu não sei. Eu juro. Por quê? Ela está bem?”

“Não minta para mim”, disse Caleb.

“Senhor Paine, eu juro. Eu não faço ideia. Eu gosto Scarlet. Eu nunca faria nada...”

“É por isso que a convidou aqui? Para deixá-la bêbada? Para que ela ficasse drogada?”

“Opa, cara”, disse Blake, “não é assim. Você entendeu errado. Eu não a convidei para cá. Ela veio por conta própria. Tipo, olhe a sua volta: a escola inteira está aqui.”

“Você acha que ela teria vindo se não fosse por você?” Caleb pressionou.

Os olhos de Blake baixaram, decepcionado.

“Eu gosto da sua filha. Eu realmente gosto. Mas ela não está a fim de mim.”

Caleb podia ver pela expressão de Blake que ele estava dizendo a verdade. Lentamente, ele soltou o aperto. Continuou ali, porém, olhando com cara e bravo para Blake.

“Você ofereceu a minha filha algum tipo de droga nos últimos dias?”, perguntou.

“Não senhor. Eu nunca faria isso.”

“Exceto por um cigarro de maconha que você entregou a ela outro dia”, veio uma voz chata de uma menina.

Caleb se virou e viu que aquela menina loura, parecia bêbada, e tinha um sorriso de escárnio no rosto.

“Odeio ser a única a contá-lo”, acrescentou. “Mas é verdade.”

Caleb se virou e olhou com raiva para Blake. Ele podia dizer, por sua expressão de culpa, que era verdade.

“Não foi assim”, disse Blake. “Havia um grupo grande de nós. Alguém estava passando um baseado para na roda do pessoal. Não fui eu.”

O rosto de Caleb ficou vermelho, quando ele sentiu a ira tomar conta de si. Ele o havia pego em uma mentira. Ele era um viciado em drogas. Ele havia estava vendendo drogas para sua filha. Caleb estava certo o tempo todo. Se aquele menino fosse mais velho, Caleb iria colocá-lo na prisão. Teve que conter cada pedacinho de seu corpo para não fazê-lo.

“Eu só vou dizer isto uma vez,” Caleb zombou. “Fique longe da minha filha. Está me ouvindo? Se eu te encontrar em qualquer lugar aqui por perto, e você está morto. Você está me entendendo?”

Lentamente, Blake assentiu, parecendo pálido.

Caleb se virou e andou com raiva pela casa, abrindo seu caminho pela festa. Ele olhou para todos os lugares, mas não viu sinais de Scarlet. Parecia que ela tinha ido embora. Mas com quem? Caleb saiu da casa e passou pelo gramado da frente, tentando descobrir para onde ir, quando, de repente, veio uma voz.

“Nossa, Sr. Paine?” Caleb se virou, ao reconhecê-lo. Era Maria. A melhor amiga de Scarlet. “Tipo o que você está fazendo aqui?”, acrescentou

“Maria”, disse ele com urgência, indo em direção a ela. “É importante. Eu preciso saber onde está Scarlet. Você a viu aqui esta noite? ”

“Hum... sim”, disse ela. “Infelizmente”.

Caleb estreitou os olhos.

“Como assim?”

“Da última vez que a vi, ela estava no processo de roubar meu namorado”, disse ela.

Caleb estreitou os olhos ainda mais, tentando entender. Maria também estava bêbada?

“Ela está aqui?”, Perguntou Caleb.

“Não. Ela foi embora há um tempo atrás. ”

“Você sabe para onde?”

“Nem ideia. E estou feliz por não saber.”

“Ela não está respondendo a nenhuma de minhas ligações, nem mensagens. Você poderia mandar uma mensagem por mim? Eu preciso saber onde ela está.”

Maria hesitou.

“Desculpe-me, Sr. Paine, eu gostaria de ajudá-lo. Mas depois de hoje à noite, Scarlet e eu não somos mais amigas. Desculpe-me. Eu não iria mandar uma mensagem para ela mesmo que minha vida dependesse disso. Na verdade, eu já a excluí de meus contatos.”

Ela se virou e se retirou, voltando para a casa, deixando Caleb mais confuso do que antes. Pelo menos ele sabia que Scarlet tinha estado ali. E que ela havia ido embora. Possivelmente com algum garoto. E não Blake.

Ele forçou seu cérebro para pensar para onde deveria ir e, quanto mais ele pensava sobre isso, mais ele percebeu que o melhor lugar para esperar era em casa. Afinal de contas, ele não sabia mais onde procurá-la e, eventualmente, ela teria que voltar para casa.

Não é mesmo?

CAPÍTULO QUATORZE

Scarlet foi até sua casa no Lamborghini barulhento de Sage e estacionou na garagem. Tinha sido a primeira vez que ela dirigia um carro sozinha e a viagem inteira fora aterrorizante pois ele

estava preocupada o caminho inteiro. Ela também se sentia especialmente estaranha dirigindo aquele carro, que era tão caro e que sequer era dela.

Ela viu a casa vazia, o carro de sua mãe e de seu pai não estavam lá, ela percebeu que era a única na casa. Ela se perguntava onde poderiam estar àquela hora tão tarde.

Ela olhou para o telefone ao desligar o carro e viu todas as chamadas não atendidas e mensagens de textos. Ela se sentia culpada. Não queria evitá-los, mas sabia que ficariam furiosos com ela por ela ter saído de casa sem permissão. Eles não iriam entender e atender às ligações teria apenas deixado tudo pior. Não havia como explicar a eles sem que eles entrassem em pânico.

Ela temia que talvez eles estivessem lá fora procurando por ela. Ela se sentiu mal por isso. Mas, ao mesmo tempo, ficou aliviada por a casa estar vazia: pelo menos ela não teria que entrar lá e encarar uma bronca. Ela poderia esgueirar-se de volta ao seu quarto, fechar a porta e ir para a cama. Talvez, se ela saísse mais cedo o suficiente na parte da manhã, ela poderia chegar à escola sem ter que lidar com eles. Dar-lhes tempo para refrescar a mente.

Quando Scarlet entrou na casa, ela foi imediatamente saudada por Ruth, que pulou em cima dela assim que ela entrou. Ela se ajoelhou e a abraçou, beijando-a, enquanto Ruth lambia todo o seu rosto.

“Eu sei, Ruth”, disse ela. “Também senti sua falta.”

Scarlet andou de sala em sala e percebeu que todas as luzes estavam acesas, como se sua mãe e seu pai tivessem saído com pressa.

“Olá?”, ela gritou, apenas para verificar se, por acaso, um deles estava lá..

Nenhuma resposta.

Scarlet pegou seu celular e o encarou, pensativa. Se seus pais estavam lá fora, procurando por ela, ela percebeu que deveria, pelo menos, contar-lhes que ela estava em casa, para que eles pudessem voltar e parar de se preocupar. Ela ainda poderia ir para a cama antes que eles voltassem.

Ela digitou um texto rápido para os dois:

Estou em casa. Desculpe por não ter respondido antes. Estou indo para a cama agora. Até amanhã. Boa noite.

Ela enviou e, em seguida, desligou seu celular para não senti-lo zumbindo e vibrando com as respostas irritadas, que ela tinha certeza que viriam instantaneamente.

Ela se sentia muito tensa para ir direto para a cama, precisava de algo que a ajudasse a relaxar. Ela achou que devia ter um dez minutinhos antes que seus pais chegassem em casa e então decidiu fazer uma xícara de chá. Ela se dirigiu para a cozinha, com Ruth em seus calcanhares e colocou uma panela de água fervendo no fogão. Ela enfiou a mão no armário para pegar um copo e um saquinho de chá e, enquanto o fazia, pegou um biscoitinho e o atirou para Ruth.

Ruth pegou o biscoito no ar e, em seguida, o levou para um canto e começou a mastigar. Scarlet tomou o chá enquanto andava pela pequena sala de leitura ao lado da casa, seu cômodo favorito, Ruth a seguia. Era pequeno e peculiar, repleta de livros do chão ao teto.

Ela sentou em uma cadeira confortável e estofada que ficava no canto, pousou a xícara de chá na mesa de café, recostou-se e fechou os olhos, respirando profundamente. Quando ela fechou os olhos, ela ouviu a música de piano que Sage tinha tocado outro dia; ela rapidamente tentou tirá-la de sua mente. Tinha sido um dia e noite malucos. A festa. Todo o drama com Blake e Vivian e Maria. E Sage... Ela sentiu um nó no estômago quando pensou o que o amanhã poderia trazer.

Acima de tudo, ela pensava em Sage, no momento mágico que eles passaram juntos, em sua bela casa, em seu pátio, sob a luz da lua e o rio. E, claro, o seu primeiro beijo. Foi o beijo mais mágico que ela já tivera. Ela não conseguia parar de pensar nisso.

Mas, em seguida, sua mente se voltou para pensamentos de Sage lhe pedindo-lhe para ir embora. Aquilo havia sido tão inesperado. Ela não entendia. Ela sabia que deveria ser mais compreensiva, mas não conseguia. Ela realmente queria respostas. Será que ele a estava rejeitando? Havia algo de errado com ela? Com ele? Por que ele estava sendo tão misterioso? Por que ele não podia simplesmente dizer a ela?

Scarlet ao abrir os olhos e tomar outro gole de chá. Meninos. Seu drama com eles parecia nunca ter fim.

Quando Scarlet esquadrinhou o cômodo, ela percebeu alguma coisa, na outra extremidade. Um livro que ela nunca tinha visto antes, deixado na ponta da mesa, ao lado da outra cadeira de leitura. Tinha uma aparência incomum para ela e a deixou curiosa. Parecia um dos livros raros de sua mãe, mas menor. Quase como... um diário.

Intrigada, ela atravessou a sala e o pegou para examinar. Ela passou as mãos ao longo de suas bordas desgastadas e quando ela virou a capa, a primeira página fez um barulho tão alto que ela se sentiu como se estivesse segurando um texto antigo. Ela tinha visto alguns livros raros de sua mãe antes, mas nunca nada como isto.

Quando ela leu a primeira página, ela ficou intrigada. Olhou mais de perto e leu de novo e de novo. Ela não conseguia entender. Parecia a letra de sua mãe. Aquele diário era dela? Enquanto ela lia o texto, de repente, seu coração parou. Ela não podia acreditar no que estava escrito. O que era aquilo? Algum tipo de diário?

Scarlet percebeu que era o diário de sua mãe, uma parte dela lhe disse que aquilo era particular e e ela deveria colocá-lo de volta

onde estava. Mas outra parte queria saber mais. Ela continuou lendo, mesmo sabendo que não deveria.

Era definitivamente sua mãe. O diário de Caitlin. Mas esta não era a Caitlin que ela conhecia. Esta era a Caitlin quando jovem. Como uma adolescente. Ela estava hipnotizada virando as páginas. Ele falou de se apaixonar por um homem chamado Caleb. Ter uma filha chamada Scarlet. E de se tornar um vampiro.

A mãe dela. Um vampiro. Mudando. Transformando. Tendo fome. A sensibilidade à luz. Super força. Querendo se alimentar de outros. Assim como ela.

O coração de Scarlet estava batendo em sua garganta quando ela pensou em si mesma. Lembrou-se do outro dia, com Blake, à beira do rio. Ela tinha sentido isso. Era real? Era este o motivo? Será que sua mãe sabia daquilo aquele tempo todo? O que ela não estava lhe contando?

Scarlet virou a página final e viu uma nota escrita à mão, em um novo pedaço de papel, colado na parte de trás. Ele dizia: "Precisa impedir Scarlet."

Seu coração bateu mais rápido ao lê-lo. O que isso significava? Impedir Scarlet? Impedi-la de fazer o que?

E foi então que Scarlet entendeu: impedi-la de se alimentar. De transformar. De se tornar um vampiro.

Só havia uma maneira de fazer isso: matá-la.

Scarlet sentiu todo o seu corpo se congelar. Ela não podia acreditar: sua própria mãe queria que ela morresse.

De repente, a porta da frente se abriu e Scarlet deu um salto e deixou o livro cair no chão, derrubando seu chá. Ela correu para a sala e lá, de cara feia para ela, estava seu pai.

“O que diabos você pensa que está fazendo!?”, ele gritou com ela.

Ela foi pega de surpresa: ela nunca tinha ouvido ele usar esse tom de voz antes e nunca o tinha visto tão irritado.

“De quem é esse carro?”, ele perguntou, antes que ela pudesse responder. “Na entrada da garagem? De quem? Ele está aqui? Em casa? Onde ele está?”

“Ninguém está aqui”, ela atirou de volta. “Eu dirigi de volta.”

“Você? O que você quer dizer? Você nem tem carteira de motorista! Você não sabe disso?”

“Eu não tive escolha”, disse ela, sua mente estava confusa, sentia-se à beira de lágrimas.

“Não teve escolha? Do que você está falando? De quem é esse carro?”

“De um amigo meu”, disse ela. “Ele me emprestou.”

“Você pegou emprestado? Quem empresta um Lamborghini? Será que é um de seus amigos traficante de drogas?”

Amigos traficante de drogas? Do que ele estava falando? Scarlet se perguntou. Ele tinha perdido a cabeça?

“Eu não tenho nenhum amigo traficante”, disse ela.

“Ah, não?”, ele gritou. “E Blake? Ele não é um traficante de drogas?”

“Eu nem sei do que você está falando”, ela gritou de volta, preparando para sair dali.

“Como você pode ter mentido para nós? Como você pode ter saído de casa desse jeito? Você sabe o quão preocupado eu estava sobre

“você? Estou ligando e mandando mensagens de texto há horas. Por que você não responde? O que deu em você?”

“Porque eu sabia que você não iria entender!”, ela gritou.

“Eu entendo tudo”, ele retrucou. “Bem demais. Eu sei tudo sobre você fumar maconha. Blake me contou tudo sobre isso.”

Scarlet estreitou os olhos, imaginando do que ele estava falando.

“Você viu Blake?”, ela perguntou, surpresa.

“Sim”, disse ele, “eu fui para a casa dos Wilson. Eu o vi e eu deixei claro que ele nunca mais sairá com você novamente.”

Scarlet estremeceu ao ouvir suas palavras. Ela não podia acreditar: seu pai tinha ido a festa. Ele tinha aparecido na frente de todos. Ele confrontou seu ex-namorado. Que humilhante. Agora, ela nunca mais seria capaz de voltar para a escola.

Ela estava furiosa com seu pai; ela não aguentava olhar para ele. Ela não sabia o que era pior, sua mãe, que queria matá-la, ou seu pai, que queria humilhá-la na frente de todos e que nem sequer confiava nela. Ela estava cheia daquilo tudo. Saiu da sala e pegou seu casaco do cabide.

“E onde você pensa que está indo?” Caleb berrou ao correr para agarrá-la pelo braço.

“Fique longe de mim!”, ela gritou.

Mas seu aperto era tão forte, ela não ia a lugar nenhum. Scarlet tinha o suficiente: em um flash, ela foi subitamente tomada por uma onda de raiva. Ela passou por todo o seu corpo, como um raio de calor, possuindo-a. Mesmo sem querer, ela se virou e rosnou para Caleb.

“Eu disse: fique LONGE de mim!”, ela rosnou.

Ela se virou e, com seu braço livre, e com uma força que ela nem sabia que tinha, o empurrou. Ela mal encostou nele mas, mesmo assim, ele saiu voando pela sala, colidindo com a mesa de jantar e derrubando-a.

Ele ficou ali, no chão, olhando para ela, piscando atordoado, sem dizer uma palavra.

Scarlet sabia que este era o momento em que tudo mudaria. Ela não suportava mais aquela casa. Nem seus pais. Era a hora de ela ir embora dali e nunca mais voltar.

CAPÍTULO QUINZE

Scarlet acelerou a Lamborghini, pegando mais velocidade nas ruas vizinhas cheias de curvas, ainda tremendo devido seu encontro com seu pai. Ela estava impressionada com sua raiva, e ainda mais chocada com sua própria reação. Ela não tinha intenção de machucá-lo daquele jeito; ela só queria se livrar do braço dele, empurrá-lo. Ela mal tinha tocado nele e ele tinha saído voando pela sala, como uma bala de canhão. Ela nunca tinha visto nada parecido, sua própria força a aterrorizava.

Seria verdade? Tudo no diário de sua mãe era real? Ela estava se tornando um vampiro?

Scarlet estava achando cada vez mais difícil relevar todas as coisas estranhas que estavam acontecendo com ela. Sua super-força. A

sensibilidade à luz. Sua velocidade. E, acima de tudo, o seu desejo de se alimentar. Muitas coisas estavam se somando.

Enquanto dirigia, na escuridão, ela sentiu que havia apenas um lugar que ela poderia ir, apenas uma pessoa a quem ela poderia recorrer e que poderia entendê-la. Sage.

Ela não sabia por que, especialmente após ele ter lhe pedido para sair, mas por algum motivo, ela sentiu que ele compreenderia. Ela passou de novo nas ruas próximas ao rio, dirigindo de mansão em mansão até chegar na dele. Seu coração estava batendo rápido quando ela atravessou os portões abertos e entrou em sua garagem. Ir até lá seria um erro?

Ela não sabia mais para onde ir e sentia como se não tivesse mais ninguém para ela no mundo. Se todos aqueles problemas não tivessem ocorrido naquela noite, talvez ela pudesse passar na casa de Maria. Mas depois daquela noite, já não tinha mais esta opção.

Ela desacelerou em sua garagem, parou diante das portas e desligou o carro, espantada por ter conseguido dirigir sem causar estragos. Ela saiu do carro e foi até a porta de entrada, seus passos esmagavam o cascalho e, no percurso, ela foi atingida por um terrível pensamento: e se Sage não a quisesse ali depois de tudo? E se ele a mandasse embora? Ela ficaria péssima. E, em seguida, para onde iria? Afinal, poucas horas atrás, ele tinha pedido que ela saísse. Será que aparecer ali o afastaria?

Ela só precisava de um lugar para ficar. Mesmo que ele não quisesse mais vê-la, talvez ele pudesse deixá-la dormir em um sofá em algum canto, apenas deixá-la ficar até a manhã seguinte para que ela pudesse pensar melhor. Afinal, sua casa era grande o suficiente.

Ela respirou fundo quando chegou na porta. Mas, assim que lá chegou, a porta se abriu de repente. Ali, de frente para ela, estava um menino que ela não conhecia. Ele parecia ter a estrutura de Sage, mas era mais alto, tinha cabelos longos cor de areia e olhos

azuis. Ele era muito atraente, mas havia algo sobre ele – algo quase sinistro – que Scarlet sentiu imediatamente. Sua pele ficou fria em sua presença.

“Bem, você deve ser Scarlet”, disse ele, com um sorriso no rosto ao estender a mão.

Ela apertou sua mão com cautela e sentiu uma energia sombria que emanava dele quando ela o fez. Ela nunca havia sentido sua mão tão fria. Seus olhos pareciam brilhar quando ele a tocou. Ela não entendia como ele sabia o nome dela – será que Sage havia falado sobre ela?

“Eu sou Lore”, disse ele. “Primo de Sage.”

“Prazer em conhecê-lo”, ela respondeu.

Ele segurou a mão de Scarlet por muito tempo e ficou olhando para ela, seus olhos fixos nos olhos dela, ela começou a se sentir um pouco assustada.

“Eu ouvi muito sobre você”, acrescentou.

“Ouviu?”, ela perguntou, ouvindo a surpresa em sua própria voz. Sage tinha realmente falado sobre ela? Ela esperava que sim.

“O tempo todo”, ele falou. “Parece que nosso menino está apaixonado. Embora ele nunca admita. Mas não se iluda com isso – ele é assim com todas as meninas por aí.”

O coração de Scarlet afundou. Será que ele estava dizendo a verdade? De alguma forma, ela duvidava que sim.

“Hum... o Sage está aqui?”, perguntou ela.

De repente Sage apareceu na porta, estendendo a mão com um braço e empurrando Lore para o lado. Ela sentiu a tensão entre eles.

“Bem, então é isso,” disse Lore com um sorriso e desapareceu dentro da casa.

“Desculpe-me por ele”, disse Sage.

“Quem é ele?”, ela perguntou ela. “É mesmo seu primo?” De repente, ela começou a se preocupar se sua família era assim assustadora.

“Sim. É uma longa história”, disse Sage.

Ele olhou para as chaves do carro na mão dela e ela percebeu, então estendeu sua mão e entregou a ele.

“Eu sinto muito por voltar aqui”, disse ela.

“Estou feliz que você tenha voltado”, disse ele com um sorriso. Suas palavras aqueceram seu coração. Ela sabia disso. Ela sabia que ele iria entender. Finalmente, um lugar no mundo onde ela era bem-vinda.

“Desculpe-me por antes”, acrescentou. “Não fui eu. Foi apenas...”
“Ele desviou o olhar. “Eu realmente não posso explicar isso.”

Ela podia sentir que ele estava sendo sincero e não queria prolongar o assunto.

“Não se preocupe”, disse ela. “Entendo. Talvez fosse apenas um pouco demais de uma só vez.”

Ela sentiu o movimento dentro da casa. Sage deve ter percebido isso, também, porque ele saiu e fechou a porta atrás deles.

“É uma bela noite”, disse ele. “Vamos dar um passeio.”

Ela ficou feliz quando estendeu sua mão e segurou a dele. Era uma sensação boa tocar na mão dele novamente, ele a levou para dar uma volta no jardim, ao redor da casa. Eles seguiram uma trilha

sinuosa que os levou ao quintal e, em seguida, fizeram uma curva para uma lateral da casa, debaixo de árvores enormes. Depois seguiram caminhando pelo terreno, subindo e descendo colinas debaixo da enorme lua cheia.

“Há tanta coisa sobre mim que eu quero dizer a você”, disse ele, depois de terem andado por um tempo em silêncio. “Mas eu não posso.”

“Por que não?”, Perguntou ela.

Ele desviou os olhos, suspirando.

“É uma coisa de família”, disse ele. “Tive que jurar segredo. É difícil de explicar.”

Ela queria saber mais, é claro, mas ela não queria se intrometer. Ela estava muito feliz de estar ali com ele.

“Está tudo bem”, disse ela. “Estou muito feliz de estar com você.”

“E eu estou tão feliz que você voltou”, ele contou com um sorriso.

Ela se virou e sorriu para ele enquanto caminhavam. Ela nunca tinha se sentido mais feliz. Ela queria que ele soubesse tudo sobre ela.

“Eu tive uns problemas com os meus pais”, ela começou. “É... bem, hum, eu acho que é meio difícil explicar, também,” ela disse, tentando pensar o quanto dizer a ele. Ela não queria parecer louca. “Às vezes eu sinto que ninguém me entende”, ela falou. “Às vezes eu sinto como se eu não me entendesse. Os últimos dias... eles têm sido tão loucos. Eu não sei como explicar isso. Mas eu... Eu sinto que estou mudando...”

Ele se virou e olhou para ela.

“O que quer dizer com mudando?”

Ela debateu em sua cabeça sobre o quanto deveria lhe contar. Ela não queria assustá-lo; mas, ao mesmo tempo, ela estava começando a se sentir realmente próxima dele e uma parte dela sentia que deveria deixar tudo claro antecipadamente, antes que seu relacionamento pudesse ficar mais sério. Ela queria que ele soubesse, queria que ele a rejeitasse ou a aceitasse pelo que ela era. Se seu coração seria partido, ela preferia que se partisse naquele momento.

A trilha fazia uma curva e, finalmente, inclinava para baixo, em direção às margens do Hudson. Eles chegaram na beira e ficaram na areia, olhando para a água, que estava iluminada sob a luz do luar.

“Eu sei que isso parece loucura”, disse ela. “E se você achar que estou ficando louca, apenas me diga. Mas nos últimos dias... meu corpo... bem... Eu não posso mais negar. Estou diferente. Eu não sou quem eu era antes. Eu não sei explicar isso, sei que isso parece loucura, mas... Eu acho que estou virando um vampiro.”

Scarlet se virou e olhou em seus olhos, em busca de sua resposta, achando que ele iria mandá-la sair. Seu coração estava acelerado enquanto ela esperava e rezava para que ele não o fizesse. Mas, para sua surpresa, sua expressão quase não mudou. Era quase como se tivesse esperando por isso.

“Eu não acho que isso é loucura de jeito nenhum”, disse ele.

Ela olhou para ele.

“Você *não* acha?”, perguntou ela, chocada.

Ele balançou a cabeça.

“No outro dia”, continuou ela, animada or poder contar aquilo a alguém: “Eu tive esse desejo tão forte. Eu não disse a ninguém. Mas tipo, quando eu estava com Blake, eu senti essa necessidade de, assim, me alimentar dele. Tipo beber seu sangue. Desculpe-me,

eu sei que parece nojento. Mas eu não posso negar. Eu realmente senti. Não entendo. Eu estava com medo de que isso pudesse acontecer com você. Mas o mais estranho é que, quando estou perto de você, eu não sinto essa vontade. Eu também não entendo isso. Será que estou ficando louca?"

Ele se virou e olhou para ela.

"Faz sentido para mim. Tudo isso. E se você soubesse mais sobre mim, você iria entender o porquê."

Agora Scarlet estava intrigada; ela sentiu uma súbita vontade de saber tudo sobre ele.

"Por favor, diga-me", ela pediu. "Por Favor. Eu preciso saber. "

Sage se virou e olhou para a sua casa; ele olhou como se estivesse com medo de alguma coisa. Então olhou para a margem e seus olhos pousaram em uma pequena canoa, aninhado contra a água.

"Eu contarei", disse ele. "Mas não aqui. Você gosta de barcos?"

Barcos? ela se perguntava.

"Está vendo aquela pequena ilha ali?", ele perguntou, apontando.

Ela olhou para fora e viu uma pequena ilha desabitada no meio do rio, coberta de árvores.

"Eu a visito algumas vezes. O que você acha? É uma bela noite. Quando chegarmos lá, quando for apenas nós dois, cercados por água, eu vou contar tudo a você."

Ele estendeu a mão.

Scarlet sorriu quando ela colocou sua mão na dele. Não havia mais nada que ela quisesse no mundo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Scarlet entrou no estreito caiaque enquanto Sage o segurava firme para ela. Ele a seguiu e, em seguida, empurrou o barco para fora da costa.

Eles foram deslizando levemente pelas fortes marés do rio Hudson.

A lua enorme pairava no horizonte, iluminando a água, a noite estava incrivelmente calma. O único som que Scarlet podia ouvir era o bater das ondas contra o barco. Ela se recostou no barco e fechou os olhos, sentindo a água balançá-lo suavemente, enquanto Sage remava, alternando as mãos. Ela respirou o ar úmido e frio de outubro que vinha do rio e, pela primeira vez em um certo tempo, se sentia completamente à vontade no mundo.

Ela abriu os olhos e, ao olhar para cima, viu uma galáxia cheia de estrelas. Foi a noite mais mágica que ela já tinha visto. Eles logo se aproximaram de uma pequena ilha, situada no meio do Hudson. Desabitada, coberta de árvores, se estendia por quase uma centena de metros em cada sentido e era rodeada por uma pequena praia de areia.

“Eu vim aqui algumas vezes”, disse Sage suavemente no meio da noite. “É um lugar que eu vou para ficar sozinho. Eu nunca tinha compartilhado isso com ninguém.”

Ela se sentiu tocada.

“Obrigada por me trazer aqui.”

Eles desembarcaram na costa estreita e Sage saiu do barco e o puxou para cima da areia. Em seguida, ele estendeu a mão para ajudar Scarlet. Sage puxou o barco mais para dentro da areia para garantir que era seguro, então se abaixou e tirou os sapatos. Scarlet fez o mesmo, a areia lhe parecia tão agradável e fresca sob seus pés descalços.

Ele pegou sua mão e a levou para o outro lado da pequena praia, conduzindo-a para um local no meio da ilha, marcada por uma duna de areia. Eles se sentaram lado a lado. Ela encostou-se na duna de areia, nunca tinha se sentido tão confortável. Era como uma cadeira reclinável.

Acima de suas cabeças, havia galhos de uma árvore, debruçados sobre o rio. Diante dela, todo o Hudson se espalhava pelo horizonte.

Ele estendeu a mão e segurou a mão dela na sua, entrelaçando seus dedos. Suas mãos pareciam ter sido feitas um para o outro. Eles ficaram em silêncio por um longo tempo, Scarlet começou a se perguntar se ele ia falar algo.

Ela esperava que sim. Ela estava adorando ficar apenas sentada ali, mas também estava morrendo de vontade de saber tudo dele. Sua mente estava cheia de perguntas. Mas ela achou melhor esperar até que ele estivesse pronto para contar a ela o que quer que fosse que ele queria. Ela não sabia quanto mais tempo tinha passado até que, finalmente, ele limpou a garganta.

“Eu vou lhe contar tudo,” ele começou. “Mas você tem que me prometer que vai manter em segredo.”

Ela olhou para ele e viu o quão sério ele estava.

“Eu prometo”, disse ela com sinceridade. “Você pode confiar em mim. Afinal de contas, eu confiei em você: eu só disse que eu achava que eu estava virando um vampiro.”

“Mas o que eu contarei a você pode afastá-la”, disse ele. “Se você decidir fazer isso, então eu entenderei.” Ele olhou para baixo. “Você provavelmente não vai acreditar em mim quando eu lhe falar.”

“Sage, eu prometo”, disse ela. “Eu acredito em você. Seja o que for, eu vou acreditar em você.”

Ele olhou nos olhos dela e ele finalmente parecia acreditar nela. Ele olhou de volta para a água por um longo tempo, até que, mais uma vez, ele estava pronto para falar.

“Eu sou um Imortal. Eu venho de uma família de Imortais. Estamos vivos há quase dois mil anos. Nosso nome, porém, é enganoso: não somos imortais. Nenhum de nós. Nossa vida é finita. Dois mil anos, exatamente. De fato, de acordo com o destino, temos apenas algumas semanas de vida restantes.”

Scarlet sentiu uma faca passar por seu coração. Ele morreria em poucas semanas? Ela olhou para ele, seu coração batendo rápido com a possibilidade. Ela queria desesperadamente acreditar nele. E uma parte dela acreditava. Isso explicaria tudo – porque ele era diferente, porque sua família era tão diferente. Por que ela se sentia tão diferente em relação a ele.

“Você vai morrer?”, ela perguntou, mal conseguindo pronunciar as palavras.

Ele assentiu com a cabeça.

“É por isso que eu tive que pedir que você fosse embora mais cedo”, explicou. “Eu fui surpreendido pelas dores. Nos nossos últimos meses, as dores pioram. Eu não queria que você me visse assim. E eu não sei como explicar.”

“Mas você poderia ter me dito,” ela falou, seu coração estava mais leve quando ela finalmente percebeu que ele não tinha rejeitado ela, no final das contas. “Eu teria entendido.”

“Será que você teria?”, ele perguntou, olhando para ela.

Scarlet pensou sobre aquilo, e percebeu que talvez ele estivesse certo, talvez ela não tivesse compreendido. Talvez naquele momento, tudo teria parecido um exagero, muito absurdo. Ela sequer tinha completa certeza de que acreditava em tudo aquilo mesmo naquele momento. Uma parte dela ainda se perguntava se tudo aquilo era apenas uma estranha fantasia de Sage.

“Você está duvidando,” ele disse, olhando para ela. “Eu posso sentir. Você não acredita em mim.”

“Bem, eu, hum... bem, não é que eu não acredito em você... é só que...”

“Eu vou lhe mostrar”, disse ele, de repente, sentando-se. “Eu vou provar para você. Me dê sua mão.”

Ela olhou para ele com ceticismo.

“Você não tem que me provar nada”, disse ela.

“Eu quero”, disse ele. “Eu quero que você acredite em mim. Acreditar de verdade. É importante para mim.”

Ele estendeu sua mão com a palma para baixo e ela lentamente colocou a mão dela sob a dele, com a palma para cima, imaginando o que era aquilo.

Ele fechou os olhos e, em seguida, ela sentiu um tremendo calor que emanava de sua palma. O calor ficava cada vez mais intenso, até que ele abriu os olhos e lentamente tirou sua mão. Quando ele o fez, ela ficou chocada com o que viu: situado ali, na palma da mão dela, estava um pequeno orbe translúcido, uma esfera de luz branca circular do tamanho de uma bola de beisebol. Era morno e distorcido ao toque. Ela estava surpreso ao vê-lo elevar-se e pairar um pouco acima da palma de sua mão.

“O que é isso?”, perguntou ela, sem fôlego.

“Uma esfera de luz”, explicou ele.

“O que ela faz?”, indagou ela, admirada.

“Nós as utilizamos para iluminar a noite, ou às vezes para dar calor, ou para curar. Às vezes, podemos usá-las apenas por diversão, da mesma forma que a sua raça faz ao soprar bolhas de sabão. Nós as enviamos para a noite, como balões. Eventualmente, elas se dissipam. Veja.”

Ele se inclinou-se e a soprou em sua mão e, quando ele o fez, ela ficou espantada ao ver o orbe sair flutuando no ar. A esfera voou pelo ar, levada pelo vento, como um balão. Ela viu quando o orbe flutuou sobre o Hudson, lentamente ficando cada vez mais longe, como um vaga-lume que desaparecia na noite.

Ela mal sabia o que dizer. Ela não podia acreditar: era real. Tudo aquilo era real. Cada palavra que Sage estava dizendo era verdade. O sobrenatural realmente existia. O que significava que, talvez, ela fosse uma vampira. E o que significava que Sage realmente iria morrer em breve. Esses pensamentos a aterrorizavam.

“Nós temos nossas próprias forças e vulnerabilidades”, continuou ele. “Por exemplo, nós temos audição super-sônica, mas não podemos ouvir sons da água. Não podemos tolerar sons de alta frequência, que nos incapacitam. Nós não precisamos nos alimentar – nunca. A nossa própria energia de viver é auto-sustentável. É por isso que temos sido capazes de viver em harmonia com os seres humanos todo esse tempo. No entanto, apesar disso, alguns de nossa espécie se alimentam de qualquer maneira. Não porque eles precisam, mas porque querem ficar sob o efeito de drogas. Alimentar-se de um ser humano dá adrenalina, como usar drogas. É considerado um crime pelo nosso Grande Conselho e é estritamente proibido. A falta de harmonia com os seres humanos é ruim para todos nós e pode chamar atenção

indesejada. Mas agora, com o fim dos dias por vir, tudo está mudando. As regras estão sendo desrespeitadas.”

Ele respirou fundo.

“Nós não temos sangue. E é por isso que você não sente vontade de se alimentar de mim, como você sentiu com Blake. Os vampiros são mais poderosos do que os seres humanos, mas nós somos mais poderosos do que os vampiros.”

O coração de Scarlet estava acelerado, ela estava começando a acreditar nisso tudo. Ele era tão convincente.

“Temos a capacidade de nos transformar em uma criatura com a forma de corvo”, acrescentou. “Quando queremos, podemos voar. Quando a nossa espécie se alimenta de seres humanos, eles abrem suas asas e as enrolam em torno de um humano com força. Isso não os mata. Mas drena a sua energia e pode levar a um surto psicótico.”

Scarlet de repente se deu conta.

“Tina. Uma menina da minha classe. Aquela que foi atacado por um animal na outra noite e foi à loucura. Um de vocês fez isso?”

Sage acenou de volta, sério.

“Lore. Tenho vergonha de dizer. Ele está fora de controle.”

A mente de Scarlet girou enquanto tentava processar tudo. Ela não sentia medo de Sage, mas sentia perigo e ia ficando cada vez com mais medo.

“É por isso que sua família veio para cá? Para esta cidade? Para se alimentar?”

“É mais complicado do que isso”, disse ele. “Eles não vieram para se alimentar. Nem a maioria deles, de qualquer maneira. Eles vieram para encontrar a cura.”

“A cura?”, ela perguntou, perplexa.

“Nossa lenda conta que há uma cura para a nossa condição, um elixir que nos permitirá viver após nosso limite de dois mil anos. Uma que vai nos permitir sermos verdadeiramente imortais.”

“E você acha que a cura está aqui?”, indagou ela.

“Minha família acha. A lenda diz que chegará um dia em que aparecerá um outro ser imortal em nosso planeta. Uma adolescente. Um vampiro. E que ela será a chave. Ela deve nos dar essa chave por livre e espontânea vontade para que a cura funcione. Uma vez que a tivermos, ela vai nos levar ao elixir. E então, vamos ser curados. E verdadeiramente imortais.”

Os olhos de Scarlet se iluminaram em reconhecimento. Ela estava quase com medo de perguntar.

“A adolescente. O vampiro. Sou... eu?”

“Sim”, ele disse, sério. “É você.”

Scarlet começou a tremer por dentro. Sentia que todo o seu mundo estava ruindo ao seu redor. Então foi por isso que Sage estava interessado nela. Não porque ele gostava dela. Mas só porque ele pensava que ela tinha a chave para a sua imortalidade. Ela se sentiu magoada. Usado.

“Então”, disse ela, arrasada, “então é isso? A razão pela qual você está comigo? Para que assim você possa pegar a chave e viver para sempre?”

Ela sentiu vontade de chorar e começou a se levantar para ir embora. Sage se moveu e agarrou o pulso de Scarlet.

“Scarlet, não é assim. Você tem que entender. Por favor, me dê uma chance.”

Ela viu a sinceridade em seus olhos e se obrigou a escutar. Dar-lhe uma chance.

“É verdade, meus pais me enviaram nesta missão, para ir para a escola, para conhecê-la. Eles estavam esperando que eu iria convencê-la a nos dar a chave. Sim, é verdade, eles esperavam que eu fosse ganhar a sua confiança. No início, eu segui minha missão.”

Ele se inclinou e olhou para ela de forma significativa.

“Mas, a partir do momento em que a conheci, eu sabia que nunca poderia ir até o fim. Eu sabia desde o segundo em que eu vi você que a amava muito. Aqui, agora, o fato de estarmos juntos – não tem nada a ver com a minha missão. Tem tudo a ver com a gente. Essa é a missão *deles*, não a minha. Eu estou aqui com você agora, porque eu a amo.”

Scarlet examinou seu rosto, examinando-o para ver se ele estava sendo honesto. Ela percebeu que sim. Ele a *amava*. Ela mal podia acreditar. Especialmente porque ela sentia que o amava também.

“Eu sei que é muito cedo para usar tais palavras fortes. Mas eu digo o que eu sinto. Eu sempre digo. E eu tenho apenas algumas semanas de vida. Eu não tenho tempo a perder. Eu quero que você saiba como eu me sinto. Eu preciso que você saiba o que eu sinto.”

Scarlet viu a sinceridade em seus olhos e acreditava nele. E ela o amava também, mais do que nunca. Mas, ao mesmo tempo, seu coração estava partido.

“Quero dizer, por que se apaixonar por mim? Por que agora?” Perguntou ela, à beira das lágrimas. “Quando você tem apenas semanas para viver? Por que se torturar? Por que me torturar?”

“Eu sei”, disse ele. “E eu sinto muito. Eu não planejei isso.”

O pensamento de sua morte doía terrivelmente. Ela não podia perdê-lo.

“Eu não entendo”, disse ela. “Por que não posso apenas lhe dar a chave? Quero dizer, eu nem sei o que é, mas se eu tiver isso, por que eu não posso simplesmente entregá-la a você? Eu não quero vê-lo morrer.”

Ele balançou a cabeça.

“Você não entende. Não é tão simples assim. Sim, você tem a chave. Eu a vi. Na verdade, eu estou vendo ela agora.”

Scarlet o viu olhar para baixo, para sua garganta e, de repente, ela percebeu. Seu colar. O que sua mãe havia lhe dado. O que havia assustado o padre. Essa era a chave. Isso era o que eles queriam.

“Basta levá-lo”, disse ela, levando suas mãos ao pescoço para tirá-lo.

Ele estendeu a mão e agarrou seu pulso, impedindo-a.

“Eu não vou”, disse ele com firmeza. “Para que o nosso elixir funcione, para que o nosso tipo seja imortal, há duas etapas. A primeira é que eles devem usar a chave, encontrar o elixir e beber. A segunda é que eles devem matar quem deu a chave.”

Scarlet olhou para ele, e seus olhos se arregalaram de horror.

“Sinto muito”, acrescentou ele em voz baixa. “Diz a lenda que só pode haver uma criatura imortal na terra. Isso é o que eles acreditam. E é por isso que eu não posso aceitar a chave.”

Ele olhou para o rio, enquanto Scarlet tentava reunir todos os seus pensamentos. Sua mente estava girando.

“É por isso que eu tenho que mentir para a minha família”, disse ele. “Eu não confio neles. Eles estão desesperados. Eles não irão parar por nada até obter a sua chave. E matá-la. É por isso que eu a trouxe aqui, a esta ilha. Para que fique segura. A água nos protege de seus ouvidos atentos. Nem todos da minha espécie se importam tanto: se eu não trazer de volta seu colar, eles vão tentar matá-la.”

Ele estendeu a mão e deslizou um pequeno anel no dedo indicador de Scarlet. Ele brilhava mesmo de noite, era coberto de diamantes e rubis e safiras. Ao longo de toda a sua faixa de ouro, havia símbolos antigos. Parecia valioso. Ela ficou espantada quando ele o colocou em seu dedo: se encaixava perfeitamente.

“Isso irá protegê-la deles”, disse ele. “Se um deles tentar atacar você, isso vai salvá-la.”

“Mas ainda há uma coisa que eu não entendo”, disse ela, sentindo-se à beira das lágrimas. “Se eu não lhe der o meu colar, você vai morrer. Para me salvar, você está se permitindo morrer. Você prefere morrer do que me ver morta? Por quê? Você nem me conhece.”

Ele olhou para baixo e, em seguida, olhou para ela, com os olhos cheios de lágrimas.

“Você está certa. Eu não conheço você. Mas eu amo você. E eu ficaria feliz em dar a minha vida por você. Eu sei que parece loucura. Mas é assim que eu me sinto.”

Scarlet foi dominada pela emoção. Ela mal sabia o que dizer. Ela nunca havia conhecido ninguém tão emotivo quanto Sage. E nunca havia conhecido alguém que a amasse tanto. Era uma loucura. Mas, de alguma forma, ela entendia. De alguma forma, ela sentia a

mesma intensidade de amor por ele. E ela não queria que ele morresse.

Ela estendeu a mão, tirou o colar e o empurrou na palma de sua mão.

“Eu não quero que você morra”, disse ela, chorando. “Por Favo. Pegue.”

E ele o devolveu para a palma da mão dela, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

“Eu sinto muito”, disse ele. “Mas eu nunca aceitaria.”

Scarlet se inclinou para abraçar Sage e ele a abraçou de volta. Ela o abraçou com força, não querendo deixá-lo ir, estava dominada pela tristeza, amor, saudade. Tinha raiva do destino. Ela não conseguia entender por que o mundo havia reunido os dois para logo em seguida separá-los. Ela se agarrou a ele, chorando, torcendo para que o universo mudasse seu destino – e sabendo de alguma forma que isso não aconteceria. Enquanto ele a abraçava, com seus músculos tensos, ela se sentia tão segura naqueles braços e, ao mesmo tempo, tão triste, pois sabia que, em apenas algumas semanas, ela não estaria naqueles braços novamente.

Será que o destino tinha que ser tão cruel?

CAPÍTULO DEZESSETE

Caitlin sentou-se na parte de trás do táxi estrangeiro, que fazia seu caminho pelas ruas estreitas de Paris sob a chuva. Tinha sido uma

viagem de táxi longa e árdua desde o aeroporto e ela não tinha dormido nem um minuto no avião. Ela tinha cochilado uma ou duas vezes, mas muito rapidamente, e os vários pesadelos rápidos que teve a fizeram acordar imediatamente, e depois disso ela não caiu no sono novamente.

Agora ela estava exausta, passando de quarteirão em quarteirão pelas ruas, em busca da livraria. Era madrugada e ela mal podia ver pela janela. Eles estavam circulando aquela pequena região há quase uma hora e Caitlin estava começando a perder a esperança. Ela tinha brigado várias vezes com o motorista de táxi, ele em francês e ela em Inglês, e nenhum dos dois se entendiam.

“Charlemagne rue, seis!” Caitlin gritou novamente, pronunciando cada sílaba.

Ele gritou algo em francês, que ela não entendeu. Ambos haviam desistido de se comunicarem. Quando eles circularam o quarteirão mais uma vez, ela olhou para fora e novamente teve o vislumbre de um sinal. Claramente, aquela era a rua certa. Em seguida, ela observou os números, os viu aumentarem de um a dez. Mas por alguma razão, não havia o número seis. Ela não conseguia entender. Eles haviam dado voltas em torno daquele bloco de novo e de novo, sempre com o mesmo resultado.

Ela sabia que era o naquele quarteirão - não havia nenhum outro com aquele nome em Paris. *Tinha* que ser lá. Talvez ela só não estivesse enxergando da parte de trás do táxi. Ela não tinha escolha. Precisava que sair e ver por si mesma.

“Encoste!”, ela gritou.

Ela pagou o motorista, pegou sua maleta e saltou do táxi na chuva. A chuva caía bem pesada e ela não tinha trazido um guarda-chuva. Em segundos, estava encharcada.

Caitlin correu pela quadra de paralelepípedos deserta, achando abrigo sob um toldo que se projetava para fora de um dos edifícios antigos. Ela ficou rente à parede, o suficiente apenas para sair da chuva e limpou a água do seu cabelo e olhos. Ela olhou de novo para o nome da rua e para o número, escrito à mão, mas agora a tinta estava escorrendo com a água.

Ela guardou o papel. Não importava. Ela tinha memorizado o endereço. Charlemagne rue, seis. Caitlin olhou para fora de onde ela estava e examinou os números de todos os edifícios. Ela estava do lado ímpar da rua – tinha que ser do outro lado.

Ela correu para a chuva, o som da água torrencial era tão alto, ela ficou completamente encharcada de novo e atravessou para o outro lado da rua. Olhou atentamente para os números. Ela viu um oito, mas não um seis. Quando ela olhou de perto, porém, ela percebeu que tinha esquecido alguma coisa: uma pequena, estreita escada, que levava para baixo. Entre os edifícios. Na porta, abaixo do nível da rua, havia um número desvanecido. Ela olhou com cuidado e seu coração acelerou. Seis.

Não havia nenhuma loja, mas, novamente, fazia sentido: a velha senhora não queria visitantes. Caitlin deu dois passos para baixo, estendeu a mão, agarrou o batente antigo com forma de cabeça de leão e bateu várias vezes contra a porta. O som ecoou pelo quarteirão vazio.

Caitlin ficou lá e olhou para o relógio: 06:00 do horário local. Aiden tinha avisado a ela que a mulher poderia não responder, mesmo que ela estivesse lá. Mas ali, naquele momento do dia, com aquele tempo, quais eram as chances?

Caitlin tinha a sensação desesperadora que aquilo não estava indo bem. Ela não podia deixar de contemplar as suas opções: ela tinha atravessado metade do mundo para aquilo, e a mulher poderia nem atendê-la.

Caitlin bateu o batente de novo e de novo, sua roupa estava completamente encharcada. Depois de vários minutos de espera, ela finalmente se virou e examinou as ruas, à procura de qualquer sinal de um café, qualquer lugar onde ela pudesse esperar, descansar, tomar uma xícara de café e se aquecer. Mas todas as lojas estavam fechadas àquela hora do dia, com grades e tudo. Não havia uma alma à vista.

Caitlin ficou ali, tremendo, querendo saber o que fazer em seguida. De repente, para sua surpresa, ela ouviu um barulho atrás da porta. Ouviu o som de várias trancas serem desbloqueadas e, impressionantemente, a porta se abriu.

Lá estava uma mulher bem pequena que parecia ter uns 90 anos. Ela ficou ali parada, orgulhosa, ereta, encarando Caitlin com desaprovação com seus olhos azuis-marinhos franceses. Parecia que aqueles olhos haviam testemunhado a criação do mundo.

A velha ralhou alguma coisa. Era algo em francês, que Caitlin não entendia.

“Eu sinto muito”, respondeu Caitlin. “Mas eu não falo francês.”

A mulher apenas olhou para ela, friamente. Caitlin, preocupada que ela poderia fechar a porta, pensou rápido.

“Eu sou uma amiga de Aiden. Ele me enviou aqui”, disse ela de uma vez só.

A mulher olhou para ela com indiferença, sem expressão, com uma ligeira careta. Então, de repente, ela deu um meio passo para trás e começou a fechar a porta. Caitlin não podia acreditar. Ela não ia deixá-la entrar.

Desesperada, ela se adiantou e colocou o pé no espaço antes que a porta se fechasse.

“Por favor. Você não entende. Eu viajei meio mundo para chegar aqui. Eu sou apenas uma mãe que ama muito sua filha. Que está preocupada com ela. Você tem um livro que eu preciso. Um livro muito raro. Por Favor. Eu não tenho ninguém mais a quem recorrer.”

A mulher olhou para ela pelo o que parecia ter sido uma eternidade e, em seguida, lentamente, sua expressão se suavizou. A mulher olhou cautelosamente para os dois lados da rua e, em seguida, fez um gesto para que ela entrasse.

Caitlin rapidamente correu da chuva torrencial e, assim que ela entrou, a mulher bateu e trancou a porta atrás dela.

Caitlin ficou ali, na sala de teto baixo e abobadado, a chuva batia contra as janelas e uma poça de água ia rapidamente se formando debaixo dos seus pés sobre os antigos pisos de madeira. Ela olhou para baixo, envergonhada.

“Eu sinto muito”, disse ela.

A velha lhe entregou algo macio e ela percebeu: a toalha. Ela se sentiu grata. Caitlin secou seu cabelo, muito agradecida e depois secou o rosto e pescoço.

“Tire o casaco”, a mulher pediu.

Caitlin ficou chocada: ela falava Inglês. E ela se importava.

Caitlin tirou o casaco que gotejava e, em seguida, a mulher colocou outra toalha seca sobre seus ombros. Caitlin se esfregou secando sua camisa.

“Obrigada”, disse ela, de modo apreciativo.

“É mais quente aqui”, disse a mulher, ao levar Caitlin para uma pequena lareira do lado oposto da sala, dentro do qual havia um

fogo crepitando. Caitlin caminhou até ele e estendeu as mãos, saboreando seu calor.

Caitlin olhou a sua volta, examinando a sala aconchegante. Era pouco iluminada por candelabros e velas, enfeitada com tapetes e cadeiras antigas e confortáveis. O que mais lhe chamou a atenção, no entanto, eram as estantes: ela viu de relance que havia uma abundância de coisas valiosas naquela pequena sala. Ela ficou espantada. Era um tesouro de volumes raros e antigos. Ela sentiu como se ela tivesse dado um passo para trás no tempo, para um mundo perdido.

“Estou à procura de um volume muito raro”, disse Caitlin. “Eu nem tenho certeza de que ele existe. *De Fascino Libri Tres* de Vairo. Eu estou em busca da outra metade de uma página perdida.”

Lentamente, Caitlin enfiou a mão na bolsa e tirou a pasta e a página rasgada. Ela a estendeu para a senhora e os olhos da velha se arregalaram um pouco ao examiná-la. Depois de alguns momentos, ela a devolveu para Caitlin.

“Você conhece?”, perguntou Caitlin. “Você o tem?”

“Quarenta anos atrás, eu peguei uma coleção das edições mais obscuras e raras de títulos do ocultismo”, disse a mulher, com uma voz rouca e quase inaudível sobre o fogo crepitante. “Eu não queria, sinceramente, mas o meu falecido marido insistiu. Eu nunca gostei da energia que emanava dos livros. Eu fiz um muro em volta deles, de modo que ninguém jamais soubesse que eles estavam aqui. Inclusive eu. Eu tive alguns tipos muito desagradáveis procurando por eles ao longo dos anos. E eu sempre neguei sua existência.”

A velha, de repente, atravessou a sala, estendeu a mão e puxou uma luminária na parede oposta. Para a surpresa de Caitlin, a parede de pedra de repente deslizou para o lado, ao som de pedra raspando sobre pedra. Ela revelou uma sala secreta.

A velha entrou, levantou uma vela e acendeu várias velas arandelas dentro do cômodo. Assim que ela o fez, Caitlin podia ver que o local estava repleto de livros raros, havia pilhas e pilhas deles. Mal havia espaço para caminhar.

“Se eu tenho o que você está procurando,” a velha disse, ao se virar e encarar Caitlin, “ele está aí.”

Se? Caitlin se perguntou. Seu coração apertou quando ela pegou entrou no cômodo: era enorme.

Havia milhares e milhares de títulos, tudo estava desorganizado, jogado em montes aleatórios no chão. Seu olho profissional lhe disse que ela poderia levar semanas para examinar todos eles. Ela não tinha tempo.

“Você tem alguma idéia sobre se você o tem?”, perguntou Caitlin. “Você tem alguma idéia de onde ele pode estar nesta sala?”

A velha balançou a cabeça.

“Foi há quarenta anos”, disse ela, “e, mesmo naquela época, eu mal olhei para eles. Você vai ter que descobrir da maneira mais difícil.”

Caitlin deu alguns passos pela sala, esquivando-se ao passar por um arco baixo de pedra e, em seguida, a mulher se virou para ela.

“Quando tiver terminado, bata três vezes.”

Depois disso, a velha puxou a alavanca e, de repente, a porta se fechou atrás de Caitlin.

Caitlin ficou ali, espantada, examinando aquelas montanhas de livros, se perguntando no que ela mesma tinha se metido.

CAPÍTULO DEZOITO

Sage andou pelo seu quarto, recolhendo suas coisas, arrumando artefatos antigos que ele não olhava há séculos. Ele finalmente estava pronto para deixar aquele lugar, sua família, para sempre. Ele tinha uma grande mala aberta em sua cama, e vasculhava itens, decidindo o que ele deixaria. Ele ergueu uma pequena presa de marfim da sua mesa, lembrando-se quando ele a tinha encontrado 500 anos antes. Ele a examinou e, em seguida, colocou-a de volta na mesa, decidindo não levá-la.

Enquanto estava ali, ao lado da janela, ele olhou para fora, para o Hudson. Sob a luz da manhã, a água brilhava. À distância, ele viu a ilha em que ele tinha passado a noite anterior com Scarlet, os dois tinham adormecido, vestidos, nos braços um do outro. Tinha sido inocente, mas a mais bela noite ele já havia passado naquele planeta. Ele não conseguia parar de pensar no momento em que acordaram juntos e assistiram a alvorada, o sol nascendo o Hudson. Parecia que o sol se levantava por cima deles, como se estivessem bem no centro do mundo.

Acordar com Scarlet em seus braços lhe tinha dado a sensação de estar restaurado, uma que ele não sentia há anos. Isso o fez se sentir inteiro de novo e ela lhe deu, pela primeira vez em muito tempo, uma razão para viver.

Eles tinham decidido fugir juntos. Scarlet tinha decidido que seria melhor manter as aparências por ora, ela voltaria para a escola de manhã, para enfrentar todas as suas amigas e vê-las uma última vez e, em seguida, eles sairiam, naquela noite, na cobertura da escuridão. Eles fizeram o plano de se encontrarem depois da escola, no grande baile daquela noite e fugiriam de lá. Eles deixariam aquela cidade, encontrariam algum lugar no mundo onde poderiam

ficar sozinhos, longe de suas famílias, de todos que queriam separá-los. Não havia nada que Sage quisesse mais: se aquelas eram suas últimas semanas no planeta, ele queria que elas fossem dignas. Ele queria viver para *si mesmo* para variar.

Scarlet mesmo tinha falado que os dois poderiam fugir naquele momento, ao amanhecer. Sage queria, também. Mas ele achou que seria mais prudente se es saíssem à noite, sob a cobertura da escuridão. Scarlet também queria se despedir de seus amigos e Sage queria um pouco de tempo para reunir suas coisas e internamente dizer seu adeus à sua família. É claro que ele não poderia contar que ele estava indo embora. Mas talvez ainda houvesse uma pequena chance de convencê-los, de fazer com que eles mudassem de idéia sobre Scarlet. Depois de dois mil anos juntos, eles deviam isso a ele, pelo menos ouvi-lo. Se ele fosse bem-sucedido, talvez, apenas talvez, eles iriam deixá-la em paz e os dois poderiam viver seus últimos dias tranquilamente.

No fundo, ele sabia que era uma causa perdida. A Mortalidade de sua família estava em jogo, afinal de contas. Eles iriam, ele sabia, atrás Scarlet com todas as suas forças. Depois daquela noite, depois que seu prazo se esgotasse, eles iriam caçá-la e matá-la.

Então, como um plano de contingência, Sage reuniu tudo que lhe era importante de seu quarto. Ele tinha a sensação de que, depois daquele dia, ele nunca mais voltaria aqui novamente. E que estava tudo bem com ele. Ele iria perder sua família, depois de todo esse tempo, mas ele sabia que não havia muito tempo para viver de qualquer maneira e ele queria passar suas últimas semanas do jeito que ele quisesse, não como seus pais queriam que ele o fizesse. Já era o suficiente. Não havia nenhuma punição que eles pudessem infligir agora que seria pior do que o castigo de não poder ficar com Scarlet.

Ele esperava que Lore não fosse tolo o suficiente para tentar atacar Scarlet. Afinal de contas, todos sabiam que seria inútil matá-la sem

que ela voluntariamente entregasse o colar. Mas eles poderiam ser impetuosos, especialmente Lore – e, com apenas algumas semanas para viver, quem sabeia como poderiam reagir.

“Você sempre foi um romântico incorrigível”, veio uma voz.

Sage se virou e ficou surpreso ao ver, ali, sua irmã, Phoenicia.

Ela estava lá na porta, olhando para ele com desaprovação, balançando a cabeça lentamente.

“Um tolo”, disse ela. “Sempre foi.”

E você? ele pensou. *Com medo de se apaixonar? Você se protege há séculos. Onde você chegou com isso?*

Ele a ignorou, atravessando a sala, pegou um pedaço emoldurado de partituras assinadas por Beethoven e a colocou em sua mochila.

“Você não sabe do que você está falando”, disse ele.

“Indo para algum lugar?”, perguntou ela.

Ele se debruçou sobre a sua estante, tirando uma primeira edição de Macbeth de Shakespeare e o pôs em sua bolsa.

Phoenicia, de repente, atravessou a sala, atingindo-o com a velocidade da luz, agarrou seu pulso e pegou o livro de sua mão. Ela o colocou com um estrondo sobre a mesa e fez uma careta para ele.

“O que diabos você pensa que está fazendo?”, ela sibilou.

Agora ele estava irritado. Ele franziu a testa.

“O que você tem a ver com isso?”

“Tudo o que você faz tem a ver comigo. Tudo o que acontece aqui é assunto meu. Especialmente agora. Você é tão arrogante, como se nada importasse, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Estamos contando com você. Você esqueceu? E aqui está você, em mais uma de suas escapadas românticas, como se você não ligasse para o resto do mundo. Você pode enganar a mamãe e o papai, mas você não pode me enganar. Eu sei que você não poderia ligar menos sobre como obter a chave dela. Eu sei que você se apaixonou por ela. Você não se importa com qualquer um de nós. Você vai morrer e você tampouco se importa com isso, não é?”

Ele olhou para ela, seus olhos se estreitavam enquanto ele sentia uma crescente raiva. Isso era a cara dela. Toda a sua vida, ela o havia atormentado, sempre a primeira a apontar os seus defeitos – ou a percepção dela sobre seus defeitos. Ela era cínica, este era o seu problema. Ela não acreditava nada no amor.

Sage tinha desistido de tentar responder às suas provocações séculos atrás. Ela nunca iria entender nada quando o assunto era amor.

Especialmente agora. Como ela poderia entender sobre Scarlet? Como ele poderia explicar a ela o jeito que Scarlet o fazia sentir-se? O jeito que ela ficava sob a luz da manhã? Sua graça? Sua sensibilidade? Sua bondade? Ele mal conseguia entender tudo isso sozinho.

“Eu não sei o que você quer que eu diga”, disse ele.

“Eu quero que você me diga que você vai pegar a chave. Que você vai fazer isso agora!”

Ela olhou para ele com intensidade, mas ele balançou a cabeça lentamente.

“É um mito”, disse ele. “Você não vê? Estamos destinados a morrer. Todos nós. Nosso destino sempre foi dois mil anos. E nada que

fizemos vai alterar isso. Atacar uma pobre menina não vai mudar a sua vida.”

Ela estreitou os olhos.

“Você não estaria tentando protegê-la, a menos que você achasse que é tudo verdade. Que ela realmente é a que procuramos.” ela estreitou os olhos ainda mais. “Eu acho até que ela já lhe ofereceu e você disse que não. Você recusou, não é?”

Ele olhou para ela, corando. Era estranho como ela sempre conseguia lê-lo.

“Por que você se importa?”, questionou. “O que vai fazer? Me matar? Estamos todos morrendo de qualquer jeito.”

Ela balançou a cabeça decepcionada e, enquanto isso, de repente, ele viu algo que nunca havia visto antes, em todos os seus séculos que a conhecia: uma lágrima formando no canto do seu olho.

“Depois de todo esse tempo, será que pelo menos você se importa comigo? Ou com você mesmo?”

Ele amenizou, se sentindo mal, percebendo que ele não poderia mentir para ela.

“Fenícia. Você é minha irmã. Eu amo você. Eu realmente fazer. Mas eu sinto muito. Ela vale tudo isso e muito mais para mim. ”

Phoenicia estreitou os olhos de raiva.

“É esta menina, essa estranha, que vale mais do que eu?”

Seu rosto ficou vermelho ao se virar e sair do quarto, fechando a porta com força atrás dela. Sage sabia que, onde quer que ela fosse, arrumaria confusão.

CAPÍTULO DEZENOVE

Scarlet caminhou pelos corredores de seu ecolégio atordoada, mal consciente de onde ela estava. Ela se sentia como se estivesse andando no ar. Não conseguia parar de reviver sua noite com Sage; a energia dele ainda emanava com cada passo que ela dava. Pela primeira vez, ela quase não se incomodava com os alunos ao seu redor, que andavam em todas as direções, ela mal conseguia ouvir o barulho. Nem se importava. Agora, pela primeira vez desde que ela conseguia se lembrar, seu coração estava pleno. Ela estava loucamente apaixonado por Sage. Completamente obcecada por ele.

Seus sentimentos por Sage eram tão intensos que ela mal conseguia pensar em outra coisa. Ela sentia que havia um tipo de escudo, pairando em torno dela, protegendo-a. Parecia que naquele momento, nada poderia atingi-la. Com o Sage ao seu lado, ela se sentia invencível.

E, em breve, naquela noite, os dois iriam fugir para longe dali, longe de seus pais, seus amigos e todos os seus problemas insignificantes, iriam para um mundo próprio. Para um lugar onde eles poderiam ficar juntos, sem ninguém tentando se intrometer entre eles. Tudo o que ela tinha que fazer era esperar aquele dia passar, esperar que a noite chegasse, o baile, onde Sage a encontraria e eles partiriam juntos. Seu coração estava batendo forte de ansiedade; ela já mal podia esperar para o dia acabar.

O sinal tocou e ela olhou para seu celular enquanto se dirigia em direção à aula de Inglês. Ela viu todas as chamadas não atendidas e mensagens de textos de seu pai e se encolheu. Ela mal sabia como responder, não podia lidar com aquilo naquela hora. Ela também notou que Maria não tinha mandado nenhuma mensagem

nem ligado. Enquanto estava indo para a aula que elas teriam juntas, ela se preparou para a reação dela.

Scarlet entrou na sala de aula na hora certa. A classe já estava cheia e ela percebeu imediatamente que seu lugar habitual, ao lado de Maria, estava ocupado. Ela não podia acreditar: Maria sempre fez com que aquela carteira ficasse reservada para ela. Agora, outro garoto estava sentado lá. Maria estava sentada no seu lugar de costume e nem sequer olhara para ela. Parecia uma traição, era uma mensagem clara: Maria não queria que Scarlet se sentasse ao lado dela. Aquilo não parecia nada bom.

Scarlet correu pelos corredores entre as carteiras e, enquanto o fazia, Maria olhou para ela, e então incisivamente desviou seu olhar.

Scarlet passou por ela, sentindo-se mal. Por um lado, ela compreendia. Da perspectiva de Maria, Scarlet tinha roubado Sage dela. Mas isso não era verdade, não era justo. Sage nunca tinha gostado de Maria; Scarlet tinha ainda tentou juntá-los, mas ele simplesmente não estava interessado nela.

Scarlet achava que Maria devia entender isso, e que a forma como ela estava agindo simplesmente não era justo. Ela estava vivendo em sua própria fantasia. Sage acabaria ficando com outra pessoa, fosse Scarlet ou não.

Mas Maria era tão possessiva, ciumenta e territorial que, se alguém conversasse com um menino que ela remotamente gostasse, ela tomava isso como um insulto pessoal. Para Maria, isto era como uma bomba nuclear. Scarlet esperava que ela fosse madura o suficiente para superar o ocorrido, porque Scarlet não ia largar mão de Sage. Mas, claramente, Maria não estava se importando. Desta vez, a situação era mesmo ruim. Em todos os anos que elas se conheciam, Scarlet nunca tinha visto Maria assim, tão furiosa com ela. Scarlet tinha a sensação de que este seria o fim de sua amizade.

Pensar sobre isso entristeceu Scarlet enquanto ela se sentava na fileira do fundo, depois colocou seus livros sobre a carteira, e se virou para olhar para fora da janela. Se era assim que Maria queria, então foi assim seria. Afinal, depois da noite daquele dia, Scarlet não estaria mais ali de qualquer maneira. Logo, nada disso teria importância. Logo, ela estaria com Sage, bem longe dali.

“Classe, ok, por favor, abram o Ato Cinco, cena Três de Romeu e Julieta”, disse o Sr. Sparrow. “A cena famosa da tumba. Levantem as mãos: quantos de vocês leram nesta última noite?”

Algumas mãos hesitantes se elevaram.

“Muito bom. Então vocês devem saber do que eu estou falando.”

Scarlet se desligou da aula enquanto seus pensamentos se voltaram para Sage. Ela pensou de novo sobre a noite anterior, sobre tudo o que ele disse a ela, sobre quem ele era, sobre sua família. Ela lembrou-se do orbe que ele havia criado, na palma da mão, lembrou de vê-lo flutuando. Ela acreditava nele. Era óbvio, ele não era como qualquer outra pessoa. E ela sentiu em seu coração que os dois haviam sido feitos para ficar juntos. Dois imortais. Dois tipos diferentes de criaturas. Diferentes de qualquer outra pessoa na terra. Eles estavam destinados um ao outro.

Acima de tudo, ele a compreendia. Ele não quis tirar sarro dela quando ela disse que era um vampiro; ele entendia. Ele nem sequer ficara surpreso. E não teve medo. Pela primeira vez, ele fez Scarlet se sentir confortável em sua própria pele, no que ela estava se tornando. Ela também sentia-se muito aliviada por poder ficar próxima de Sage sem querer alimentar dele.

Mas Scarlet então pensou sobre o período limitado de vida de Sage, de suas poucas semanas restantes, e ela se sentiu tomada pela tristeza. Não era justo. Encontrar o amor de sua vida e só ter algumas semanas para ficar com ele – isto simplesmente não era justo.

“E isso é o que torna esta peça diferente”, o professor anunciou. “Romeu e Julieta decidiram morrer um pelo outro. Sem o amor do outro, eles sentem que a vida não vale a pena. Eles são de duas famílias muito diferentes. Famílias que querem separá-los. Quando tudo que eles querem é se amar.”

Scarlet olhou para cima, prestando atenção às palavras do Sr. Sparrow pela primeira vez. Ela olhou para as palavras que ele tinha escrito no quadro:

Oh punhal abençoado! Eis a tua bainha; cria ferrugem no meu peito e deixa-me morrer.

“As últimas palavras de Julieta, antes de se matar com a adaga de Romeu. Isso é o que faz com que seja uma história de amor. O seu sacrifício. Quantos de nós estamos dispostos a nos sacrificar assim em nome do amor? Será que nós encontraremos algum dia um amor tão grande assim?”

Scarlet pensou sobre o assunto. Romeu tinha desistido de sua vida por Julieta; Julieta tinha desistido de sua vida para Romeu. Ela não deveria dar seu colar para Sage? Por que sua vida valeria mais do que a dele?

A classe ficou lá, em silêncio quando, de repente, soou o sinal.

Enquanto todos iam para a porta, Scarlet notou que Maria tinha ainda mais pressa que os outros, claramente queria evitá-la. Scarlet, infelizmente, recolheu suas coisas, ainda pensando nas palavras do Sr. Sparrow e se dirigiu para a porta, quando ouviu uma voz atrás dela.

“Scarlet?”

Ela virou-se e viu o Sr. Sparrow sentado na beira de sua mesa.

“Você está bem? Normalmente, você é a primeira a responder. Hoje você parecia um pouco...distráida.”

Ela se sentiu tocada por sua preocupação. Ele era o único professor que notava ou se importava.

“Estou bem. É só que...” ela parou, se perguntando o que dizer. “Eu acho que apenas está acontecendo muita coisa comigo agora. Mas eu amo esta peça. E eu amo tudo o que você disse.”

Ele sorriu de volta.

“Eu sei que o ensino médio pode ser desgastante”, disse ele. “Muito estresse de uma só vez. Especialmente neste ano. Meu conselho a você é apenas tentar se concentrar no trabalho diante de você. Permita-se se perder no texto. A escrita de Shakespeare tem 400 anos de idade, mas se você realmente se perder em suas histórias, em seus personagens, você vai se surpreender ao ver que tudo o que ele escreveu ainda é relevante hoje. Descobrimos que outros têm sofrido com as mesmas coisas que nós, há centenas de anos. Nós não somos diferentes. Essa conexão com a história, com outros – pode ajudá-la a passar por isso.”

Ela pensou consigo mesma: ele não tinha ideia de como ele estava certo.

“Obrigado, Sr. Sparrow. Por tudo”, disse ela com sinceridade, sabendo que esta seria a última vez que ela o veria. “Eu só quero que você saiba, eu realmente gostei deste ano.”

“O ano ainda não acabou!”, disse ele, com um sorriso.

“Eu sei. Eu só quero dizer que, se por algum motivo eu não vê-lo de novo, obrigada por tudo.”

Ele lhe lançou um olhar confuso, mas antes que pudesse perguntar o que ela queria dizer, ela saiu correndo da sala. Scarlet entrou no

corredor e viu Maria fechando seu armário. Maria começou a se virar e Scarlet correu até ela. Ela achava que era naquele momento ou nunca: ela queria resolver a situação, ou pelo menos expressar o seu lado da história.

“Maria”, disse ela.

Lentamente, com relutância, Maria parou e se virou. Ela estava com a cara amarrada.

“O que você quer?”, Ela retrucou.

Scarlet foi pego de surpresa pela sua raiva.

“Olha, eu realmente sinto muito por tudo o que você acha que aconteceu, mas eu não roubei Sage. Você tem que saber disso.”

“Ah não? Então o que você faz exatamente? Ele foi embora sozinho?”

“Não é assim. Tentei juntar vocês dois. Eu realmente tentei. Mas ele simplesmente não estava interessado em você.”

Maria fez uma careta, envergonhada.

“É isso o que ele disse? Ou será que é você que está dizendo?”

“Isso é o que ele me disse”, disse Scarlet.

Mas Maria só ficou com mais raiva.

“Bem, como ele poderia estar a fim de mim com você o roubando? Você não lhe deu uma chance.”

“Não foi nada disso. Eu juro”, disse Scarlet. “Ele veio até mim.”

“Sério? Como você não teve nada a ver com isso, então?”

Scarlet sentiu que daquele jeito não iria levar a lugar nenhum.

“Olha, eu nunca iria roubar alguém de você”, disse ela. “Mas não é como se vocês dois estivessem namorando. Vocês nem sequer se conhecem. E ele gostava de mim. Ele se aproximou de mim. Sinto muito, mas essa é a verdade.”

“Você pode contar isso da maneira que você quiser”, disse Maria. “Mas a verdade é que você me traiu. Isso é algo que eu nunca vou perdoar. Você deveria ser minha melhor amiga. Você deveria se importar comigo.” Maria se inclinou para frente. “Está acabado. Eu não conheço mais você.”

Maria fechou seu armário com um estrondo, se virou e foi se afastando.

À espera de Maria, no corredor, estavam Jasmin e Becca. Cada uma delas deu a Scarlet um olhar esnobe, então se viraram e foram andando com Maria.

Scarlet não podia acreditar. Maria tinha conseguido fazer suas outras duas melhores amigas ficarem contra ela. Ela sentiu como se tivesse sido excomungada do seu grupo de amigas. Ela nunca se sentira tão sozinha.

Enquanto caminhava, as salas pareciam muito maiores e muito menos amigáveis. Scarlet viu alguém indo em direção a ela com o canto do olho, ela não podia acreditar: Blake.

Oh não, Scarlet pensou.

Ela se preparou. Ela só podia imaginar o que seu pai poderia ter dito a ele na noite anterior. Ela já estava se encolhendo de vergonha. Ela estava começando a pensar que a vinda para a escola hoje tinha sido uma má idéia. O dia poderia ficar pior?

“E aí”, disse Blake.

“E aí”.

“Então, eu tipo encontrei seu pai na noite passada”, disse ele, parecendo nervoso. “Ele meio que me encurralou na festa. Ele estava muito bravo.”

“Desculpe”, disse ela. “Eu realmente sinto muito.”

Ele deu de ombros.

“Que Seja. Ele pensou que eu era um drogado ou algo assim. Ele está totalmente com a idéia errada. Ele é sempre assim?”

Scarlet encolheu os ombros.

“Ele está muito protetor, eu acho.”

Blake olhou para baixo e bateu os pé no chão.

“Bem, tipo, de qualquer maneira”, disse ele, “eu sinto muito que você tenha ido embora na hora que você foi. Eu realmente não tive a chance de terminar a conversa com você.”

Scarlet olhou para ele.

“Na verdade, eu acho que você teve sua chance. Mas você deixou Vivian se intrometer.”

Era hora de Scarlet falar a verdade. Ela havia tido o suficiente de meias verdades. Ele poderia pegar ou largar. Ela realmente não se importava mais. Agora, tudo o que ela pensava era Sage. Blake teve sua chance; já era tarde demais.

O estranho era que Blake sentia isso. Ele estava agindo de forma diferente em relação a ela. Era como se ele sentisse que ela não se importava mais e isso o fez querê-la ainda mais. Na verdade, ela nunca tinha visto ele tão interessado nela antes.

“Bem me ouça, de qualquer maneira”, continuou ele, tropeçando, “o baile de hoje à noite. Eu realmente quero ir com você. Você não quer ser meu par?”, ele perguntou, finalmente olhando para ela e pedindo-lhe diretamente.

Scarlet ficou chocada.

Agora? Depois de tudo? Por que ele tinha que convidá-la agora?

Ela pensou na ironia: se ele lhe pedisse apenas 48 horas atrás, ela teria ficado emocionado, ela teria feito qualquer coisa. Mas agora, ela havia realmente perdido o interesse. Agora, ela tinha Sage. E, com Sage em sua vida, nada mais importava. O baile, suas amigas, as brigas – tudo parecia tão insignificante para ela agora. Parecia um mundo distante dela.

“Eu sinto muito Blake”, disse ela. “Mas eu não posso ir com você.”

Blake olhou para ela, com os olhos arregalados de espanto. Claro que não era a resposta que ele esperava.

Scarlet não esperou por uma resposta. Ela se virou e foi andando pelo corredor, pensando em Sage – e desejando que os minutos passassem mais rápido até que ela pudesse vê-lo novamente.

CAPÍTULO VINTE

Caitlin havia perdido a noção de tempo e lugar. Ela não tinha idéia de há quantas horas ela estava naquela sala dos fundos secreta daquela livraria rara, procurando freneticamente por pilhas e pilhas de livros. Havia montanhas deles. Pior, todos estavam jogados a

esmo, em tantos lugares e direções diferentes, que era quase como se alguém tivesse tentado deliberadamente mantê-los desorganizados.

Talvez esse tenha sido o motivo: talvez quem tivesse feito aquilo queria esconder aquele livro. Caitlin tinha visto caos em livrarias e bibliotecas em toda a sua carreira – mas ela nunca tinha encontrado nada parecido com aquilo. Não só havia muitos livros como eles também eram raros e valiosos. Ela ficou espantada. Nunca tinha visto tanta abundância de riquezas sob o mesmo teto. Alguns dos livros que passaram por suas mãos, ela sabia, tinham o valor de milhões de dólares no mercado aberto. Por que alguém os trataria daquela maneira?

Claramente, Aiden sabia do que estava falando quando a enviou àquele lugar. E agora ela entendia por que a velha estava tão relutante em abrir a porta. Ela estava sentada em uma mina de ouro. Todos e cada um daqueles volumes pertenciam a um museu ou biblioteca da universidade, uma parte de Caitlin queria parar e passar um tempo com cada um que ela pegava.

Mas não havia tempo. Ela sentia uma urgência maior do que nunca, vasculhou livro após outro, abrindo os volumes o mais rápido e cuidadosamente que conseguia, olhando para o título, lendo com cuidado para ter certeza que não tinha erro de impressão e então seguia para o próximo.

Horas se passaram e ela já tinha conseguido ver uma centenas de títulos. Ela estava espirrando cada vez mais à medida que a poeira ia se acumulando e estava mais que exausta, especialmente depois de não dormir no avião. A sensação de desesperança estava começando a se infiltrar. E se o livro não estivesse ali, apesar de tudo? E se a página estivesse desaparecida? E se a cerimônia não funcionasse? E se ela não a encontrasse a tempo?

Aquilo poderia facilmente levar semanas, ela sabia, para encontrar o livro naquela sala – se é que este ainda existia. Ela teria que ser extremamente sortuda.

Caitlin examinou a sala: havia milhares de títulos ainda para ver, alguns estavam em pilhas que iam até o teto. Ela engoliu em seco, sem ter idéia de como ela poderia acessá-los.

Mas ela não era do tipo que desistia facilmente. Ela voltou para as pilhas no chão, lidando com o que podia na sua frente. Arregaçou suas mangas, esticou o braço e pegou mais um volume pesado. Ela passava por livros mais rápido agora, um, dois, três de cada vez. Agora, ela apenas dava uma olhadada nos títulos e seguia em frente. Em alguns casos, ela acabava olhando a encadernação, quando visível.

Depois de mais algumas horas, Caitlin, com as costas doloridas, apoiada em suas mãos e joelhos, chegou na parede oposta. Na parte inferior de uma das pilhas mais altas, ela arrancou um livro – particularmente grande e pesado e, ao fazê-lo, a pilha inteira desabou em torno dela; ela rapidamente cobriu a cabeça quando a pilha caiu, e saiu do caminho pouco antes de ser completamente esmagada.

Os livros, finalmente, se fixaram sob uma enorme nuvem de poeira e ela olhou para cima, atordoada e confusa. Ela sentiu vontade de chorar. Mas, quando ela olhou para cima, através da poeira, de repente, viu algo que fez seu coração parar: a pilha que havia desmoronado revelou outra menor, por trás dela, que ela não tinha visto antes. E, ali, bem no meio, havia um livro valioso, de encadernação vermelha. Ela o reconheceu imediatamente. De repente, sentiu uma emoção elétrica. Era isso. O volume que ela procurava.

Caitlin quase pulou do outro lado da sala, pegou o livro e o segurou sob a luz de velas com as mãos trêmulas. *Por favor, Deus, que seja*

este, ela pensou . Ela levantou a capa e virou nervosamente até a página de título: *De Fascino Libri Tres*.

Seu coração foi inundado com alívio. Ela mal podia acreditar. Ela realmente o encontrara.

Caitlin rapidamente folheou as páginas, indo tão rápido quanto podia para a página perdida.

Por favor, por favor, esteja aqui. Por favor, tenha a página correspondente.

Ela começou a se preocupar com o que ela faria se a página não estivesse lá. Ou se aquilo fosse tudo uma farsa. Ela tremia de antecipação quando se aproximava. 530, 532... Ela virou a página e prendeu sua respiração. Lá estava ela. 537.

E ali, diante de seus olhos, estava a outra metade da página.

Ela ficou sem palavras.

Enfiou a mão na bolsa e tirou a outra metade. Ela a colocou juntas. As bordas rasgadas se encaixavam perfeitamente. Um encaixe perfeito.

Com as mão trêmula, ela leu o texto completo pela primeira vez. Estava tudo em latim e as palavras estavam perfeitamente alinhadas. Ela leu o ritual de novo e de novo. Quando ela o fez, ela sentiu com cada poro do seu corpo de que aquilo era verdadeiro. Pela primeira vez, ficou com o coração cheio de esperança. Ali estava, bem diante de seus olhos. Uma maneira de salvar sua filha.

Com uma pontada de culpa, Caitlin delicadamente rasgou a página-metade do livro e a colocou em sua pasta com a outra metade da página. Ela pôs o livro de lado, pegou sua bolsa e correu através do quarto para a parede de pedra, batendo nela.

Em segundos, ela abriu.

Caitlin olhou com os olhos semicerrados para a luz do sol que inundava o local. Era difícil de acreditar, mas era dia. Um dia de sol brilhante. Caitlin se perguntou quantas horas ela havia estado lá. A velha estava lá, olhando para ela.

“Você o encontrou, não é?”, perguntou ela.

Ela olhou para Caitlin significativamente, Caitlin de repente percebeu que a velha sabia o que ela estava procurando o tempo todo. Como ela sabia? Será que ela estava tentando escondê-lo?

“Você sabia?”, Perguntou Caitlin.

A velha olhou para trás, sem expressão.

“Por que você não me disse onde ele estava?”, perguntou Caitlin.

“Não sou eu que devia falar”, disse a velha. “É apenas para os dignos encontrá-lo. Você, claro, é digna.”

A mente de Caitlin girou com todas as implicações. Aquela mulher estava guardando um segredo ali? Por quanto tempo? Toda a sua vida? Quem havia lhe pedido para guardá-lo? Ela era um membro de alguma sociedade secreta? No que Caitlin tinha se metido?

A velha estendeu a mão e pegou a mão de Caitlin com suas duas mãos pequenas e frágeis.

“Eu estive no seu lugar uma vez”, disse ela enigmaticamente.

Caitlin olhou para ela, tentando entender, querendo saber mais. Ela queria saber tudo. Mas não havia tempo.

“É verdade, não é?”, perguntou Caitlin, com medo. “É tudo verdade?”

A velha olhou para ela.

“Você irá entender, jovem senhora, o quão verdadeiro é.”

CAPÍTULO VINTE E UM

Sage estava no terraço da parte de trás de sua casa, observando o sol se pôr sobre o rio Hudson.

Suas malas estavam todas feitas, seguras no porta-malas de seu carro, pronto para partir. Ninguém o vira preparando sua bagagem, exceto sua irmã, o resto do seu clã esteve fora e ocupado durante o dia. Depois de sua pequena discussão, ela o deixou sozinho – e foi para Deus sabe onde.

Sage se sentia mal com isso. Os dois tinham um relacionamento longo e complicado, quase tão complicado quanto uma relação entre irmãos de dois mil anos poderia ser. Por um lado, ela sempre fora sua maior crítica, pronta para apontar seus defeitos, sempre a primeira a reclamar com seus pais sobre qualquer coisa que ele havia feito de errado. Por outro lado, ele sempre sentia que, no fundo, ela estava ligada a ele e realmente o amava. Havia, de fato, um punhado de casos ao longo dos séculos, que ele se lembrava que ela havia ficado do lado dele, surpreendendo-o completamente. Ela era assim: impenetrável. Depois de dois mil anos, ele sentia como se ele ainda não a entendesse de verdade.

Quando ele olhou para a última luz sobre o Hudson, naquele lugar que ele havia chamado de casa durante séculos, ele se sentia nostálgico. Não estava realmente pronto para dizer adeus. Ele não

estava pronto para que sua vida chegasse a um ponto final. Era incrível, ele notou que, apesar de ter vivido milhares de anos, ele ainda sentia como se não tivesse tido tempo suficiente. Ele só queria um pouco mais. Apenas o tempo suficiente para estar com Scarlet e viver a sua vida com ela.

Ele ouviu um barulho dentro de casa e respirou fundo, preparando-se. Havia chegado a hora. Ele teria que confrontar seus pais. Ele teria que dizer-lhes, contar que ele ia embora. Que este era seu último adeus.

Sua relação com seus pais era ainda mais complexa do que seu relacionamento com sua irmã. Durante alguns de seus séculos juntos, ele sentira que seus pais tinham sido mais como irmãos – e em outros séculos, pareciam que eram seus próprios filhos. O relacionamento deles parecia estar em constante evolução. Ao longo dos últimos cem anos ou mais, estavam novamente sob o papel de pais e Sage não estava acostumado com isso, ou pronto para conceder naquele momento. Agora, quando eles tentavam mandar nele, ele não se sentia obrigado a ouvir. Ele estava cansado de obedecer. Eles haviam passado séculos mandando nele. Agora, era a *sua vez*. Agora, ninguém era seu chefe. E enquanto ele sabia que iriam ataca-lo quando ele se despedisse, no final do dia, não havia nada que eles pudessem fazer sobre isso.

Sage se virou e entrou na casa, preparado para acabar com aquilo. Andou através da grande sala de estar, atravessou a sala de família, a sala de jantar e subiu a larga escadaria em mármore retorcida que conduzia para o quarto maior. Quando ele chegou ao topo, viu que as grandes portas duplas estavam abertas e entrou no aposento coberto de densos carpetes, com janelas que iam do chão ao teto, distribuídas em um círculo, com vista para o Hudson.

Ali diante de uma enorme escrivaninha de madeira, sentava-se sua mãe e seu pai, ambos estavam agitados, olhavam para baixo, debruçados sobre papéis. Ele se perguntou por que aquela

papelada estaria causando tanta preocupação a eles. Afinal, eles estariam mortos dentro de algumas semanas. Será que eles não percebiam isso? Eles deveriam estar lá fora vivendo – e não ali sentados, se preocupando.

Ele estava impressionado que todo mundo estava passando suas últimas semanas de mortalidade preocupados, fazendo qualquer coisa menos aproveitando o tempo. Ele não. Agora, finalmente, ele estava determinado a viver. Realmente viver. Desde que conheceu Scarlet, ele encontrou uma razão, e estava decidido a viver.

Os dois olharam para ele. Imediatamente, seus rostos se contorceram em frustração.

“Aí está você”, disse o pai.

“Onde você esteve durante todo o dia?”, perguntou sua mãe.

“Eu estou cansado de ser interrogado por ambos,” Sage respondeu. “Eu só vim aqui para me despedir. Estou indo embora.”

“Não você não está”, respondeu o pai.

“E onde você pensa que está indo?”, perguntou sua mãe.

“Como eu disse, estou cansado de responder para vocês dois. Foram dois mil anos incríveis. Realmente foi. Mas o nosso tempo juntos acabou. Na verdade, todo o nosso tempo neste planeta logo acabará. Vamos terminar com isso graciosamente. Despedidas são tão complicadas.”

Seus pais olharam um para o outro e então para ele. Eles viram que ele estava sério sobre aquilo. Um olhar preocupado atravessou seus rostos.

“Então é isso?”, perguntou sua mãe. “Apenas um adeus brusco? Você só vai nos abandonar? Abandonar toda a família? Só isso?”

“Isso é exatamente a sua cara”, disse o pai. “Olhar apenas para suas próprias necessidades.”

“Isto é por causa dela, não é?”, perguntou sua mãe, estreitando os olhos.

“Deixe-a em paz”, disse Sage com firmeza. “Você está desperdiçando seu tempo com ela. A chave dela não serve para nada se ela estiver morta.”

“Pelo contrário,” seu pai corrigiu. “Sua morte pode até nos fazer todo o bem do mundo. Você ainda não parece perceber que vamos fazer de tudo para ter o que queremos, não é?”

Sage balançou a cabeça lentamente. Eles simplesmente não o escutavam.

“Você não pode machucá-la”, disse ele. “Não sem me machucar.”

Seus pais bufaram com desdém.

“Você nos subestimou mais uma vez”, disse o pai. “Nós vimos que isso iria acontecer – e nós já preparamos o nosso plano de contingência. Na verdade,” ele disse, olhando para o relógio, “Lore vai sair a qualquer momento. Ele vai conseguir o que você não conseguiu e nos trazer o que você não pôde obter.”

“E então,” sua mãe acrescentou, “quando todo o resto de nós alcançar a imortalidade, adivinha quem estará ficando para trás?”

Seus pais sorriam, um sorriso maligno e Sage se sentiu furioso. Seria verdade? Eles tinham realmente pedido para Lore agir?

Ele estudou as suas expressões, seus pequenos sorrisos satisfeitos e sentiu que eles estavam dizendo a verdade.

Sage convocou sua super audição, ampliando sua atividade até os confins da casa. Com isso, ele podia ouvir um barulho em um canto distante da casa. Ele sentiu Lore correndo pelas salas. Esta reunião era o sinal. Seus pais tinham realmente colocado em ação para encontrar Scarlet. Para matá-la.

Sem mais uma palavra, Sage, de repente, se virou e saiu correndo da sala pelas portas da frente abertas, desceu a escadaria de mármore. Ele descia três degraus de cada vez e chegou no andar de baixo na grande salão de mármore. Naquele momento, Lore também estava correndo pela sala, indo para a porta da frente. Sage sentiu que ele estava indo matar Scarlet. Ele estava determinado a não deixar que isso acontecesse.

E tudo aconteceu em um flash. Sem pensar, Sage correu pela sala e atingiu Lore, derrubando-o no chão antes que ele chegasse à porta da frente. Ambos deslizaram pelo piso de mármore até se chocarem contra um muro.

Sage girou em cima dele e bateu nele várias vezes. Mas Lore era igualmente poderoso, se não mais. Ele rapidamente se colocou em cima de Sage e lhe deu uma joelhada forte, deixando-o sem fôlego. Sage, determinado, encontrou uma abertura e chutou Lore bem no peito, fazendo atravessar a sala.

“Parem! Vocês dois!”, gritou Phoenicia. Ela correu para o quarto, tentando separá-los, como ela tinha feito a vida inteira.

Mas desta vez, ela não iria. Sage estava decidido. Assim como Lore.

Sage pensou rapidamente. Ele estava desesperado, absolutamente desesperado para impedir Lore, e não havia nenhuma maneira que ele pudesse vencê-lo. Em uma súbita ideia, Sage percebeu o que tinha que fazer: ele tinha que matá-lo. Para o bem. Para sempre.

Era algo Sage queria fazer há séculos. Algo que o Grande Conselho poderia até ter permitido, dada a nova alimentação que Lore estava fazendo recentemente. Mas era algo que ninguém no clã de Sage tinha coragem de fazer.

Mas agora, finalmente, com nada a perder, tinha chegado a hora. Era hora de Sage matar um de seus companheiros Imortais. Ele nunca tinha feito isso antes. Mas ele sabia como fazê-lo.

Quando Lore se levantou e correu de volta para Sage, desta vez, Sage esperou. Ele o deixou chegar cada vez mais perto.

Sage esperou até Lore chegar ao meio da sala, debaixo de um candelabro, bem em frente ao enorme espelho sobre a lareira. E, em seguida, ele entrou em ação. Sage estendeu a mão, pegou um castiçal do manto e, assim que Lore estivesse perfeitamente alinhado com o espelho, ele o atirou.

“NÃO!” Phoenicia gritou, percebendo.

Houve uma enorme quebra de vidro, quando os pedaços do espelho caíram em um milhão de pedaços. Era o que Sage queria. Era a única maneira de matar um Imortal: pegar seu reflexo em um espelho e, em seguida, quebrar o vidro.

Sage olhou, esperando ver Lore de costas no chão, morrendo. Mas o que ele viu o surpreendeu.

Quando ele olhou para baixo, ele não viu Lore lá, mas sim Phoenicia. Ela estava deitada no chão, com falta de ar.

Com o canto do olho ele viu Lore saindo de casa.

Sage percebeu o que tinha acontecido: Phoenicia tinha saltado no meio do reflexo de Lore. Fora o seu reflexo que tinha sido preso. Foi ela que ele havia matado. Sage foi subitamente tomado por culpa e tristeza. Ele nunca teve a intenção de prejudicar sua irmã.

“Sage?”, ela chamou, olhando para ela, havia uma expressão de choque no seu rosto. “Por que você fez isso comigo?”

“Phoenicia!”, ele gritou, chorando, caindo de joelhos.

Ele se inclinou sobre ela e segurou sua cabeça entre as mãos, enxugando as lágrimas. Lágrimas dele mesmo escorriam em seu rosto.

“Eu sinto muito!”, ele lamentou. “Não era para acontecer isso a você. Nunca foi feito para acontecer a você!”

Ela ficou lá chorando, enquanto ele se ajoelhou ali imobilizado, incapaz de sair do seu lado.

“Ela realmente vale a pena?”, perguntou ela, com a voz fraca.

Enquanto ela ficou ali deitada, morrendo, Sage a embalou, suas palavras rasgavam seu coração em dois. Ele sabia que tinha que sair, correr para o baile, encontrar Scarlet. Mas ele não conseguia fugir dali, não enquanto Phoenicia morria daquele jeito. Ele se ajoelhou e a segurou, desejando que o destino não tivesse sido tão cruel.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Scarlet atravessou o terreno da escola, caminhando pela grama na noite de outubro frio, inclinava-se para baixo em direção à fogueira e ao baile. O Halloween tinha finalmente chegado e ela apertava sua jaqueta ao redor de seus ombros enquanto andava, incapaz de se aquecer.

Enquanto andava sozinha naquele local escuro, um grupo ocasional de alunos corria por ela vestidos com fantasias e gritando e agindo como bobos. Um grupo de meninos passou por ela, eles corriam em direção à fogueira e um deles gritou em seu ouvido, agindo como se fosse idiota para impressionar seus amigos. Ela pulou de susto e tentou se virar para empurrá-lo, mas no momento em que ela girou, ele já estava muito à frente, correndo em direção ao fogo. Ela odiava o Dia das Bruxas.

À distância, a fogueira estava alta e iluminava a noite, era a principal fonte de luz naquele vasto campo aberto. Em torno dela, a escola tinha colocado pequenas lanternas, que iluminavam uma área de cerca de metade do tamanho de um campo de futebol. Ela já podia ouvir a música, baixinha, o ritmo da batida, e já via as pessoas dançando, usando bastões luminosos ao redor de seus pescoços, as luzes trêmulas de seus colares pontuavam a noite como pequenos pirilampos.

Quando ela se aproximava, sentia uma dor crescente em seu estômago. O dia tinha sido interminavelmente longo, ela estava contando os minutos para que ele acabasse logo e ela pudesse estar de volta nos braços de Sage. Após o desastre de sua primeira aula, ela se manteve discreta, tentando apenas evitar todos; encontrou um boné de beisebol antigo em seu armário e o puxou para baixo, sentou-se na parte de trás de todas as aulas, curvou-se e enterrou sua cabeça nos livros.

Mas, por mais que ela tentasse se concentrar em seus livros, era inútil. Tudo o que conseguia fazer era pensar em Sage, o dia todo. Ela contava os minutos até que pudessem ficar juntos. Ela mal podia esperar a noite, mas ela sabia que Sage estava certo, era mais seguro para eles saírem da cidade na cobertura da escuridão: quando as pessoas começassem a perguntar por aí, eles já teriam uma vantagem.

Ela também entendia que ele precisava de tempo para reunir suas coisas e de despedir. Ela, por outro lado, não tinha ninguém para dizer adeus. Depois da escola, ela tinha considerado voltar para casa e fazer suas malas, mas não queria correr o risco de encontrar seus pais. Ela não podia lidar com eles. Eles haviam se tornado muito estranhos e imprevisíveis; ela quase sentia que eles tinham se transformado em estranhos em sua casa, em pessoas que ela nem sequer reconhecia. Seu pai dedicado e amoroso estava nervoso e conflituoso e sua mãe tinha simplesmente enlouquecido.

Scarlet pensou em todas as lembranças felizes que eles tiveram juntos, em quanto eles a amavam, o quanto ela os amava e enxugou uma lágrima de seu olho. Ela não conseguia entender como tudo tinha ficado tão errado tão rápido. Uma parte dela ainda os amava, sentia saudades deles e queria voltar e dizer adeus a eles.

Mas outra parte dela sabia que não seria possível agora. Ela estava mudando - e ela sabia disso, podia sentir em cada fibra do seu ser. Podia sentir seus sentidos aguçados, sua capacidade de ouvir as coisas de longe, seu olfato sensível, a dor em seus olhos, suas ondas de força e raiva. Acima de tudo, ela sentia um desejo de se alimentar, que parecia estar ficando mais forte a cada dia. Ela já não podia mentir para si mesma, não podia mais esconder o que estava acontecendo. Ela sabia que era verdade: ela estava se tornando um vampiro.

Ler o diário de sua mãe a tinha convencido. A mãe dela tinha sido um também. Ela tinha certeza disso. Ela não entendia como, nem quando, mas ela sabia que era verdade. Sua mãe sabia. E quando viu o que sua mãe escrevera, que ela deveria impedi-la, era como se uma faca cortasse seu coração. Scarlet sentiu que sua mãe queria que ela morresse e, depois disso, ela não podia suportar ver sua mãe novamente.

Então, ao invés de ir para casa, Scarlet tinha passado seu tempo depois da escola andando pelo rio, sozinha pelo Hudson. Ela

vasculhou a margem procurando por rochas e pedras de vidro e jogando-as na água. Ela sentou-se em um tronco por horas e olhou para a paisagem, observou as marés deslizando para dentro e para fora do rio, contemplando sua vida que estava por vir. Ela estava internamente, e em silêncio, dizendo adeus a tudo aquilo, àquele belo rio, àquela pitoresca cidade pequena, à vida normal, que ela uma vez conhecera. Ela sabia que, depois daquele dia à noite, após Sage buscá-la, os dois iriam embora, para longe dali, e nunca mais voltariam. E ela estava pronta.

À medida que ela chegava mais perto da fogueira, pensou novamente em Sage, na noite incrível que tiveram juntos na ilha – e seu coração bateu mais rápido. Tão chateado quanto ela estava com sua vida, ela estava igualmente feliz com Sage. Ele enchia seu coração, toda a sua alma, com uma esperança recém-descoberta. E, quando ela pensou de novo no que ele tinha lhe dito, que ele só tinha mais algumas semanas de vida, se sentiu determinada a gastar cada último minuto com ele. Ela também estava obstinada a encontrar uma solução para que ele vivesse mais tempo.

Ela estendeu a mão e sentiu o seu colar, na base da sua garganta, enquanto caminhava mais rapidamente para o fogo, estava tão perto que as vozes da multidão enchiam o ar. Ela também estendeu a mão e sentiu o anel Sage havia lhe dado. Ela adorava usá-lo: era como usar uma parte dele. Ela se perguntou onde eles iriam juntos. Não que ela realmente se importasse. Ela só queria ficar longe de ambas as suas famílias, de todos os seus amigos, de todos os obstáculos no caminho do amor deles. Ela só queria ir para um lugar onde ele poderia estar apenas com ele, com o mundo inteiro para os dois.

Quando ela finalmente chegou o grande baile, Scarlet se afastou do local, sentindo um turbilhão de emoções que passavam por ela. O dia finalmente chegara e, ironicamente, ali estava ela, aparecendo sem companhia, algo que ela jurou que nunca faria. Sem mencionar que há apenas alguns dias, ela e Maria haviam prometido que, se elas não tivessem pares, então elas iriam juntas. Como as coisas

tinham mudado tão rápido. Agora, ali estava ela, sozinha, sem nem mesmo falar com Maria; agora, nenhuma de suas amigas queriam falar com ela. Apenas alguns dias atrás, ela queria tão desesperadamente ir com Blake, mas agora, ela recusou. Agora, ela tinha um par de verdade – mesmo que ele ainda não estivesse lá.

Quando Scarlet chegou à multidão, ela examinou os rostos do pessoal, olhando esperançosamente para qualquer sinal de Sage. Ela vagou por entre a multidão espessa, olhando para as centenas de olhos. A maior parte da multidão estava fantasiada, dificultando a passagem. Ela se perguntou se ele estaria de fantasia, também – mas rapidamente tirou isso de sua cabeça. É claro que ele não o faria. Ele não precisa: ele já era diferente de todos. Ele era um Imortal.

Scarlet olhou para baixo e, de repente, se sentiu estranha sobre não estar de fantasia, mas então percebeu que era bobagem, especialmente porque várias meninas estavam vestidas em trajes de vampiro. Afinal, ela, Scarlet, era o verdadeiro vampiro ali. Qual necessidade de uma roupa?

Scarlet passou pelas mesas dobráveis, onde havia enormes bacias de ponche, com conchas e copos para servir o pessoal. Ela notou que alguns alunos derramavam em seus copos um líquido claro de uma garrafa escondida em seus bolsos. Ela percebeu que muitos desses estudantes já estavam, provavelmente, já bêbados, apesar dos olhares atentos da administração escolar.

Os altos falantes tocavam músicas de dança alto, o som quase explodia. Na pista de dança improvisada na grama, centenas de adolescentes dançavam ao ritmo; era uma visão estranha ver aquela festa na parte de fora da escola, no campo de futebol. Ela continuou abrindo passagem entre a multidão, se desviando dos grupos de pessoas, olhando para todos as fantasias, se perguntando se Sage estaria atrás de uma delas.

Sentia-se cada vez mais desesperada à medida em que se aproximava do fim da multidão e não via nenhum sinal dele. Ela foi inundada pelo pânico, com os piores cenários passando por sua cabeça: será que ele tinha mudado de idéia? Será que ele não iria aparecer, iria deixá-la esperando? Será que ela ficaria sozinha no mundo?

O pensamento fez seu coração acelerar. Ela rapidamente tentou se livrar dele. *Pense positivo*, ela disse a si mesma, de novo e de novo. *Talvez ele esteja apenas atrasado.*

Ela circulou por entre a multidão de novo e chegou na enorme fogueira. Dezenas de adolescentes estavam em torno dela, apreciando as chamas. A maioria eram estudantes desacompanhados, sem vontade de dançar na pista. Muitos deles seguravam varas longas, assando marshmallows. A enorme pilha de madeira queimava cada vez mais alto no céu da noite, estalando e crepitando.

Quando Scarlet examinou aqueles rostos, ela reconheceu, de repente, um rosto familiar: Maria. Maria notou Scarlet ao mesmo tempo. Ela olhou para ela e, em seguida, desviou o olhar, se virou e foi embora.

Aquilo magoou Scarlet e a fez querer tentar mais uma vez convencer sua ex-amigo. Talvez agora ela estaria pronta para ouvi-la. Ela odiava deixar as coisas como estavam. Scarlet correu até ela e agarrou o braço dela enquanto ela se afastava.

“Maria, espere!”

Maria se virou e lhe lançou um olhar frio.

“O que você quer?”, Ela cuspiu. “Onde está o seu namorado? Ou ele já lhe deu um fora?”

Scarlet foi pega de surpresa por sua maldade. Ela mal sabia o que responder.

“Você não tem que ser maldosa”, disse Scarlet. “Como eu disse, eu não fiz nada.”

Maria a olhou de volta, fervendo de raiva, e Scarlet podia ver que ela não tinha perdoado.

“E, como eu disse, nós somos passado”, disse Maria.

Maria se virou e saiu no meio da multidão. Não muito longe, estavam Jasmin e Becca; elas também olhavam para Scarlet, como se fosse uma inimiga. Quando Maria chegou perto delas, todo o grupo virou as costas e saíram, desaparecendo na multidão.

Assim que Scarlet estava começando a se sentir pior do que nunca, ela sentiu uma cutucada em seu ombro. Seu coração bateu rápido, ela esperava e rezava para que fosse Sage, ali para salvá-la de tudo aquilo.

Mas ela foi decepcionada por sua visão, não era ele. Era Blake. Ele estava ali, sorrindo nervosamente para ela. Seus olhos pareciam vidrados e ela podia sentir o cheiro de vodka em seu hálito.

“Eu vi você aqui sozinha”, disse ele. “Isso significa que você não tem um par?”

Scarlet mal sabia como responder. Ela realmente não queria entrar neste assunto com ele naquele momentp. Ela havia superado ele.

“Eu... hum... sim... eu tenho.”

Blake levantou as sobrancelhas, surpreso, e então ela viu um pequeno sorriso no canto dos seus lábios, como se ele não acreditasse.

“Bem, onde ele está?”, perguntou.

Ela examinou a multidão, procurando novamente por Sage, desejando que ele aparecesse. Mas, novamente, ela não viu nenhum sinal dele. O coração dela apertou. Ela não conseguia entender. O que poderia ter acontecido? Ela se sentia mais abandonada do que nunca, como se o universo estivesse contra ela.

“Eu não sei”, ela finalmente respondeu, com sinceridade.

“Não parece ser um bom encontro para mim”, disse Blake. “Eu também não tenho um par”, acrescentou. “Vivian, na verdade, me convidou. Dá para acreditar? Que coragem.”

“E o que você disse?”, perguntou Scarlet.

“Eu disse que não”, ele respondeu, com um olhar sério em seus olhos. “Porque eu queria ir com você. E eu estava esperando que talvez você fosse aparecer.”

Ele disse que com tanta sinceridade que, por um momento, Scarlet olhou em seus olhos, e se lembrou por que ela gostava dele, no começo. Ela rapidamente desviou o olhar.

“Olha, Scarlet, eu sei que eu fui um idiota”, disse ele. “Eu realmente sinto muito. Eu estava pensando em tudo o que você disse. Sobre não ficar do seu lado na frente de Vivian. E você está certa. Eu deveria ter feito isso. Sinto muito. Fui idiota. Enfim, a coisa é, eu sei como me sinto agora. Eu acho que eu estava confuso, sabe? Mas, de qualquer forma, eu realmente quero estar com você. Eu realmente quero que você seja minha namorada. Você não tem que me dar uma resposta agora. Mas, pense nisso, ok? Eu prometo, eu vou mudar.”

Scarlet ficou ali, sem saber o que dizer. Ele parecia tão sincero, suas palavras, pelo menos, amenizaram a raiva e a frustração que ela sentia dele.

“Obrigada por dizer tudo isso”, disse ela. “obrigada mesmo.”

“Eu estou indo pegar uma bebida”, ele falou. “Vou voltar daqui a pouco. Se o seu amigo ainda não estiver aqui, será que a gente pode dançar?”

Duvidava muito que ela estivesse ali quando ele voltasse. Se Sage não aparecesse, ela iria embora. Mas ela se sentia grata, de qualquer maneira.

Blake desapareceu no meio da multidão e ela suspirou e se virou para o outro lado, tomando a decisão de se afastar de Blake e procurar no outro lado do campo. Talvez Sage estivesse esperando por ela mais longe. à espreita nas sombras.

No meio do caminho, de repente, ela ouviu uma voz.

“Ora, se não é a Miss Simpatia.”

O coração de Scarlet afundou. Ela parou e se virou lentamente e, ali, atrás dela, estava Vivian, ladeada por todas as suas amigas. Elas olhavam para ela com sorrisos maliciosos e ela podia dizer, por seus olhos brilhantes, que estavam todas bêbadas. Ela também podia ver imediatamente como Vivian estava furiosa por estar ali sem um para. Claramente, isso a deixava sem graça e ela estava procurando alguém para descontar sua raiva. E ela tinha finalmente encontrado seu alvo.

“Então você acha que pode simplesmente jogar cerveja em mim em uma festa e nada lhe aconteceria?”, perguntou Vivian.

“Eu nunca joguei cerveja em você”, respondeu Scarlet.

“Não, mas a sua amiguinha sim”, respondeu ela. “Em seu nome.”

“Eu não posso controlar o que as minhas amigas fazem.”

“Mas você queria que ela fizesse, não é? E ela fez isso por você.”

Scarlet não estava com disposição para aquilo. Ela realmente não queria um confronto. Não naquele momento. Não naquele local.

Ela se virou e começou a se afastar.

De repente, ela sentiu uma mão tocando seu ombro, unhas cravando em sua pele. Ela foi empurrada quando Vivian a fez se virar para dela.

“Você nunca deve virar as costas para mim!” Vivian estalou.

Vivian puxou Scarlet para lhe dar uma bofetada no rosto e, ao fazê-lo, fez com que algo, de repente, tomasse conta de Scarlet. Era como se seus sentidos estivessem agindo por contra própria. Ela viu a mão de Vivian vindo em sua direção em câmara lenta e tudo a sua volta parecia devagar. Ela estendeu sua mão, seus reflexos mil vezes mais rápido do que ela imaginava ser possível e facilmente pegou o pulso de Vivian.

Scarlet ficou, segurando-o. Ela apertou o pulso de Vivian com força, sentindo uma fora sobre-humana correndo por ela. Vivian caiu de joelhos, chorando de dor.

“Solte-me!”, ela gritou.

De repente, uma das amigas de Vivian atacou Scarlet e, com isso, Scarlet se inclinou para trás e chutou-a em seu plexo solar. O chute foi tão forte, que a mandou voando de volta como um torpedo, derrubando todas as suas amigas no chão.

Isso causou uma grande agitação na multidão, várias pessoas se viraram e olharam em sua direção, causando grande comoção. Scarlet ficou ali parada, a raiva correndo pelas suas veias, enquanto ela mirava Vivian.

Vivian olhou para ela, seus olhos estavam arregalados, cheios de medo, ela tremia.

Enquanto Scarlet a encarava, outra coisa tomou conta dela. Ela sentiu o sangue correndo através de seu rosto, sentiu que começava a transformar, sentiu seus dois dentes incisivos aumentarem. E, depois, um formigamento nos lábios.

Ela rosnou para Vivian, um barulho animalesco, medonho, que até ela mesma se assustou. Os olhos de Vivian se arregalaram ainda mais.

“O que é você?”, Perguntou Vivian.

Scarlet foi subjugada por um desejo insaciável de se alimentar. Todos os poros de seu corpo gritavam por sangue – sangue de Vivian. Seu corpo tremia de vontade. Ela estava morrendo de desejo de se ajoelhar e afundar seus dentes na garganta de Vivian. Ela se viu bebendo, satisfazendo-se com o sangue dela. Era um desejo tão forte, que ela não sabia se ela seria capaz de detê-lo.

“Scarlet!”, veio uma voz áspera por trás.

Havia algo naquela voz, algo apenas forte o suficiente, para fazer Scarlet se virar. Lá estava Lore. Ele se destacava no meio da multidão, vestindo sua jaqueta de couro apertada, mais alto que todos os outros.

Scarlet virou e deu um tapa em Vivian, com tanta força, que o som reverberou na multidão. Vivian caiu de cara na grama e a multidão prendeu a respiração ao vê-la.

Scarlet se virou e caminhou até Lore.

“Onde está o Sage?”, ela retrucou, sua voz ainda era profundo e sombria devido a transformação.

Lore sorriu, balançando a cabeça lentamente.

“Ele não virá”, disse ele. “Ele me disse para lhe trazer uma mensagem. Desculpe. Ele mudou de idéia.”

Scarlet sentiu uma faca perfurar seu coração com aquelas palavras. Ela nunca se sentiu tão traída. Sentia-se completamente triturada.

“Ele também me pediu para que eu lhe dissesse para me dar o colar,” Lore falou, estendendo a mão.

Scarlet olhou para baixo e, de repente, percebeu que Lore estava mentindo. Sage nunca diria a ele para pedir seu colar. Ou diria?

“Vá para o inferno,” Scarlet rosnou.

Lentamente, o sorriso de Lore se desfez, e seu rosto se contorceu de raiva. Diante de seus olhos, ela o viu se transformar em uma enorme criatura com forma de corvo. Suas asas se estendiam mais e mais quando ele se aproximou para envolvê-las em torno de Scarlet.

“Eu posso matar você”, ele rosnou. “E eu vou mata-la.”

“Então me mate”, ela rosnou de volta. “Você não é o único que é imortal.”

Lore pulou em um movimento trazendo suas asas para baixo, como se fosse para sufocá-la. Mas, de repente, as asas de Lore pararam no meio do ar, a apenas alguns centímetros de distância dela. Ele olhou para seu anel, e seus olhos se arregalaram de espanto.

“Ele lhe deu o anel,” ele sussurrou, tremendo, congelado.

Scarlet se inclinou para trás e chutou Lore forte no peito, com tanta força, que ela enviou-lhe pelos ares, a centenas de metros, para o outro lado do campo, nos cantos mais escuros.

Ela tinha tido o suficiente. De repente, ela teve certeza de que Sage nunca viria e sentiu seu coração partir em um milhão de pedacinhos. Ela sabia que não podia ficar naquela multidão por mais tempo: mais um minuto ali e ela iria começar a se alimentar de todos à sua vista.

Então, ao invés disso, com um grunhido final de angústia, Scarlet saiu correndo de lá, atravessando o campo, deixando a escola e o local do baile para trás – indo para bem longe de tudo, para as profundezas mais escuras da noite.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Caitlin irrompeu pela porta da frente de sua casa e foi direto para os braços de Caleb que a esperava.

Ele a abraçou apertado, era tão bom estar de volta e sentir seu abraço. Ruth estava ao seu lado, choramingando e latindo, pulando em cima dela.

“Eu sinto muito”, disse ele. “Eu sinto muito por não acreditar que você.”

Caitlin o abraçou de volta, não querendo deixá-lo ir, especialmente depois de toda a escuridão que eles tinham passado. Finalmente, ela se sentiu vingada. Finalmente, ele acreditava. Ela sentiu o amor dele por ela percorrendo-a e, com isso, ela se sentia rejuvenescida, restaurada, não mais tão sozinha no mundo. Finalmente, ela se sentiu como se tivesse um parceiro para ajudá-la a lidar com tudo aquilo, para ajudar a salvar a sua filha.

Tudo estava certo no mundo novamente. Ali estava Caleb, de volta ao seu antigo eu, ao seu lado, confiando nela, acreditando nela. Finalmente, ele percebeu que ela não estava louca. Finalmente, ele percebeu que ela esteve certa o tempo todo – percebeu que sua filha estava, de fato, se transformando em um vampiro.

Tudo tinha acontecido tão rápido desde que Caitlin havia voltado para solo americano. Ela tinha ligado para Caleb no segundo em que seu avião aterrissou e eles estavam se falando ao telefone durante toda a sua viagem de volta do aeroporto. Ela contou-lhe tudo desesperadamente, e ficou aliviada e surpresa pois ele não estava apenas ansioso para ouvi-la, mas também realmente acreditava nela.

Ele a surpreendeu com o seu próprio conto do que havia acontecido entre ele e Scarlet, de como ela rosnou e o jogou pela sala. Ele percebeu que nenhum ser humano poderia ter feito aquilo e finalmente percebeu que ela não era a Scarlet que eles conheciam. Agora, ele queria a ajuda de Caitlin. Agora, ele queria ouvir tudo.

Caitlin, por sua vez, o atualizou com todos os detalhes de sua pesquisa, seu diário, seu encontro com Aiden, sua pesquisa em sua biblioteca e sua descoberta na livraria de Paris. Ela disse a ele sobre a página perdida. O ritual. Contou-lhe como era urgente que eles encontrassem Scarlet para realizá-la, antes que fosse tarde demais.

Mas o coração de Caitlin afundou quando Caleb disse que Scarlet havia fugido na noite anterior e que ele não tinha conseguido encontrá-la desde então. Ele havia tentado seu celular por horas, havia ligado para todos os seus amigos de novo e tinha sido incapaz de falar com eles. Ele também tinha chamado a polícia. Disse que havia uma ampla rede procurando para ela, mas nada ainda. Ele estava mais em pânico do que nunca.

A mente de Caitlin fervilhava com as possibilidades, sentiu uma maior urgência do que nunca para encontrá-la. Ela se afastou e

olhou para ele.

“Você já ouviu alguma novidade? Qualquer coisa? ”, Perguntou ela.

Ele balançou a cabeça, desapontado.

“Tudo o que tenho é uma mensagem de uma de suas amigas. Ela disse que achava que a tinha visto no baile da escola. E que ela a viu ir embora. Sozinha. Isso foi cerca de uma hora atrás.”

“Para onde ela teria ido?”, perguntou Caitlin.

“Eu não tenho idéia.” ele olhou para ela. “Esse ritual. Você realmente acha que é autêntico? ”, perguntou.

Caitlin enfiou a mão na bolsa e o tirou da pasta. Ela extraiu as metades delicadas do papel, alinhando-as sobre a mesa à sua frente. Caleb olhou para baixo e as examinou, seus olhos se arregalaram de surpresa.

“Parece antigo”, disse ele. “Que língua é essa?”

“Latim”, disse ela. “Mas isso não nos fará nenhum bem se não a encontrarmos – logo.”

O celular de Caitlin de repente acendeu e seu coração parou por um segundo, orando para que fosse Scarlet. Mas então ela olhou para baixo e ficou cabisbaixa ao ver que era apenas Polly.

“Polly, o que está acontecendo?”, ela perguntou secamente. “Você tem alguma novidade?”

“Escute,” Polly disse, emocionada: “Eu consegui falar por mensagem com um amigo dela, que mandou uma mensagem para outro amigo dela, que respondeu e disse que sabia como encontrar Scarlet.”

“Como?”, perguntou Caitlin animadamente e Caleb se aproximou.

“Aparentemente Scarlet tem um aplicativo chamado Loopt. Muitos adolescentess têm nos dias de hoje. Se você estiver logado, ele permite que você acompanhe seus amigos via GPS. E o amigo dela disse que estava logado e que viu Scarlet online, também. Ela pode ter entrado no sistema manualmente ou ela pode não ter alterado suas configurações, que estão sempre conectado por padrão.”

“Espere um segundo”, disse Caitlin, tentando entender pois Polly tinha falado muito rápido. “O que isto significa?”

“Eu estou dizendo que podemos rastrear seu celular. Não sabemos se ela está com seu celular ou se alguém o roubou, é claro, mas pelo menos podemos chegar ao seu telefone. Pelo menos até que a bateria acabe ou ele seja desliga. Temos que nos apressar.”

O coração de Caitlin deu um salto de ansiedade.

“E onde está seu celular agora?”, Perguntou Caitlin. Ela rezou para que não fosse um lugar perigoso.

“O aplicativo mostra que está na Rota 99. Cerca de 3 quilômetros ao sul da cidade. Em um bar de beira de estrada. Pete.”

Caitlin ficou em pânico. Scarlet? No Pete? Que diabos ela estaria fazendo ali? Aquele lugar era um bar de beira de estrada, pequeno e feio, em uma parte ruim da cidade, em um estacionamento de trailers a cerca de uma milha abaixo da estrada da prisão local. Era um paraíso para os condenados recém-libertados, procurando pela sua primeira bebida fora. Era um lugar onde os piores desajustados se reuniam, um lugar onde você não passa mais devagar pela frente quando o vê na estrada. O fato de Scarlet estar lá só poderia significar perigo. Perigo de verdade.

“Pegue-nos no caminho”, disse Polly. “Nós vamos localizá-la.”

“Nós já estamos saindo”, disse Caitlin.

Caleb já estava em movimento, em direção à porta e, dentro de instantes, ele entrou no carro para dar partida e Caitlin pulou. Ele acelerou e saíram para as tranquilas ruas laterais, ignorando sinais de parada, andando a 120 quilômetros por hora. Eles não parariam até encontrá-la.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kyle entrou pelas portas abertas da prisão e deu seu primeiro passo para o mundo exterior, assim que as portas se fecharam logo atrás dele. Elas tinham se fechado com muita força, Kyle percebeu, como se quisessem mesmo se livrar dele, tirar-lhe a alegria. Era o último insulto daquela instituição impiedosa, daqueles guardas sádicos, que tinham feito de tudo para maltratá-lo ao longo dos últimos cinco anos.

Mas ele não ia deixar que nada o incomodasse agora. Agora, pela primeira vez desde que ele podia se lembrar, ele estava do outro lado daqueles portões, do outro lado da torre de arame farpado. Agora, pela primeira vez, ele não tinha que responder àqueles cretinos. Ele era um homem livre. Livre. Mal podia acreditar.

Kyle sorria de orelha a orelha, respirando o ar fresco de outubro, saboreando como era a sensação de estar do lado de fora. Era incrível não ter que ouvir seus companheiros presos gritando e gritando, reverberando ao seu redor, o tempo todo. Não tem que temer por sua vida. E acima de tudo, pensou, quando ele se virou lentamente e olhou para os guardas atrás dele, não tem que dar satisfação a ninguém. Muito menos aqueles porcos.

Kyle abriu um largo sorriso ao levantar lentamente seu dedo médio direito para o guarda de pé, a poucos metros dele, perto do portão.

No passado, este guarda teria tomado sua batuta e espancado Kyle e jogado-o na solitária. Mas agora, não havia nada que o guarda pudesse fazer. Agora Kyle era um homem livre, um cidadão íntegro, assim como qualquer outra pessoa.

Bem, talvez não tão íntegro. Mas, novamente, Kyle nunca fora. Desde jovem, ele tinha prazer em torturar pequenos animais, em judiar de seus colegas de classe, em bater em pessoas mais jovens do que ele. Era tudo devido, os psiquiatras diziam, ao seu pai abusivo, que havia espancado Kyle tão forte e por tanto tempo que, um dia, quando Kyle finalmente crescera e estava grande e forte o suficiente, ele espancara seu pai de volta. Esse foi o dia em que seu pai partiu – e ele nunca mais o vira de novo.

Mas a essa altura, o estrago já estava feito. Kyle tinha 16 anos, já era enorme para um menino de seu tamanho, quase dois metros de altura, com ombros tão amplos como um tronco de árvore, e forte o suficiente para bater em seu de um metro e oitenta sem dó. Depois daquele momento, Kyle nunca mais olhou para trás. Os 16 anos levando surra haviam infundido nele uma fúria insaciável. Ele teinha que liberá-la no mundo.

Para todos os lugares em que ele olhava, ele via um alvo. Altamente paranóico e sensível demais, ele imaginava que as pessoas olhavam para ele, insultavam-no, estavam prontos para abusar dele da mesma forma que seu pai o tinha feito. E ele atacava. Ele batia nos outros antes que eles pudessem chegar perto dele, merecendo ou não. Ele deixou um grande rastro e, quando ele chegou aos 19, já tinha estado dentro e fora de dezenas de centros de detenção juvenil.

Agora, aos 35 anos, Kyle era um condenado convicto. Ele havia passado mais tempo de sua vida atrás das grades do que fora delas,

e fiel ao sei jeito, ele já estava pensando no seu próximo crime. A próxima loja que ele poderia roubar. O próximo policial com quem ele poderia brigar. A próxima garota que ele poderia atacar. A próxima luta de bar que ele poderia entrar. Sua necessidade para a violência era insaciável – e os últimos cinco anos só tinham deixado-o pior.

Kyle pensava que, aos 35 anos, ele ainda tinha, pelo menos, mais 30 bons anos pela frente para infernizar. Quando chegasse aos 65, ele imaginava, se não estivesse morto, ele se aposentaria, ou encontraria uma maneira de sair com um estrondo. Pena que não havia nenhum plano de previdência para os criminosos, ele pensava.

Kyle começou a descer pela estrada de cascalho, havia um gingado novo em seus passos, ele ia levantando poeira enquanto andava. Entrou na agitada Rota 99 e caminhou pela sua beirada. Carros passavam zunindo e, com isso, ele sorriu e estendeu um polegar. Claro que, quando os faróis iluminavam seu rosto cheio de cicatrizes, refletiam sua cabeça calva, ninguém se atrevia a parar.

Mas isso só o fazia sorrir ainda mais. Ele tampouco teria parado para si. Ninguém era tão estúpido. Kyle não queria realmente uma carona de qualquer maneira. Ele só gostava de assustar os outros.

Talvez ele causasse um pouco de pânico ao coração de algum motorista, talvez no coração de alguma mãe e seus filhos. Ele sorriu ainda mais com o pensamento, zombando de um Volkswagen Beetle que passou por ele.

Seu destino real era na mesma rua, um pequeno bar que ele se lembrava de anos atrás. Era o local perfeito para conseguir uma bebida e começar a causar confusão. Talvez ele pudesse dar uma surra em alguns moradores e desavisados, talvez, se ele tivesse sorte, poderia encontrar algumas meninas para aproveitar.

Pete. Esse era o nome do bar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Scarlet caminhava sozinha pela Rota 99, os carros passavam zunindo por ela, nunca havia se sentido tão sozinha. Não lembrava de ter tido algum dia pior que aquele.

Ela pensava e repensava em sua mente o que poderia ter acontecido com Sage. Como ele poderia tê-la abandonado daquele jeito? Será que havia mudado de idéia? Fora alguma coisa que ela disse? Será que ele percebeu que ele não estava tão a fim dela assim? Teria decidido ficar com sua família ao invés dela? Teria tudo sido apenas uma mentira? Ele realmente enviara o seu primo para pegar o colar?

O pensamento partiu completamente seu coração. Sage era a última pessoa no mundo que ela pensou que iria desapontá-la. Agora, após as brigas com seus pais e suas amigas, ela sentia que não tinha ninguém, absolutamente ninguém restante a quem recorrer. Toda a alegria e otimismo que tinha tomado seu coração naquela manhã agora estava acabado, estava mais triste do que nunca. Ela realmente sentia que não tinha mais nenhum motivo para viver.

Scarlet andava com a cabeça para baixo, deprimida, mal notava os carros. Sentia, em seu interior, que algo lentamente estava se mexendo, brotando. Era uma raiva lenta, fervente, algo insatisfeito, algo que precisava ser saciado. Era um desejo de se vingar de algo. De alguém. Uma vontade de se alimentar. Ela sentia um comichão na pele, todos os seus sentidos estavam aguçados, como, ela imaginou, um viciado em drogas, provavelmente se sentia quando precisava de mais uma dose. Anteriormente, ela tinha sido capaz de manter tudo sob controle. Mas agora, ela não conseguia se segurar.

Cada vez mais, ela se sentia como se estivesse prestes a explodir. Ela tinha uma sensação de que uma vez que ela encontrasse seu próximo alvo, ela seria incapaz de se conter.

Uma parte dela queria correr, fugir, evitar as pessoas. Mas outra parte dela estava sentindo aquele desejo desesperado que precisava ser saciado. Suas veias estavam vivas, queimando por dentro. Ela precisava de sangue novo para preenchê-las.

De repente, um carro pariu com um estrondo bem na frente dela, fazendo-a se virar. Ela olhou para cima e viu uma caminhonete preta surrada. Na cabine, havia dois homens de uns 30 anos. Eles se aproximaram até ficarem ao lado dela, frearam e olharam para fora.

Ela viu latas de cerveja nas mãos deles e podia sentir o cheiro velho de bebida vindo de dentro da cabine; podia ver pelos seus rostos que eles estavam bêbados. Tinham a barba mal feita, eram homens feios; suas mãos estavam cobertas de graxa e parecia que não trocavam de roupa há semanas.

“Ei, garota, veio a voz arrastada do homem no banco do passageiro. “O que você está fazendo em uma estrada como esta, sozinha, tão tarde da noite?”

“Entre e nós vamos lhe dar uma carona!”, O motorista gritou.

“Nós vamos nos divertir,” o outro acrescentou.

Scarlet sentiu sua raiva crescendo, quase incontrolável. Ela olhou com atenção para a pulsação deles em suas gargantas, vendo seus batimentos cardíacos. Com uma suprema força de vontade, ela se forçou a desviar o olhar. Ela se virou e continuou andando pela estrada, ignorando-os.

“Ei, garota, eu estou falando com você!”, gum deles.

Um segundo depois, ela ouviu a porta do caminhão se abrindo e, em seguida, ouviu botas no cascalho, escutou o som de ambos correndo até ela. Ela percebeu que, em alguns momentos, um deles iria agarrá-la, provavelmente tentaria jogá-la no carro e levaria para sabe se lá para onde.

Mas eles escolheram a garota errada, na hora errada.

No último segundo Scarlet se virou, assim que o primeiro estava prestes a agarrá-la. Ela rosnou, suas presas estavam salientes e um ruído sobrenatural encheu o ar.

Os dois homens pararam de frio em suas trilhas, chocados, olhos arregalados de medo. Naquele momento, Scarlet sentiu que poderia facilmente mergulhar suas presas em suas gargantas e alimentar-se – o que ela queria mais do que tudo.

Mas, com mais um esforço supremo, ela se forçou a não fazê-lo. Em vez disso, ela agarrou o mais próximo pela sua camisa xadrez, o levantou acima de sua cabeça, se inclinou para trás e o atirou.

Ele saiu voando, estraçalhou o pára-brisa, e caiu no banco da frente, estilhaços de vidro voaram por todo lugar. O outro homem fez xixi nas calças. De olhos arregalados de medo, ele se virou e correu de volta para o caminhão. Ele pulou dentro e saiu com pressa de lá. Dentro de instantes, as suas luzes traseiras vermelhas eram apenas dois pontos no horizonte.

Scarlet olhou a sua volta, estava sem fôlego, e respirou fundo várias vezes. Lentamente, ela se forçou a voltar ao normal e, aos poucos, suas presas retraíram. Ela estava orgulhosa de sua auto-disciplina. Mas ela se sentia como um animal faminto. Não sabia por quanto tempo mais ela aguentaria.

Examinou o horizonte e viu, não muito longe dela, um bar de beira de estrada. Tinha um sinal barato de néon piscante, faltava uma letra. Ele piscou: Pete.

Ela estava morrendo de sede. Talvez se ela tomasse um pouco de água, um pouco de comida – qualquer coisa – poderia ajuda-la a conter seu anseio. Ela tinha que tentar alguma coisa. Qualquer coisa.

Tentaria no Pete.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando Scarlet entrou pela porta do pequeno bar, ela soube imediatamente que aquilo seria um erro. Uma dúzia de moradores locais estavam sentados ao balcão, eram homens grandes e corpulentos, todos eles se viraram e olharam para a porta que se fechou atrás dela.

O barman olhou na sua direção também, como se perguntasse o que uma garota como ela estaria fazendo em um lugar como aquele. Era um lugar um pouco nojento, lâmpadas fluorescentes piscavam, havia uma máquina de pinball quebrada em um canto e uma pequena mesa de sinuca sem as bolas. O bar parecia mais uma sala de estar do que um estabelecimento de boa-fé. Já era tarde, ela percebeu e, claramente, aqueles homens estavam profundamente bêbados. Ela podia sentir a energia sombria e uma parte dela queria se virar e correr.

Mas outra parte dela estava desesperada. Ela precisava de água, comida – ela não sabia o que. Alguma coisa estava acontecendo com seu corpo e ela mal conseguia pensar direito.

Scarlet correu para o balcão, respirando com dificuldade e fez sinal para o garçom.

“Água”, ela engasgou. “Eu preciso de água. Por favor.”

Ele cautelosamente encheu um copo com água da torneira e entregou a ela.

“Você tem documento de identidade para estar aqui?”, perguntou.

Sem parar, Scarlet bebeu todo o vidro de quase 450 ml de água. Era tão bom sentir algo descer pela garganta. Ela estava sedenta e não sabia o porquê.

“Mais”, ela engasgou.

O bartender encheu seu copo e ela continuou bebendo. Ela respirou fundo, se sentindo um pouco melhor. Mas ela ainda não estava saciada. Suas veias ainda estavam gritando por outra coisa. Algo mais.

Sangue.

Scarlet se virou e examinou os rostos dos homens no bar, todos sorriam para ela como se ela fosse um tipo de presa. Eles lambiam os lábios, como se estivesse esperando para dar o bote. De repente, ouviu um som diferente de uma maçaneta sendo girada; Scarlet se virou e viu um homem enorme perto da porta. Ele tinha acabado de fechá-la, bloqueando a saída com a sua estrutura maciça. Ele olhou para Scarlet como se algo do céu tivesse acabado de cair em seu colo.

Scarlet fez um esforço para respirar, para manter a calma. Ela não queria ferir aqueles homens. Ela não queria matá-los. Ela não queria se alimentar de ninguém. Tudo o que queria era ser deixada em paz. Sair dali. Dar um fim àquele pesadelo.

O homem enorme, que tinha o rosto coberto de cicatrizes e uma cabeça calva e brilhante, caminhou até ela. Ele parecia zombar dela. Era o maior cretino que ela já tinha visto.

“Meu nome é Kyle,” ele disse a ela, enquanto ele se aproximava.
“Qual é o seu, garota?”

“Vá para o inferno,” Scarlet disse.

Um coro de oohs surgiu no bar, enquanto os outros homens gritavam, se divertindo. Kyle, humilhado, parecia beterraba vermelha. Ele estendeu suas duas mãos, agarrou-lhe os pulsos e a puxou para si. No mesmo movimento, ele a tirou do chão e começou a carregá-la, como se ela fosse uma boneca de pano.

Scarlet lutou, chutando e dando cotoveladas, mas não adiantava. Aquele homem era enorme, tão forte como uma rocha, ela não conseguia se libertar. Ela convocou sua raiva, sua força sobrenatural, mas, por algum motivo, não estava funcionando.

“Tire suas mãos de mim!”, Ela gritou.

“Querida”, disse ele, enquanto a arrastava para a parte de trás do bar, através de uma porta escondida, em uma sala segregada, “essa é a última coisa que eu vou fazer com você hoje à noite.”

A última coisa que Scarlet viu foi a porta se fechar atrás dela, enquanto o homem a segurava com mais força e a levava cada vez mais para o fundo, para a escuridão.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Caitlin se sentou no banco do passageiro, enquanto Caleb acelerava, Sam e Polly estavam na parte de trás. Eles os pegaram no caminho e Polly estava rastreando os movimentos de Scarlet em seu iPhone. Eles aceleravam pela Rota 99, todos ansiosos, Caleb estava a 150 quilômetros por hora, correndo para o bar Pete.

“Eu vejo ponto azul dela!” Polly gritou, colada ao seu telefone. “Ela ainda está lá. Estamos chegando mais perto. Eu vejo isso!”

“Espero que seja realmente ela e não apenas seu celular”, disse Caitlin, com um sentimento de inquietante.

Pela milionésima vez, ela agonizou sobre o que sua filha poderia estar fazendo a Pete. Ela se perguntou mais uma vez se ela havia cometido um erro ao ter ficado longe por muito tempo, ao ter ido para Paris, se ela deveria ter ficado ali, em casa, e ter feito tudo o que podia para protegê-la. Ela se sentiu sobrecarregada com ondas de culpa e ansiedade.

Mas ela, pelo menos, tinha o conforto de estar ali com Caleb, Polly e Sam. Haveria um pessoal mal encarado no Pete e, se houvesse alguma confusão, não havia ninguém mais que ela gostaria de ter ao lado do que Caleb e Sam. Os dois tinham a força necessária para tirar Scarlet de qualquer encrenca.

“ALI!” Caitlin gritou, apontando. “Lá em cima, à direita!”

Caleb diminuiu drasticamente a velocidade do carro, deixando-o em menos de 60 e deu uma guinada forte para fora da estrada, para o estacionamento de cascalho do Pete. Uma buzina de caminhão soou alto por trás dele mas ele não se importou.

Ele catnou os pneus ao parar em frente ao bar.

“Ela está aqui!” Polly gritou. “Com certeza!”

No segundo em que pararam, os quatro saltaram para fora do carro, o motor mal havia desligado, e correram juntos para a porta. Caleb alcançou primeiro, Sam logo atrás dele, e então Caleb tentou abrir a maçaneta.

“Está trancado”, disse ele, confuso.

“Isso não faz sentido”, disse Caitlin. “As luzes estão acesas. Eu vejo pessoas lá dentro. Eu ouço a música.”

“Eu estou lhe dizendo, eles trancaram”, disse ele.

“Por que fariam isso?”, perguntou Polly.

E então, de repente, como se houvesse uma pedra em seu estômago, Caitlin percebeu. Eles queriam manter alguém preso no interior. Seu estômago se contorceu ainda mais, ao pensar em Scarlet. Ela estava sendo mantida em cativeiro lá?

“Afastese”, disse Caleb. Ele devia ter pensado a mesma coisa.

Ele tomou impulso e começou a correr, depois bateu seu ombro contra a porta. Ela balançou, mas não cedeu.

“Eu vou ajuda-lo”, disse Sam, se preparando. “No três, nós derrubamos essa coisa. UM DOIS TRÊS!”

Os dois deram alguns passos para trás e colidiram seus ombros contra a porta, que saiu voando em pedaços de madeira.

Os dois entraram correndo, Caitlin e Polly vieram logo atrás. Assim que o fizeram, o caos foi imediato. Uma multidão de cerca de uma dúzia de locais, homens grandes e corpulentos, fizeram uma careta para eles. Havia uma energia animada no ar, como se todos estivessem tramando algo – ou escondendo.

“O que diabos você pensa que está fazendo com a nossa porta?”, um deles gritou.

“Quem diabos você pensa que é?”, gritou outro.

“Onde ela está?” Caleb gritou de volta, caminhando em direção a eles. “Minha filha. ONDE ELA ESTÁ?”

Os moradores sorriram um para o outro e, quando o fizeram, Caitlin soube imediatamente que ela estava aqui.

“Você quer dizer aquela coisinha meiga?”, um deles zombou. “Eu diria que ela está deixando alguém tocar nela bem agora!”

Seguiu-se um coro de risadas dos outros moradores.

O rosto de Caleb ficou em um tom de roxo quando ele assumiu a expressão mais sombria que Caitlin já tinha visto em sua vida. Ele ameaçou o homem que estava falando, agarrou-o com as duas mãos, levantou-o acima de sua cabeça e o jogou em seu amigo. Os dois caíram no chão.

Houve som de vidro se quebrando quando um dos locais se esgueirou por trás de Caleb por trás e, antes que alguém pudesse reagir, esmagou uma garrafa com força na parte de trás de sua cabeça. Caitlin assistiu, horrorizado, quando Caleb caiu no chão.

“Oh meu Deus, Caleb!”, ela gritou.

Sam entrou em ação. Ele abordou o homem, levando-o para o chão.

Mas um momento depois, mais três caras saltaram em cima de Sam, chutaram-no em sua caixa torácica, expondo seu peito e costelas e o derrubaram.

Caitlin correu para o bar, pegou uma garrafa vazia e a quebrou na parte de trás da cabeça do homem que estava chutando Sam. Mas,

de repente, ela levou um tapa forte no rosto. Depois, ela foi empurrada contra uma parede, e outro homem a agarrou por trás, restringindo seus braços. E um outro agarrou Polly.

Caitlin ficou ali, preso, indefesa, enquanto via Caleb deitado e inconsciente e Sam levando uma surra no chão.

Só Deus sabia onde Scarlet estaria. Aquele era o momento mais terrível da vida de Caitlin. Ela faria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, só para se libertar, e ser capaz de salvar seu marido, seu irmão, sua melhor amiga e, acima de tudo, sua filha – daqueles homens repugnantes.

Ela se perguntou se aquelas pessoas iriam matá-los. Certamente parecia que estavam indo nessa direção. Sentia-se mais impotente do que nunca.

Foi quando a porta do bar se abriu.

Os homens se viraram e Caitlin viu, ali, um rapaz que parecia ter talvez 18 anos. Ele era alto, com ombros largos, olhos cinzentos e marcantes e tinha um nobre queixo empinado. Ele usava uma jaqueta de couro apertada e ela teve a estranha sensação de que já o conhecia antes.

Caitlin não teve certeza do que exatamente aconteceu em seguida. Ela piscou os olhos e, um momento depois, o menino estava do outro lado do bar. Ela não entendia como ele foi capaz de atravessar o local tão rapidamente. Mas ele o fez. E, em outro piscar de olhos, ele já tinha conseguido derrubar todas as cinco pessoas que estavam chutando Sam. Ele deu socos e pontapés como se fosse um vendaval, foi como se um furacão tivesse entrado ali.

Caitlin observava, de olhos arregalados, em reverência. Inspirada por ele, ela ergueu o cotovelo e o atingiu por trás, dando uma cotovelada no homem que a segurava com força no seu plexo solar. Ele tombou e ela se aproximou, pegou uma garrafa e bateu com

força em seu rosto. Ele caiu de joelhos e ela chutou com força várias vezes no intestino dele.

O rapaz circulou pela sala, nocauteando todos, exceto Caleb, Sam, Caitlin e Polly. Dentro de um momento, o chão estava coberto de corpos. Ela queria saber quem era aquele menino? Como ele tinha aquela força? E por que ele estava ajudando?

O menino correu e ajudou Caleb e Sam a se levantarem. Os dois olharam para ele, atordoados, sem entender o que tinha acontecido.

“Obrigado”, disse Caitlin, dando um passo a frente. “Você salvou nossas vidas. Quem é você?”

“Sage. Onde ela está?”

Caitlin se perguntou como ele sabia sobre Scarlet. Será que ele tinha ido ali para procurar por ela?

O menino não esperou por uma resposta. Ele olhou pela sala e, em seguida, seus olhos se fixaram na porta de trás do bar.

Ele se apressou para ir até ela e Caitlin e os outros foram atrás dele também.

Sem parar, Sage chutou a porta para derrubá-la e ela saiu voando de suas dobradiças. Caitlin parou, horrorizada: ela não podia acreditar no que via.

* * *

Embora Scarlet lutasse, ela não conseguia dominar o homem. Ele a levara para aquela sala nos fundos, acendeu uma luz fluorescente barato e a jogou pela sala; ela caiu com força sobre a um sofá velho e duro, batendo a cabeça na borda de madeira. Ela ficou ali, tremendo, tentando se orientar.

Quando ela se sentou, ele lhe deu um tapa forte no seu rosto, derrubando-a.

O homem atravessou a sala e acendeu outra lâmpada ao lado, mais distante.

“Eu quero ser capaz de vê-la quando eu fizer isso”, ele rosnou. “Parece que é a minha noite de sorte.”

Scarlet ficou ali, queimando de raiva com a injustiça do mundo. Não era justo. Aquilo simplesmente não era justo.

Ela começou a experimentar uma nova sensação. Uma ira cresceu através dela, uma profunda, raiva primitiva do mundo. A ira tomou conta dela, subia por suas veias. Até agora, ela tinha tentado com tanto esforço conter seu desejo para não machucar ninguém. Não se alimentar de ninguém. Era tão contra sua natureza.

Mas, quando aquele homem nojento, aquele terrível predador, caminhou em sua direção, olhando-a com tanta malícia, Scarlet não podia se segurar por mais tempo. A fúria primitiva acordou dentro dela e, desta vez, ela a deixou aumentar. Um tremenda calor formigava em suas veias, ergueu seus cabelos, deixando-os em pé, desde os dedos dos pés até a cabeça.

Ela respirou com mais força e mais barulho e, lentamente, sentiu seus dentes ficarem salientes. Ela se sentia transformada. Ela não tinha mais medo de sua raiva. De seu desejo. Agora ela estava pronta para aceita-los. Agora, finalmente, ela estava pronta para abraçar quem ela era. Pronta para se alimentar.

Pronta para destruir.

À medida que o homem se aproximava, agora a apenas alguns metros de distância, Scarlet, de repente se levantou. Ela ficou ali à sua frente e, em seguida, ela soltou um grunhido horrível e sobrenatural. Era o grito angustiada de um animal selvagem, que

estava enjaulado há séculos e, finalmente, fora solto. Sua jaula tinha finalmente sido aberta.

Apesar de enorme altura do homem, sua força e amplitude, apesar de suas cicatrizes, apesar de ser o homem mais malvado que ela já conhecera, ele parou no meio do caminho ao vê-la. E, em seus olhos, ela podia ver, pela primeira vez, um medo verdadeiro. Ele estava em pânico. Em estado de choque total.

Mas era tarde demais para ele agora. Qualquer pingo de compaixão dentro dela tinha esgotado há muito tempo. Aquela era a nova Scarlet. Agora, era ela contra o mundo.

Scarlet se lançou contra o homem, inclinou sua cabeça para trás e mergulhou suas presas profundamente em sua garganta.

Afundaram-se mais e mais profundamente, atingindo sua veia.

Ele gritava ao cair de joelhos.

Ela bebeu.

Ela bebeu, bebeu e bebeu do homem caído no chão sob seus pés. Ela o fixou no chão, como um animal, subiu nele e foi sugando seu sangue até a última gota. Ela sentiu seu corpo infundindo com um novo tipo de energia, um poder ilimitado. Pela primeira vez, o seu desejo fora aliviado. Ela sentiu-se restaurada, rejuvenescida, satisfeita de uma forma que ela não tinha sido capaz de sentir desde que tudo aquilo começara. Finalmente, ela se sentia realizada.

Naquele momento, a porta se abriu.

Ela se virou, assustada e levantou suas presas sangrentas. Através da sangrenta, névoa vermelha, fracamente, ela viu figuras que ela conhecia. Ela viu cinco pessoas, ali de pé, olhando para ela e, em algum lugar, no fundo de sua consciência, ela se lembrava deles. Os pais dela. Sua tia e tio. Sage.

Mas aquilo tudo estava nebuloso, era uma memória distante agora. Naquele momento, eles eram apenas números em uma névoa. Figuras que ela mal conhecia.

Scarlet tinha se transformado. Ela não era mais uma adolescente. Deixara de ser humana. Ela era agora um vampiro. Um vampiro completamente desenvolvido, pronta para se alimentar do mundo.

E, sem hesitação de mais um momento, ela se virou e irrompeu pela janela traseira. Ela explodiu em uma corrida pela plena noite enluarada, rugindo ao fazê-lo, saltando no universo, pronta para ir a qualquer lugar, bem longe dali.

E disposta a não parar por nada até que ela encontrasse sua próxima vítima.

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO QUATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)